

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

RODRIGO DUARTE BUENO DE GODOI

**Muito mais que um grupo de Facebook:
das experimentações sociais às lógicas de mediação no LDRV**

São Leopoldo
2020

Rodrigo Duarte Bueno de Godoi

Muito mais que um grupo de Facebook:
das experimentações sociais às lógicas de mediação no LDRV

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2020

G588m Godoi, Rodrigo Duarte Bueno de.

Muito mais que um grupo de Facebook : das experimentações sociais às lógicas de mídiatização no LDRV / Rodrigo Duarte Bueno de Godoi. – 2020.

169 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2020.

“Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa”.

1. LDRV. 2. Grupos de Facebook. 3. Lógicas de mídiatização. 4. Circulação. 5. Arranjos interacionais. I. Título.

CDU 659.3

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecário: Flávio Nunes – CRB 10/1298)

RODRIGO DUARTE BUENO DE GODOI

**MUITO MAIS QUE UM GRUPO DE FACEBOOK: DAS
EXPERIMENTAÇÕES SOCIAIS ÀS LÓGICAS DE MUDIATIZAÇÃO NO
LDRV**


Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADO EM 20 DE MARÇO DE 2020.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. BEATRIZ BRANDÃO POLIVANOV - UFF
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. PEDRO GILBERTO GOMES - UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROFA. DRA. ANA PAULA DA ROSA - UNISINOS

AGRADECIMENTOS

Não cheguei até aqui sozinho, tive ajuda de muita gente. É justamente a imprecisão sobre como agradecer e mensurar a importância de tantos sujeitos e experiências no fazer das páginas que se seguem neste trabalho, que encaro esses agradecimentos como uma tentativa de capturar o ressoar daqueles que, de uma forma ou outra, colaboraram para que essa pesquisa fosse produzida.

O mais profundo vai a minha mãe, Ivete. Agradeço a ela por ter sido a minha maior incentivadora aos estudos e sempre estar ao meu lado me guiando para a vida, no entendimento de que o saber é algo que ninguém pode tirar de mim. Da mesma forma, sou grato ao meu pai. Sinto a necessidade de agradecê-lo nestas linhas pelos esforços em minha criação, que hoje resultam na construção de um pesquisador.

Por outro lado, é impossível nominar todos os professores que atuaram e certamente foram transformadores. Com alguns ainda tenho relação, mas sei que muitos marcaram minha educação. No reconhecimento dos esforços de tantos docentes (tanto do ensino público fundamental e médio, como da graduação), importantes para minha formação, meu muito obrigado.

Nos últimos dois anos, mais especificamente, uma presença tem sido inquietante no processo de aprendizagem. Ana, orientadora desta dissertação e, ousado dizer, amiga, tem se prefigurado muito além do papel de guia deste estudo. Sua constante força, presença, sensibilidade, disponibilidade em ajudar e o seu sempre bom humor, tem a tornado uma força motriz de metamorfose do antigo Rodrigo para a formação de um pesquisador e professor. Foi muito importante ter alguém com uma atitude sempre tão positiva, que acreditava e incentivava na/a potência do trabalho. Por isso, sou profundamente grato por ter tido a oportunidade de aprender contigo, Ana.

Além disso, os professores do PPG da Unisinos, especialmente da linha midiatização e Processos Sociais, também representam um alicerce importante para o processo de formação. Pela generosa acolhida e pelo conhecimento transmitido, meu muito obrigado.

Reconheço também a importância da leitura cuidadosa e sábios apontamentos da professora Sonia Montañó e do professor José Luiz Braga, presentes na banca de qualificação. Além disso, agradeço à professora Beatriz Polivanov e ao professor Pedro Gilberto Gomes pelo diálogo na defesa da dissertação.

Aos amigos que, mesmo de longe, mantém laços e, aos novos construídos, agradeço pelas conversas, trocas, debates e carinho... Aos momentos que não pude estar presente, hoje

encontro na dissertação uma significação, que não substitui, mas em alguma medida reconfigura a ausência. Ao Paulo e a Claudia, pelos papéis incríveis. À Fernanda, Ângela e Janice, pelas risadas e memórias que vem sendo construídas desde a graduação. Ao João, Pedro e Evellin pela constante solidariedade. Ao Marlon pelas generosas conversas e pela atenta leitura. À Emily, Kelly e Laura pela ternura. Ao Cassiano, pelo constante companheirismo acadêmico e de vida. Aos muitos que, apesar de querer, não pude citar, meu muito obrigado.

Além destes, separo um agradecimento especial aos membros do LDRV e, também, ao Kaerre Neto. Vocês foram essenciais, muito obrigado.

Agradeço também a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela concessão de bolsa nível taxa, sem a qual não teria condições de realizar este sonho.

“(…) A leitura é um veneno que age de mansinho. Em pequenas doses age apenas como estimulante. A mente leitora, em sua calma olímpica, escolhe, entre os livros que se propõem, um ou outro cujo tema parece dizer-lhe respeito. Esse tema não importa, como veremos, e a aparente escolha era meramente ilusão da mente. Abre o leitor a primeira página do livro “escolhido”, e o doce veneno da leitura começa a pingar para dentro da sua mente. Esta abre as suas pétalas, e, passivamente, deixa levar-se pelas palavras e pelos pensamentos do autor do livro. Entra em conversação passiva. É como se o autor tivesse tomado o leitor pela mão, para seduzi-lo por seus caminhos. E o leitor se deixa levar, ansioso por ser seduzido. Chega à última página, e surge a necessidade de fechar-se o livro. O instante é lamentável. Talvez por esta razão o leitor devora, impaciente, as primeiras páginas, mas demora nas últimas e lê com cuidado crescente, para adiar o desfecho inevitável. Mas, finalmente, o livro está fechado. O autor está agora dentro da mente do leitor, e continua revolvendo-se nela. Esse remexer-se de pensamentos alheios dentro da própria mente age como estimulante. O leitor não está satisfeito. Algo nele exige que algo aconteça. Na linguagem diária dizemos, para minimalizar o aspecto diabólico desse fenômeno, que a curiosidade do leitor foi despertada. Existencialmente trata-se, entretanto, da luxúria do ler que foi incentivada pela primeira “satisfação” que obteve”. (FLUSSER, 1965, p. 93).

RESUMO

A ambiência de midiatização (GOMES, 2017) – portanto, o cenário de transformação das práticas sociais (FAUSTO NETO, 2006) – provocam o desenvolvimento de diversas experimentações sociais, conforme questões e propósitos diversos, derivando em arranjos e/ou dispositivos interacionais (BRAGA, 2006; 2011; 2018a) figurados por produções de sentido (ROSA, 2019) de atores sociais afetados pelo processo de midiatização. Emblematicamente, tais arranjos indicam como a própria cultura contemporânea é estruturada. Frente a essa problemática, este estudo se projeta a investigar a singularidade do grupo de Facebook LDRV (ou Lana Del Ray VEVO) através de um estudo de caso (BECKER, 1999), tentando compreender as lógicas específicas do seu sistema de comunidade e de que maneira as dinâmicas interacionais entre os participantes – por meio de diversos usos, apropriações, operações e códigos – dão a ver o próprio funcionamento do arranjo social engendrado. As lógicas percebidas são observadas a partir de três eixos de experimentação, identificados a partir das especificidades do objeto: o grupo, a administração do grupo e as operações dos membros do grupo. A tática de análise envolveu a dissecação de tais lógicas, com o objetivo de entender de que forma esses processos em aberto se constituem. Isso permitiu a produção de inferências acerca da constituição do arranjo, sua relação com o contexto de polarização social e o que ele dá a ver sobre a própria cultura em que está imerso.

PALAVRAS-CHAVE: LDRV. Grupos de Facebook. Lógicas de Midiatização. Circulação. Arranjos interacionais.

ABSTRACT

The mediatization ambience (GOMES, 2017) - therefore, the scenario of transformation of social practices (FAUSTO NETO, 2006) - provoke the development of several social experiments, according to different questions and purposes, resulting in arrangements and / or interactional devices (BRAGA , 2006; 2011; 2018a) figured by meaning productions (ROSA, 2019) from social actors affected by the mediatization process. Emblematically, such arrangements indicate how contemporary culture itself is structured. Faced with this problem, this study aims to investigate the uniqueness of the Facebook group LDRV (or Lana Del Ray VEVO) through a case study (BECKER, 1999), trying to understand the specific logic of its community system and what In this way, the interactional dynamics between the participants - through different uses, appropriations, operations and codes - show the very functioning of the social arrangement that was created. The perceived logics are observed from three axes of experimentation, identified from the specifics of the object: the group, the administration of the group and the operations of the group members. The analysis tactic involved the dissection of such logics, in order to understand how these open processes are constituted. This allowed the production of inferences about the constitution of the arrangement, its relationship with the context of social polarization and what it gives to see about the very culture in which it is immersed.

KEYWORDS: Facebook groups. Logics of Mediatization. Circulation. Interactional arrangements.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tour do cofre	13
Figura 2 - Nubank respondendo a ator social referente a tour do cofre	14
Figura 3 - Netflix Brasil twittando sobre o assunto.....	15
Figura 4 - Publicação Lana Del Rey.....	16
Figura 5 - Descrição dos grupos no Facebook	41
Figura 6 - O grupo	55
Figura 7 - Post de parceria do grupo com marca.....	56
Figura 8 - Campanha publicitária inspirada no grupo	57
Figura 9 - Post de membros.....	64
Figura 10 - Post de membros.....	65
Figura 11 - Post de membros.....	65
Figura 12 - Aspecto de inconstância do grupo	67
Figura 13 – Aba de seções.....	79
Figura 14 - Unidades	80
Figura 15 - Unidades	81
Figura 16 - Regras do grupo	82
Figura 17 - Regras do grupo.....	83
Figura 18 - Veredito Watch parties	88
Figura 19 - Post da administração no grupo	91
Figura 20 - Espaço de feedbacks	92
Figura 21 - Aviso fixo sobre saúde psicológica	95
Figura 22 - Presença pop no grupo.....	98
Figura 23 - Exaltação do orgulho LGBTQ+ através do humor.....	100
Figura 24 - Plataforma notificando que um amigo comentou em uma publicação.....	101
Figura 25 - Uso de memes em publicações	102
Figura 26 - Uso de imagens em publicações	102
Figura 27 - Eras do grupo	105
Figura 28 - Grupos temáticos	109
Figura 29 - Ramificações do grupo	111
Figura 30 - Subgrupo Music To Watch LDRV	112
Figura 31 - Subgrupo LDRV Manda Jobs.....	113
Figura 32 - Subgrupo LDRV shitposting	114

Figura 33 - Subgrupo LDRV's Material girls	115
Figura 34 - Subgrupo LDRV of Legends	116
Figura 35 - Subgrupo Vênus em LDRV	116
Figura 36 - Subgrupo LDRV Ocultismo	117
Figura 37 - Subgrupo Mad Fat Geeks LDRV	118
Figura 38 - Subgrupo Ultra Alolan LDRV	119
Figura 39 - Subgrupo LDRV na gringa	119
Figura 40 - Subgrupo Estuda LDRV	120
Figura 41 - Subgrupo LDRV SM	121
Figura 42 - Subgrupo LDRV MakeUp	122
Figura 43 - Imagem colocada em circulação no grupo	123
Figura 44 - Aviso da administração do grupo	124
Figura 45 - Subgrupo LDRV UPSIDE DOWN	126
Figura 46 - Regras LDRV UPSIDE DOWN	127
Figura 47 - Página oficial do grupo	130
Figura 48 - LDRV Party	130
Figura 49 - LDRV Store	131
Figura 50 - Reclama LDRV	132
Figura 51 - Publicação da página Reclama LDRV	133
Figura 52 - Perfil no Instagram LDRV Store	134
Figura 53 - Perfil no Instagram LDRV	135
Figura 54 - Perfil no Twitter LDRV	136
Figura 55 - Perfil no LinkedIn LDRV	136
Figura 56 - Post de criador do grupo	140
Figura 57 - Comentário	143

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 DISSERTAÇÃO <i>TOUR</i> : CONHECENDO A PESQUISA.	19
1.2 ESTADO DA ARTE E AS PISTAS QUE O LDRV DEIXA.....	21
1.2.1 Ao buscar outras pesquisas, o que encontramos?	21
1.3 A BUSCA PELO OBJETO ENTRE OS ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS..	27
1.3.1 Um breve percurso de método: construindo o objeto.	28
2. A CONSTITUIÇÃO DO CASO.....	32
2.1 CONTEXTUALIZANDO: GRUPOS DE FACEBOOK EM UMA SOCIEDADE EM VIAS DE MEDIATIZAÇÃO	32
2.1.1 O meio Facebook e a sua não opacidade	43
2.2 O LDRV	51
2.3 DO PROBLEMA DE PESQUISA AO CAMPO DE OBSERVAÇÃO: DELIMITAÇÃO DO CASO.	58
2.3.1 Campo de observação.....	61
2.4 INFERÊNCIAS INICIAIS	62
3. TÁTICA METODOLÓGICA	69
3.1 O QUE PROPRIAMENTE É ANALISADO NO OBJETO?	70
3.1.1 Estratégia de análise.....	72
3.1.1.1 Usos	72
3.1.1.2 Apropriações.....	73
3.1.1.3 Operações	74
3.1.1.4 Lógicas	74
3.1.1.5 Códigos.....	74
4. ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS	77
4.1 EXPERIMENTAÇÕES NA GESTÃO DO GRUPO LDRV	78
4.1.1 O grupo e seus regramentos	78
4.1.2 A administração do grupo na prática.....	90
4.1.3 A política do LDRV	96

4.2 EXPERIMENTAÇÕES DOS MEMBROS DO LDRV	98
4.2.1 Operações dos atores na comunidade.....	98
4.2.2 As manas do LDRV vão dominar o mundo	103
4.3 EXPERIMENTAÇÕES DO GRUPO	104
4.3.1 As gerações do grupo.....	104
4.3.2 Ramificações do grupo	108
4.3.2.1 Olhando de perto as lógicas do LDRV MAKEUP e LDRV UPSIDE DOWN: ramificações <i>by popular demand</i>	121
4.3.2.2 Ramificações em páginas e perfis no Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn: interfaces com o que está fora do grupo.....	129
4.3.3 A galáxia LDRV: mundos diversos em interação.....	138
4.4 O MEIO FACEBOOK QUE CONSOME O GRUPO	139
4.5 DESFECHO DA <i>TOUR</i> : AS LÓGICAS ESPECÍFICAS DE MEDIATEZACÃO E O EXERCÍCIO DO ARRANJO.....	145
5. UM ÚLTIMO EDIT DA <i>TOUR</i>: PALAVRAS FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS:	160
ANEXOS	168

1. INTRODUÇÃO

“O discurso escrito é um produto estranho, que se inventa, no confronto puro entre aquele que escreve e ‘o que ele tem a dizer’ (...).” (BOURDIEU, 1990, p. 9, grifos nossos).

Demorei um tempo para iniciar este texto. Não por não saber exatamente o que teria nele, mas por saber que, começando-o, estaria dando início ao final do meu trajeto no mestrado. As palavras, aqui condensadas, carregam a representação de um processo que por si só não aconteceu na temporalidade de escrita deste texto, mas que, de um jeito ou de outro, culmina aqui.

A preocupação de me fazer entender sem ser prolixo, ou simplório, faz parte do confronto que Bourdieu (1990) assinalava. Não enxergo de forma diferente: a realização desta pesquisa, traduzida em texto, ganha vida, inventa-se e carrega em sua gênese um confronto ligado diretamente a minha experiência subjetiva¹, que é algo que na escrita destas palavras vou percebendo e me dando conta da presença da própria transformação do sujeito pesquisador.

Assim, este texto é ativo e se inventa, à medida que o que tenho a dizer nele é confrontado com o que de fato digo. Esse enfrentamento entre escrito e pesquisador, que tenta traduzir algo essencialmente inapreensível, resulta num trabalho que fundamentalmente possui a sua própria temporalidade. Rearranjado aos moldes de uma dissertação, este tempo traduzido em texto é resultante de uma processualidade em que o próprio pesquisador é afetado transversalmente pelo fazer da pesquisa. Portanto trago, na medida do possível, a minha própria presença e o trajeto feito para a construção deste relatório de dissertação.

Antes de expor como nasceu essa pesquisa, chamo a atenção para uma nota de natureza introdutória: o que é realizado aqui trata-se de uma investigação sobre processos interacionais entre sujeitos, que compartilham sentidos em grupos no Facebook, assumindo, com base em Braga (2011), que interação é um elemento fundante para o fenômeno comunicacional e, portanto, estudar interações pode ser uma maneira de nos aproximar de um ângulo comunicacional para esse estudo.

É relevante comentar que a jornada não foi realizada em um voo solo: o contato com outros sujeitos ajudou a esculpir o caminho traçado. Colegas, amigos, professores, orientadora,

¹ Assinalo, logo nessas primeiras linhas, que opto por utilizar em grande parte deste trabalho os verbos conjugados na primeira pessoa do singular e, em alguns momentos, primeira pessoa no plural. Essa escolha não exclui a noção de que ambas experiências subjetivas – orientando e orientadora – são construtoras da pesquisa. O que acontece é uma condensação do esforço de trabalho construído em conjunto.

eventos de socialização, membro do grupo LDRV... São vários os pontos de intersecção com outros olhares e experiências de vida, que fica impossível citar todos. Mas a verdade é que estas trocas indubitavelmente colaboraram para que um mar de transformações acontecesse na pesquisa.

Ainda nestes apontamentos de natureza preambular, parafraseio Marre (1991, p. 10): “A escolha de um tema é uma ruptura”. Muito embora essa ruptura componha em certa medida um movimento ascendente no estudo, ela não é conclusiva. De certa forma, ao escolhermos um tema passamos a enxergar algo diferente do senso comum e, por isso, damos um primeiro passo: rompemos com algo que aparentemente nos inquieta.

Para entender melhor esse trajeto preciso criar uma linha temporal, iniciada em meados de 2013/14. Na época, uma grande amiga me apresentou e me integrou ao grupo que hoje é objeto empírico deste estudo. Logo nos primeiros contatos, percebi que o humor era um dos grandes pilares que sustentavam essa comunidade. De forma bastante distinta, me sentia atraído e instigado a participar, e percebia como algumas publicações refletiam a privacidade e problemas cotidianos das pessoas, com os quais acabava me identificando. Assim como ela, acabei também convidando outros amigos para conhecer e participar, uma vez que percebia ali um local onde poderíamos rir das mesmas coisas. Assuntos que víamos lá, acabávamos trazendo para conversas cotidianas, não mais pautadas pelo ambiente digital.

Nesse contato como membro, comecei a entender algumas das processualidades necessárias para fazer parte da comunidade. Integrando e interagindo, automaticamente passei a adotar algumas significações expressas em modos de ação, uso de imagens e códigos compartilhados.

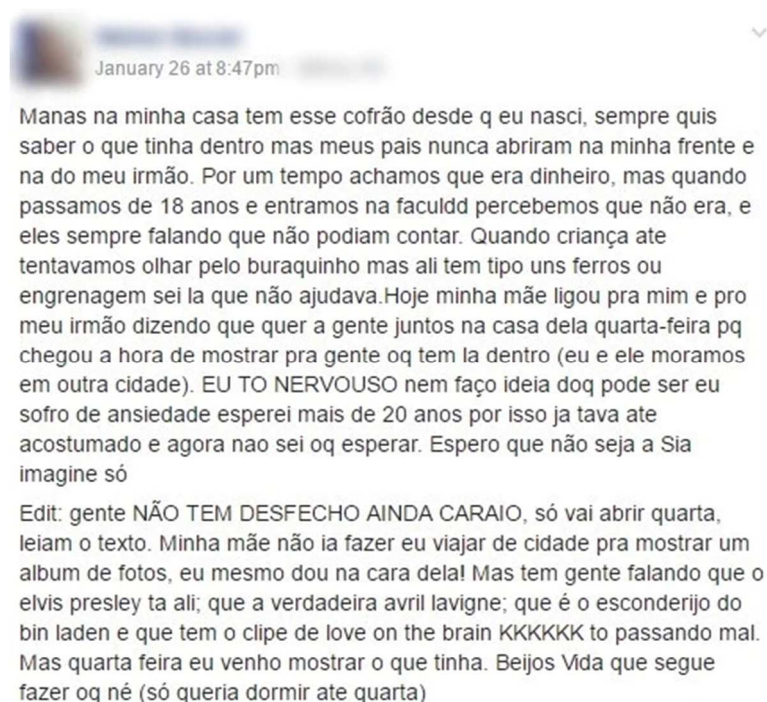
Em 2016, entrando no quarto ano da graduação em Publicidade e Propaganda pela Unochapecó, me matriculei na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, requisito necessário para a obtenção do grau de bacharel. Por fazer parte diariamente do grupo e, de alguma forma, me sentir instigado por aquilo que praticava, entendi que ali poderia residir algo para se investigar, no entanto, ainda não sabia o quê. Conversas com professores esclareceram e mostraram um caminho a ser seguido. Colaborações do professor orientador foram fundamentais para que fosse estruturado um estudo² que permitiu observar e compreender algumas das processualidades e lógicas do objeto naquele momento. Examinando de um aspecto mais geral, entendi que alguns grandes temas eram discutidos pelos membros do grupo.

² A monografia, intitulada “Lana Del Ray Vevo: Processo Comunicacional e Organizacional do grupo no Facebook”, foi defendida em 2016/2, com orientação do Prof. Me. Rodrigo Oliveira de Oliveira.

No início de 2017, em virtude de um acontecimento específico, entendi que uma nova fase do grupo estava sendo inaugurada e, portanto, novos processos. Ainda participando como membro, me senti estimulado a compreender de forma mais aprofundada o processo no qual eu mesmo estava também mergulhado. Trata-se da famosa *tour*³ do cofre⁴.

O que é denominado aqui (e também pelos membros do grupo) como *tour* do cofre⁵, refere-se a um *post* realizado por um membro do grupo na época, contando um curioso fato da sua vida: a sua família tinha um cofre em casa, o qual nunca havia sido aberto pelos seus pais na sua frente nem do seu irmão. Ao receber uma ligação dos seus pais pedindo para que os fosse visitar – contando que abririam o cofre na sua presença –, o membro resolveu compartilhar o fato com o grupo. Para completar, o desfecho da história se daria em torno de uma semana, numa quarta-feira.

Figura 1 - Tour do cofre



Fonte: acervo do autor.

³ Termo utilizado pelos membros para descrever quando uma história é contada em uma publicação.

⁴ Alguns veículos noticiaram a história. Disponível em alguns links:

<<https://mdemulher.abril.com.br/estilo-de-vida/entenda-tudo-sobre-a-polemica-do-cofre-ldrv/>>;

<<https://emails.estadao.com.br/noticias/gente,todos-querem-saber-o-que-ha-no-cofre-entenda-por-que-ahashtag-cofreldrv-esta-bombando-no-twitter,70001649431>>;

<<https://todateen.com.br/entenda-cofre-ldrv/>>;

<<https://www.papelpop.com/2017/02/falamos-com-o-dono-do-cofreldrv-que-internet-esta-todacomentando-vem-entender/>>.

⁵ Essa *tour* pode ser vista como um marco no grupo, tendo em vista as grandes transformações que ocorreram no após o seu acontecimento.

E assim o estopim para a história havia sido lançado, restava aguardar quais seriam as reverberações que o *post* teria no grupo. O que não era esperado é que a história alcançasse proporções inimagináveis e atraísse olhares de fora para o que estava acontecendo no interior do grupo. Nos sites de redes sociais⁶ cada vez mais passou-se a se especular sobre o que poderia ter dentro do cofre. Por terem alguns dias (cerca de uma semana) entre o primeiro *post* e o desfecho da *tour*, houve tempo suficiente para que a narrativa ganhasse repercussão.

Algumas contas famosas no Twitter entraram na onda e ajudaram a alavancar as proporções do que estava acontecendo.

Figura 2 - Nubank respondendo a ator social referente a tour do cofre



Fonte: acervo do autor.

A conta oficial da Netflix no Brasil percebeu que a *hashtag* estava nos *trending topics*⁷ do Twitter e também comentou sobre, fazendo alusão a um dos seus seriados, o Sense8.

⁶ Adoto essa terminologia, baseado em Sá e Polivanov (2012, p. 2), uma vez que as autoras entendem que “sites de redes sociais são suportes, ferramentas, sistemas, *softwares* que permitem a interação social entre os atores, ao passo em que as redes seriam justamente essas interações, que podem ocorrer on ou off-line”. Entretanto, a própria terminologia é algo que está em revisão, conforme apontado por Polivanov na banca de defesa desta dissertação.

⁷ Significa que era um dos assuntos mais comentados no site de rede social, naquele momento.

Figura 3 - Netflix Brasil twittando sobre o assunto

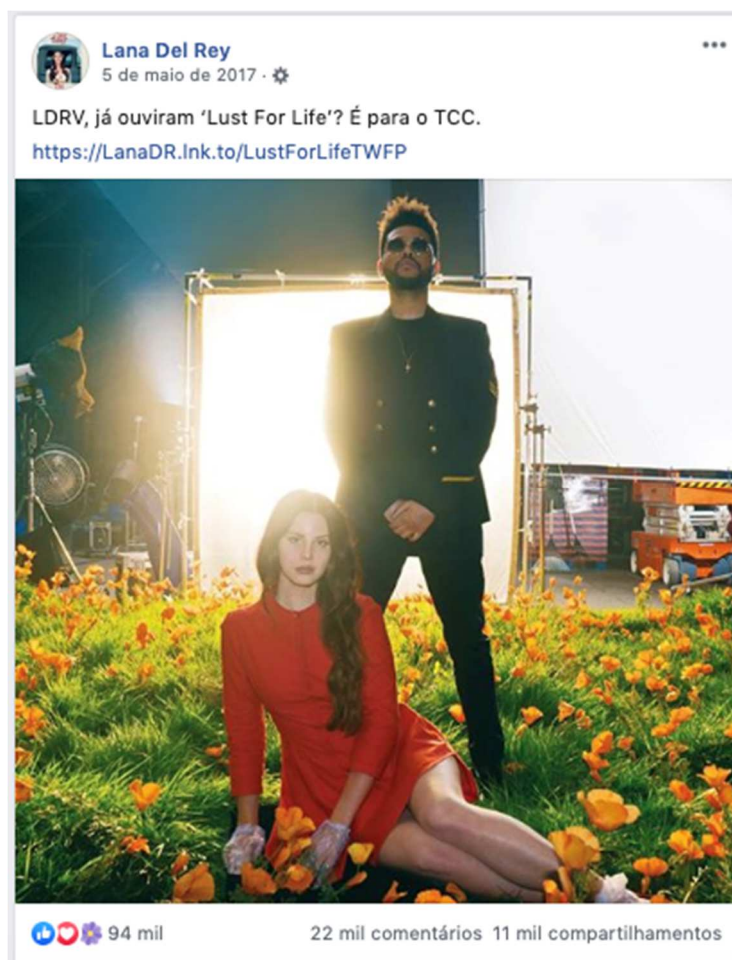


Fonte: acervo do autor.

Como membro, obviamente também estava curioso em descobrir o que tinha dentro do cofre. Como profissional de comunicação – e alguém que já tinha um certo *crush* pela pesquisa – sentia que havia ali uma complexidade que apontava para a existência de um processo em aberto, configurado em grande parte pelas dinâmicas interacionais desses sujeitos.

Nesta esteira de acontecimentos, em 2017, a cantora estadunidense Lana Del Rey, ao promover divulgação de seu *single* “*Lust For Life*” em sua página oficial no Facebook, fez uma publicação mencionando o grupo, além de utilizar expressões próprias dos membros.

Figura 4 - Publicação Lana Del Rey



Fonte: Acervo do autor.

Não com o intuito de discutir as estratégias promocionais da cantora, tampouco debater de que forma o imaginário sobre a artista estava presente nas interações, essa publicação me fez pensar sobre a potência desse grupo e como ele acabava fazendo coisas para além de si mesmo, a ponto de ser entendido como uma importante estratégia comercial de divulgação para a própria Lana Del Rey.

Com pouca experiência e habilidade, não sabia como lidar com aquilo que estava verificando. Após a *tour* do cofre o número de membros do grupo cresceu absurdamente e, conseqüentemente, novos acionamentos foram sendo feitos pela comunidade. Algumas mudanças foram sendo estabelecidas, o grupo foi se adaptando e novos elementos foram sendo incorporados.

Assim, chego a uma etapa importante: o pré-projeto para submissão ao processo seletivo do mestrado. Neste ensejo, procurei selecionar uma processualidade do grupo, tentando focar em algo mais específico. O recorte era, na minha percepção, uma maneira de estruturar – e,

talvez, explicitar – a singularidade do objeto. O uso de memes tanto nas publicações quanto em interações entre os membros era algo que observava continuamente, além de ser algo que eu mesmo praticava. Logo, defini como a processualidade que iria estudar.

Tendo isso em vista, a proposta de ingresso inicial ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos trazia como contexto de pesquisa o estudo sobre o fenômeno mimético nos sites de redes sociais. Tendo em mente tal conjuntura, buscava entender como acontecia a construção dos memes nos grupos do Facebook, mais especificamente, no LDRV. Além disso, pretendia sistematizar quais são os atributos e/ou características essenciais em memes que possuam alta pregnância e reprodutibilidade, bem como entender qual a relação entre a reprodutibilidade dos memes e a própria comunidade que o cria (e sua estrutura de interação e conversação). A problemática principal delimitava-se pela seguinte pergunta: “Quais são os principais requisitos para um meme ter grande aderência e possuir alta reprodutibilidade levando em consideração os aspectos de uma determinada comunidade na web?”.

Porém, na própria entrevista de ingresso ao PPG a problemática já havia sido tensionada, no sentido de que ao tentar mapear “quais são os requisitos principais” era como se a pesquisa estivesse tentando construir um “manual” para um meme ter grande aderência. Ao ingressar no PPG e plantar o pré-projeto nesse fértil solo de interações com colegas, professores, discussões, leituras das mais variadas ordens e, principalmente, orientações, percebi que os memes em circulação nessa comunidade pareciam ser parte de uma processualidade, uma característica que possivelmente seria discutida, mas não seria o centro da pesquisa que viria a se desenvolver. Nessas observações, surgiram coisas outras que, a partir de um olhar transformado pela experiência do mestrado, começaram a chamar mais atenção. Portanto, a concepção de problema de pesquisa que havia sido construído caíra por terra.

Não triste, mas feliz pela metamorfose da pesquisa, andava a passos largos observando o empírico, construindo textos descritivos a fim de tentar de alguma maneira compreender o que de fato estava querendo investigar. Apressado no início, compreendi que, apesar da sistematização dos textos descritivos ajudar, ainda era necessário um tempo de reflexão pois, só assim, conseguiria digerir aquilo que via e, com o tempo, construir verdadeiramente o caso que estava estudando.

Constantemente, durante todo o trajeto do mestrado, fui sendo instigado a problematizar o que percebia. Alinhamentos teóricos, metodológicos e a observação de outros casos colaboraram para trazer sustentação para a problematização que estava sendo construída.

Contudo, a pesquisa em curso suscitava a elaboração de objetivos que a norteassem, pedindo assim uma concepção que fosse sendo lapidada conforme a construção da mesma fosse ganhando corpo e forma.

A ocasião da qualificação foi absolutamente importante para compreender algumas falhas e, principalmente, oportunidades que estavam passando despercebidas. Diante de apontamentos e sugestões, houve um rearranjo no problema de pesquisa e também nas próprias observações do empírico. A partir disso, alguns elementos, aos quais não estava dando muita importância, passaram a ser parte importante do conjunto inferencial e de análise.

Um equívoco que chamou bastante atenção, relacionado ao problema de pesquisa apresentado à qualificação, estava ligado ao fato de estar separando duas coisas inseparáveis. A pergunta que era apresentada como: “de que forma as lógicas da mediação incidem sobre as práticas comunicacionais e apropriações de atores sociais em grupos formados no Facebook?”, colocava em lugares opostos as lógicas da mediação e as práticas comunicacionais. Entendi que as práticas comunicacionais do grupo são lógicas de mediação por definição e, portanto, não havia como ter uma “incidência sobre”. Ao utilizar essa expressão, estava remetendo a uma redução da mediação sobre quando ou como ela estaria incidindo. Pode parecer, à primeira vista, uma questão simples, porém estava deixando a singularidade do grupo de lado para desenvolver uma pergunta técnica, tentando entender o que é e o que não é, no âmbito dos processos midiáticos. Essa fragilidade na pergunta-problema da pesquisa revelou uma desconexão entre o corpo do trabalho e o que a pergunta suscitava, evidenciando a necessidade de uma reformulação.

Sob este ângulo, o problema de pesquisa é apresentado da seguinte maneira: **de que forma as experimentações sociais, expressas em operações e códigos, dão a ver lógicas específicas de mediação no grupo LDRV formado no Facebook?** Contudo, mais a frente, explicito de que maneira cheguei a essa pergunta, de acordo com a constituição do caso. Não se trata, em absoluto, de uma tentativa de gerar algum tipo de suspense. Trata-se de uma explicitação do processo de construção da pergunta-problema, uma vez que o que e como perguntar são fundamentais para o desentranhamento do comunicacional. Parece-me que essa ação, ao mesmo tempo que destaca a pergunta, justifica a maneira pela qual ela foi elaborada. Essa explicitação efetivamente ocorre, portanto, no capítulo 2, onde indico o que é o caso da pesquisa.

Diante disso, com vistas a estruturar o texto da dissertação, acredito que seja importante ressaltar a tradução do objetivo geral que mais represente esse processo, tendo a seguinte

formulação: compreender os usos e apropriações na formação de lógicas no grupo LDRV no Facebook.

Tal movimento pede que outros objetivos sejam explicitados, mas desta vez com essência mais específica. Percebo como importante: 1 - verificar as lógicas interacionais mobilizadas; 2 - compreender o desenvolvimento de estratégias como modos de experimentação; 3 - analisar os processos tentativos de organização interna do grupo e 4 - entender o modo de relação do LDRV com o contexto social.

Por outro lado, para fins que justificam esta investigação, entendo a partir de Braga (2012) que o desenvolvimento do campo comunicacional hoje, potencializado pelo fenômeno de midiatização, vem ganhando notoriedade e possivelmente centralidade na vida social. Adotando essa posição, compreendo também que a característica transversal da midiatização chega, inclusive, a práticas de comunidades on-line.

Assim sendo, a partir da junção destes elementos, bem como minha inscrição na linha de pesquisa Midiatização e Processos Sociais, componho uma discussão alinhada com princípios epistemológicos e teóricos suscitados nesta linhagem de pensamento e evidencio minha preocupação em colaborar para o avanço do conhecimento. Em parte, por compreender que essas maneiras de interação são comunicação e estão incrustadas na sociedade. Portanto, investigá-las desvela um fragmento importante de práticas contemporâneas que se fundam em um modo de viver atravessado pela midiatização.

1.1 DISSERTAÇÃO *TOUR*: CONHECENDO A PESQUISA.

Apresento, resumidamente, cada parte da pesquisa de forma semelhante a um *post* no grupo, no qual o membro escolhe, prepara e distribui os elementos da sua publicação a fim de torná-la uma narrativa que seja compartilhada pelos outros sujeitos. Assim, caro leitor, você poderá escolher se quer seguir a sequência preparada ou se prefere acompanhar um momento específico da *tour*. O propósito desse roteiro é para que você saiba de onde saiu e para onde está indo.

Além da introdução, este trabalho é composto por 4 partes: constituição do caso, tática metodológica, análise dos observáveis e palavras finais.

Edit⁸ 1: Na introdução relato o processo de descobrimento do objeto, bem como o percurso do mestrado transformando o modo de observar aquilo que enxergava no empírico. Tem-se, nesta parte do texto, um cuidado em relatar os primeiros contatos e a maturação da pesquisa. Além disso, no estado da arte procuro entender o que outros pesquisadores já descobriram ou vêm estudando sobre a mesma temática. Incluem-se nesta pesquisa trabalhos que já foram feitos sobre o mesmo objeto empírico.

Edit 2: A constituição do caso é o capítulo em que torno explícito o que de fato estou pesquisando e como construí esse caso de pesquisa. Esclareço o que é propriamente o campo empírico selecionado para a observação/coleta e apresento processualidades e lógicas acionadas na materialidade. Para além da apresentação, realizo a seleção de indícios e produção de inferências iniciais.

Edit 3: No terceiro capítulo relato a tática metodológica de abordagem do empírico. Busco evidenciar, nesse conjunto, quais os critérios utilizados e de que forma o objeto foi analisado.

Edit 4: A análise dos observáveis é o trecho da pesquisa em que discorro sobre cada característica vista no objeto. Operações, lógicas, códigos, usos e apropriações são trazidos à tona, à luz da mediatização, para assim concluir o processo de investigação e fechamento do caso da pesquisa.

Edit 5: Além disso, trago algumas considerações finais, tratando de expor uma reflexão do percurso como um todo e fazendo um fechamento da dissertação.

Ao ver este mapa da dissertação, possivelmente soe um tanto quanto estranho não ter um capítulo dedicado exclusivamente às teorias. Essa opção não busca fazer uma naturalização dos conceitos, mas acioná-los à medida que sejam suscitados pela pesquisa. Trata-se de um esforço de ‘colocar a teoria a serviço da pesquisa’, utilizando a expressão de Braga (2018b).

De forma geral, observar essa divisão traz uma certa ilusão de independência de cada parte do processo, porém, ressalto que é fundamental a interpenetração dos momentos da pesquisa, para que se construa uma investigação consistente e que envolva também o modo como eu, sujeito, me sinto afetado por esta processualidade.

⁸ Expressão usada pelos membros para descrever “atualizações/continuações” das histórias que estão sendo contadas nas publicações. Além disso, faz referência ao verbo editar e palavras correlatas (em inglês), que é de onde vem a expressão.

O próximo item é reservado à pesquisa da pesquisa. Além de beber na fonte de estudos já realizados, explico a especificidade – além de semelhanças e diferenças com outros trabalhos – desta dissertação.

1.2 ESTADO DA ARTE E AS PISTAS QUE O LDRV DEIXA

Notas iniciais

Neste relato, apresento uma busca sobre outras pesquisas que trabalharam num eixo temático semelhante à investigação aqui proposta. Além disso, outros esforços já realizados sobre o mesmo objeto empírico somam-se a estes resultados. Este exercício é profícuo pois oportuniza que seja possível enxergar caminhos traçados por outros pesquisadores, o que permite valorizar o conhecimento já produzido e, tentativamente, levá-lo adiante.

1.2.1 Ao buscar outras pesquisas, o que encontramos?

Selecionei alguns bancos de dados de trabalhos acadêmicos (Google Acadêmico, Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, PortCom), e realizei uma busca através das seguintes palavras-chave: Ldrv; Lana Del Ray Vevo; Grupos; Facebook; Comunidades digitais; observando os resultados obtidos até a segunda página de buscas, por compreender que resultados após esta página já não seriam tão relevantes para a pesquisa. Neste território, encontrei um número considerável de trabalhos, e elenquei seis como significativos para observação. Contemplaram-se estudos nas áreas de sociologia, linguística e comunicação, por entender que existem algumas relações com o estudo em desenvolvimento, muito embora nesta pesquisa procuro enfatizar o ângulo comunicacional.

O critério utilizado para a seleção de trabalhos se deu numa ordem de aproximação com a natureza do objeto estudado. Me interessava enxergar em outros trabalhos como os pesquisadores olharam para comunidades/grupos, especialmente os formados em espaços digitais, e de que forma traduziram as suas lógicas específicas. Dessa maneira, não estava atento ao eixo teórico acionado, mas sim ao objeto empírico e suas semelhanças com o grupo aqui estudado. Portanto, a seleção dos trabalhos aconteceu de modo impressionístico, uma vez que a escolha se dava de acordo com a natureza dos objetos de estudo dos pesquisadores.

Alguns trabalhos lidaram de modo direto com o objeto empírico desta pesquisa, como é o caso do artigo denominado “Espaços híbridos e ressignificações: o exemplo do grupo de Facebook LDRV”, de Costantino e Barata (2017), que apresenta uma interessante visão a respeito da formação de espaços que amalgamam o físico e o digital. As autoras analisaram publicações que circularam no grupo e, por meio de observação participante e entrevistas, buscaram compreender como se dão as relações espaciais entre os membros.

Costantino e Barata (2017) trabalham com a noção de que a partir dos usos de dispositivos técnico-midiáticos que, por exemplo, possibilitam o acesso à internet, reconfiguram-se e são estabelecidos novos sentidos acerca do que se entende por espaço. Assim, buscaram pensar sobre um entrelaçamento entre o on-line e o off-line, tensionando a noção de territórios físicos e ambientes digitais.

Encontrei neste trabalho algumas aproximações com a pesquisa aqui sendo construída. Nos métodos utilizados, a observação participante trouxe uma característica também extraída em minhas observações:

Para completar, vale ressaltar que, depois de já ser membro do LDRV, é preciso que o participante entenda o que é esperado dele naquele espaço. Apesar da variedade de conteúdo, é necessário que ele saiba o que é adequado e o que é considerado “fora de lugar”, caso queira se manter ali. Portanto, é importante **que os membros entendam os códigos e as formas como os conteúdos são veiculados e o que é esperado como resposta**. Há inúmeras gírias e palavras usadas no grupo que, de certa maneira, o caracterizam e funcionam como um sistema de identificação entre seus participantes, criando significados e afetos dentro daquela esfera. (COSTANTINO E BARATA, 2017, p. 10, grifos nossos).

Neste sentido, as autoras levantam uma questão importante: entender o que é esperado como resposta significa já ter algum tipo de comportamento que é habitual do grupo. Aí revela-se algum tipo de padrão nas interações entre os membros. Este cenário de observação, embora esteja localizado em outra perspectiva, traz indicativos de que tipo de comportamentos e negociações estamos tratando.

Já o trabalho intitulado “*High By The Sarrada: videomemes musicais, ativismo de fãs e performances de gosto nos sites de redes sociais*”, de Inocêncio (2017), busca compreender a articulação de níveis estéticos e performáticos intrínsecos a vídeomemes, e como estes se dão. A autora por vezes cita o grupo LDRV, evidenciando uma preocupação em olhar também para essa comunidade. Apesar de existir uma divergência entre a nossa perspectiva e a de Inocêncio (2017) em tratar o grupo como um *fandom*, entendo que existem articulações pertinentes de observação em sua proposta.

Ao refletir sobre produção, proliferação e remix de memes na internet, Inocêncio (2017) destaca que:

Nas comunidades on-line de maior circulação deste tipo de conteúdo, verifica-se o uso dos memes como uma forma de capital social, separando aqueles que estão em maior contato com os variados formatos meméticos dos menos familiarizados. Diferentes gêneros de meme envolvem diferentes níveis de habilidades cognitivas, uma vez que alguns podem ser entendidos (e criados) pela maioria das pessoas, enquanto outros exigem conhecimento detalhado sobre uma subcultura memética específica, havendo a diferenciação entre aqueles que estão “por dentro” e são, portanto, parte da comunidade e aqueles que são *outsiders*. (INOCÊNCIO, 2017, p. 6).

Neste sentido, o artigo traz uma enriquecedora observação para a presente pesquisa. Ao refletir sobre os atributos, produções e características de memes em comunidades, a autora percebe que o conhecimento detalhado de uma determinada subcultura está ligado ao capital social que o ator social detém. Nesse caminho, há os que estão “por dentro” do que é o LDRV, sua cultura, seus memes, gírias e modos próprios de interação, e há os que estão “por fora”, que apesar de serem membros do grupo, não compreendem de forma aprofundada muitas das discussões e performances de gosto que acontecem ali.

A partir daí posso problematizar que tipo de capital social é necessário para ser um membro efetivo do LDRV. Já que nem todos possuem o mesmo capital social na comunidade, em algum momento haverá diferenciações. A negociação dessas diferenciações é algo importante a ser observado, uma vez que elas estão ligadas a manutenção da própria comunidade.

A dissertação de mestrado nomeada por “Consumo midiático em comunidade on-line: um estudo sobre o mundo T-girl”, de Scherer (2016), apresenta uma contribuição bastante importante, uma vez que investiga o consumo midiático em uma comunidade on-line, no horizonte de tentar compreender as razões pelas quais tais mulheres integram e participam de tal comunidade.

Ainda que esteja preocupada em compreender o consumo midiático, a partir de uma perspectiva relacionada ao consumo cultural (entendendo que todo consumo “tem uma dimensão simbólica subordinada a cultura”), ao olhar para uma comunidade on-line existem algumas aproximações com o nosso trabalho, devido à natureza do objeto empírico. Além disso, existem características que podem também ser aproximadas: o grupo LDRV é composto majoritariamente por sujeitos LGBTQ+, já o Mundo *T-Girl* (objeto empírico da pesquisa desenvolvida por Scherer) é composto em sua maioria por mulheres transexuais e travestis. Há

aí um diálogo estabelecido, uma vez que em ambos os sujeitos membros das comunidades pertencem a grupos considerados minorias sociais, que comumente vivem à margem da sociedade.

Além disso, um destaque que encontro em Scherer (2016) é o fato de que as classificações/análises das publicações e interações revelaram uma forte presença de celebridades e representações políticas nas discussões entre os membros do grupo. Nesse sentido, o consumo midiático acontecia através de uma co-apropriação quando, entre as discussões de determinado assunto, surgiam opiniões e ressignificações. Transferindo para esta pesquisa, enxergo, em alguma medida, o consumo midiático de celebridades como um eixo acionador das interações. Diferentemente, a entrada aqui proposta não acontece através de uma perspectiva de gênero e cultura, mas procuro entender a própria midiaticização neste processo de apropriação e ressignificação de produtos midiáticos.

A tese “Entre a rede e a comunidade: interação e comunicação nos grupos do Facebook – o caso do Direitos Urbanos | Recife”, de Batista (2015), desenvolvida na área de Sociologia, apresenta uma discussão sobre possibilidades e limites de trocas interacionais no grupo “Direitos Humanos | Recife”. De antemão, a autora já traz uma abordagem interessante quando se refere à necessidade de contato contínuo para que uma comunidade se configure:

Ou seja, também na internet, é preciso haver permanência e contato repetido para que haja a ideia de pertencimento a um grupo particular. E que esse contato repetido seja alimentado por discussões, isto é, por diálogos. Diálogos pressupõem comunicação, no sentido de cultura, linguagem, compartilhamento de saberes, não a mera troca de informações de forma automatizada. (BATISTA, 2015, p. 15).

Percebo também, nesta pesquisa, um olhar que possui uma clareza sobre a possibilidade conectiva que a tecnologia media e sobre os usos feitos sobre esta. Embora ao tentar entender “quais as possibilidades e limites das trocas interacionais e comunicacionais que ocorrem nas comunidades on-line, considerando que são trocas mediadas pela tecnologia?” e, para tanto, fazer uma discussão sobre mediação – também amplamente desenvolvida no campo da Comunicação – a autora estabelece um outro olhar, que, de uma perspectiva sociológica, diferencia-se.

Embora o objeto empírico seja uma comunidade de outra natureza e com lógicas interacionais diferentes, a sua abordagem constatou que esses grupos, apesar de estarem estruturados em sites de redes sociais, de fato possibilitam a criação de um espaço coletivo, no qual é possível “experimentar o diálogo, o entendimento mútuo, a dimensão

participativa/deliberativa, a solidariedade” (BATISTA, 2015, p. 16). Nesse sentido, a experiência comunitária é que se destaca, tendo dimensões tanto comunicacionais, quanto estratégicas e emocionais.

“*God save the queer: mobilização e resistência antimainstream no Facebook*” (NUNES, 2017) é uma tese de doutorado que se propõe a pensar como grupos historicamente excluídos podem se articular e estabelecer táticas de resistência e oposição às hierarquias a partir dos usos e apropriações das redes. A tese de Nunes (2017) possui aspectos revigorantes, e um deles é a possibilidade de perceber criticamente como a produção acadêmica ainda não tem um número significativo de trabalhos que trazem voz e lugar para sujeitos que vivem à margem do *mainstream* da sociedade.

Mesmo que existam aspectos em comum, também percebo angulações que diferenciam este trabalho da produção de Nunes (2017). Ao tratar de grupos subalternos, subculturas e grupos que de alguma maneira não se enquadram em categorias tidas como *mainstream*, a pesquisa que partiu de uma perspectiva dos estudos de gênero buscou responder a seguinte pergunta: “Em que medida as redes de afeto, amizade e militância, estabelecidas entre pessoas subalternas, dissidentes e não-conformes no Facebook, permitem a articulação de subversões e resistências *antimainstream*?”.

Tendo esse horizonte e se deslocando de um lugar que buscou pensar a sociedade por um viés *antimainstream*, a tese, entre outros objetivos específicos, busca “identificar o papel da internet e das redes digitais na configuração de movimentos sociais”. Neste sentido, por um lado, este estudo se diferencia do trabalho de Nunes (2017) por buscar compreender a presença da mediação nestes processos sociais; por outro, por compreender que um dos objetivos aqui propostos é entender os usos e apropriações que os atores sociais fazem desta ferramenta, e não exatamente o seu papel, posto que um não exclui o outro.

Analogamente, o que proponho neste estudo tem em comum com a produção de Nunes (2017) a presença de questões e inquietações ligadas aos estudos de gênero. Os sujeitos membros do grupo LDRV pertencem, em sua grande maioria, à comunidade LGBTQ+ e, portanto, estão atravessados por questões de poderes e contrapoderes discutidas pela autora. Neste sentido, esta pesquisa está próxima à produção da autora, e vejo uma afinidade bastante profícua no que tange esse aspecto: “As práticas e processos comunicacionais resultantes da mediação são parte integrante da constituição e representação de sujeitos e grupos sociais a partir de discursos hegemônicos” (NUNES, 2017, p. 19). A autora esbarra em questões bastante pertinentes para nossa pesquisa, uma vez que a mediação e os processos resultantes

dela são também parte integrante dessas construções e representações sociais, atravessantes das interações no objeto empírico LDRV.

Já a tese “Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento”, de Gasparetto (2009), instiga por tentar compreender processos acerca da incidência da midiatização em “comunidades de pertencimento”, mas, sobretudo, “mostrar experiências televisivas que atravessam o cotidiano dos fiéis, deslocando-os para vivências que se realizariam no interior da comunidade demarcadamente sociorreligiosa- televisiva” (GASPARETTO, 2009, p. 8).

Ainda que o autor esteja tentando compreender a partir de uma perspectiva recepcional religiosa dos produtos midiáticos, a pesquisa se faz importante por dois motivos principais: por deliberar profundamente sobre o conceito de comunidade e por também investigar as estratégias de construção de novas comunidades de pertencimento.

Ao dissecar as estratégias, o autor explica:

A comunidade de pertencimento passa a ser codeterminada e construída pelos modos de funcionamento da lógica midiática e não mais apenas pelas características do campo religioso nas comunidades concretas. A mídia faz com que haja reformulações nos sentidos tradicionais de fazer e viver a religião. (GASPARETTO, 2009, p. 26).

Neste sentido, o autor destaca como o funcionamento de uma comunidade de pertencimento é transversal às lógicas midiáticas, não apenas por especificidades do campo religioso, por exemplo. Isso me fez pensar que, apesar do grupo LDRV não ser uma comunidade ligada a um campo em específico – como, por exemplo, o religioso –, ainda assim o seu modo de funcionamento está intimamente ligado com algum tipo de reformulação de *fazer algo e viver* de alguma maneira.

Por outro lado, em seu trabalho, Gasparetto (2009) realiza uma revisão e reflexão sobre o próprio conceito de comunidade. O que é uma comunidade afinal? Indo de autores mais clássicos, como Ferdinand Tönnies, Émile Durkheim e Max Weber, até discussões mais contemporâneas, ligadas à midiatização e novas formas de organização social, o autor reflete e fornece uma problematização sobre como o próprio conceito de comunidade é entendido desde uma perspectiva macroanalítica até discussões mais pertinentes ao campo da comunicação.

Desenvolvida em 2009, há um claro distanciamento no que tange o aspecto de disseminação de comunidades – que se diferenciam de alguma maneira do conceito tradicional de comunidade física. Hoje, estamos em um momento em que grupos/comunidades não

presenciais territorialmente já passaram por um processo de adesão e, conseqüentemente, se tornaram mais comuns.

Esse conjunto de trabalhos revela preocupações que podem ser aproximadas ao que é visto no grupo LDRV e, também, dão a ver que o eixo de investigação proposto, bem como o problema de pesquisa, se diferencia em alguma medida de preocupações e inquietações de outros pesquisadores. No entanto, a especificidade desta pesquisa está justamente em sua preocupação comunicacional, que mesmo tendo aproximação com outros campos, aqui é evidenciado justamente o seu caráter angular na área. Além disso, sua singularidade se dá para além das semelhanças e diferenças com outros trabalhos, mas também em tentar tecer uma articulação entre a realidade específica deste objeto com processos mais transversais de mediação na sociedade.

1.3 A BUSCA PELO OBJETO ENTRE OS ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Notas iniciais

Apresento, neste subitem, qual foi o processo para encontrar o objeto da pesquisa. Além disso, tento solidificar essa discussão através de reflexões teóricas sobre método⁹. Acredito que o relato, enquanto sujeito buscando o objeto, aliado às reflexões já teorizadas sobre método na pesquisa, em especial visadas trabalhadas na linha de pesquisa na qual me inscrevo, possam esclarecer como se deram exatamente os procedimentos/movimentos dos quais fiz uso para construir o caso de pesquisa.

Entendo esse momento do trabalho como um preparo do solo para o que virá adiante. Aqui, esclareço como efetivamente construí esse objeto e também como alguns aportes tidos durante a jornada do mestrado auxiliaram a entender e questionar aquilo que estava diante de meus olhos.

⁹ Texto apresentado parcialmente para disciplina de Aportes Metodológicos, ministrada pelo Prof. Dr. Jairo Ferreira, e também discutido parcialmente no II Seminário Discente do PPGCOM Unisinos.

1.3.1 Um breve percurso de método: construindo o objeto

Ao ingressar no mestrado, como a maioria dos alunos, carregava meu projeto debaixo dos braços. Sabendo que não o conseguiria sustentar por muito tempo devido as suas fragilidades, comecei a tentar perceber o que acontecia concretamente para além da processualidade a qual havia elencado para o pré-projeto.

Numa das primeiras orientações, Ana, orientadora da pesquisa, pediu para que mostrasse o grupo, assim ela mesma poderia ver o uso de memes na comunidade. Logo que abri (*enquanto escrevo percebo como estava óbvio, mas na época defendia com unhas e dentes*), ficou claro que eu, enquanto alguém que precisava olhar com outros olhos e não como membro, falava e precisava explicar tantas coisas outras do que propriamente o uso de memes. Percebemos que essa processualidade acabava ficando em segundo plano. Quase como que, para se chegar aos memes, fosse necessário traduzir uma série de outras coisas e comportamentos que se destacavam ali. Concluímos que não fazia mais sentido ter um olhar fechado, reduzido aos memes. Estes, por sua vez, tornaram-se uma processualidade que possivelmente poderia ser discutida, mas não seria o cerne do trabalho. Assim, compreendi que precisava olhar para o grupo muito mais num aspecto geral, tentando de alguma maneira encontrar traços que seriam próprios dessa comunidade, coisas que fossem específicas dali, do comportamento dessas pessoas.

Algumas aulas foram bastante profícuas para entender a ação que chamamos de “deixar o objeto falar” – e também para que isso fosse efetivamente feito. Entendi que existem alguns pilares fundamentais que colaboram para trazer sustentação e aportes para apreensão daquilo que estamos constatando, neste caso, dos processos midiáticos do objeto em questão.

De partida, um dos primeiros movimentos foi o mergulho em diversos grupos no Facebook. A tentativa de entrar nesses grupos nada mais era do que a busca por outras comunidades que apresentassem membros com comportamentos semelhantes e/ou diferentes. Nesta fase, percebi que existem coisas que são próprias do LDRV, mas também que existem alguns modos de “convívio” em comunidades on-line que são pertinentes a todos os grupos. Destaco, nesse momento, como os recursos da plataforma são os mesmos para todos os grupos, mas como os usos e as apropriações que os atores sociais fazem é que se diferenciam.

Ao mesmo tempo, dedicava grandes momentos de observação ao grupo LDRV. Tentei afastar o meu olhar de membro, buscando ter um outro lugar de observação para aquilo que estava acostumado tão cotidianamente. Estranhando, questionando e, também, de certa forma,

tendo uma preocupação em construir um olhar comunicacional para efetivamente conseguir dar corpo para a pesquisa.

Nesse sentido, a ideia de construir um olhar comunicacional está intimamente ligada à discussão que Braga (2010a, p. 8) propõe. Ao oferecer uma visada sobre o que autor denomina como ação de “desentranhamento do comunicacional” nas pesquisas – uma vez que não existe um consenso no próprio campo da comunicação sobre o que são os seus objetos e teorias – ele expõe a necessidade de construir uma perspectiva que seja inerente a área e que, portanto, ofereça uma percepção sobre os fenômenos a serem estudados.

Entretanto, essa ação não implica um simples afastamento de questões de outras ordens – sociológicas, linguísticas, psicológicas etc. Antes, representa uma capacidade de perceber e apreender o próprio fenômeno comunicacional em ação. O autor ainda reforça que não se trata de ter uma perspectiva interdisciplinar, mas aponta, na verdade, para a condição de “perceber os fenômenos (mesmo fazendo referência a elementos destas outras ordens) pelos ângulos em que podem fornecer aportes significativos *para questões propriamente comunicacionais*” (BRAGA, 2010, p. 55, grifos do autor).

Em suas reflexões sobre estudos de caso, Braga (2008) acentua que diante de uma *diacronia dinâmica* de fenômenos comunicacionais, consequentes de novas e heterogêneas maneiras de interação social – aliadas ao avanço tecnológico –, os estudos de caso oferecem uma importante possibilidade de produção de conhecimento para o campo, uma vez que, ao mergulhar nestes fenômenos e em suas complexidades, poder-se-á apreender as suas lógicas propriamente comunicacionais. Isso me permitia, de maneira bastante prefacial, fazer o exercício de me perguntar “que lógicas comunicacionais o LDRV aciona?”. Por certo, essa discussão levantada pelo autor já deflagrava uma certa atitude demarcada, sobretudo, pela preocupação de explicitar o ângulo comunicacional da pesquisa.

De forma semelhante, Becker (1999) descreve que os estudos de caso essencialmente possuem dois horizontes: por um lado tenta-se chegar a uma profunda e abrangente compreensão do objeto/grupo/fenômeno que está sendo estudado e, por outro, os estudos de caso buscam estabelecer uma relação que seja de um âmbito mais geral sobre esses processos em relação à sociedade e suas estruturas, tendo assim uma visada mais transversal sobre o caso em si e onde ele está inserido. Enviesado por essas questões, entendi que o objeto que estava observando tratava de compor um caso, o qual pedia um profundo conhecimento das suas especificidades.

Não suficiente apenas observar o grupo, o paradigma indiciário se apresenta como fundamental. Braga (2008), pensando sobre tal operação, chama a atenção para a necessidade de não se ter só um olhar analítico para a percepção de pistas, mas também, para a produção de inferências a partir delas.

Há sempre uma relação entre indícios e um ângulo das coisas para o qual aqueles indícios serão «reveladores». Mas não automaticamente: é preciso fazer articulações entre pistas e fazer inferências. Dois níveis de percepção, então, são necessários. Perceber o próprio indício (ou seja: que um dado aparentemente irrelevante pode ser significativo) e desenvolver relações com uma proposição buscada: fazer inferências. (BRAGA, 2008, p. 79).

Todas essas discussões demarcam desdobramentos de ações na pesquisa. Nesse trabalho de coletar indícios, para que possivelmente produzisse inferências sobre aquilo que enxergava, passei a produzir textos descritivos relatando, de forma sistematizada, do que é composta propriamente a materialidade do objeto empírico. Tais textos serviram de base e deram origem ao capítulo 2 desta dissertação. A partir desse movimento, comecei a desenhar perguntas que, por sua vez, perpassavam a própria construção do caso desta pesquisa. Neste movimento de visitas ao empírico e construção de perguntas sobre aquilo que estava sendo observado, assumia a importância da necessidade de articulação com o desentranhamento do comunicacional do objeto em específico.

A observação participante realizada acionava alguns questionamentos. Tomo como exemplo os seguintes: deveria eu explicar abertamente que estava observando o grupo? Esse movimento mudaria as interações? O que acontecia era, de fato, privado ou público? Essas perguntas pediam que houvessem momentos de reflexão sobre as *atitudes de pesquisa*. A posição adotada de conversar com o *criador do grupo* sobre a realização da pesquisa e a decisão de apagar os nomes e fotos dos sujeitos envolvidos nas interações são escolhas metodológicas que acabam fazendo parte do paradigma indiciário.

Compreendendo que existe uma articulação desses movimentos realizados até então com a busca pela descoberta da pesquisa, propositalmente aproprio-me da visada de Marre (1991), que, com o intuito de pensar sobre a construção de objetos científicos, reflete sobre a arquitetura dos objetos a partir de uma dupla dialética: a dialética ascendente, que consiste na apreensão empírica do objeto e a busca por elaborações teóricas, e a dialética descendente, que faz o movimento inverso, parte de construções teóricas a fim de operacionalizar e/ou verificar os conceitos nos objetos empíricos. O autor chama a atenção para a importância do uso de um quadro teórico, entendendo essa presença como fundamental na construção de um objeto do

ponto de vista científico. Possuir uma visada já teorizada muda significativamente a observação imediata e, portanto, oferece aportes para se ver outras coisas.

Nestes dois movimentos, segundo o autor, reside a possibilidade de apreensão de um objeto que se configura em alguma medida diferente do senso comum, possibilitando, assim, a construção de conhecimento. No entanto, o autor destaca também que essa construção deve ser regularmente submetida a três tipos de concepções que simbolizam “atitudes de consciência do cientista”: a dúvida, o erro e a retificação. A primeira concerne ao entendimento de que o conhecimento, sendo construído, trata-se de uma aproximação, portanto, nunca uma verdade absoluta. A segunda tem relação com as adversidades que não foram desveladas. E a terceira tem relação com a capacidade de colocar o conhecimento adiante, melhorando conceituações e operacionalizações anteriores.

Por outro lado, na construção e explicitação de argumentos construídos na pesquisa, parto também das concepções de Peirce (2001). Abduções tentativas, movimentos em busca de teorizações (dedutivos) e também advindos das materialidades empíricas (indutivos) possibilitam um conjunto de inferências que se articulam no conjunto da construção do caso da pesquisa. Uma série de referências teóricas, aliadas aos indícios articulados (vindos da forma de observar), são fundamentais para uma construção matricial-argumentativa (FERREIRA, 2012).

Embora já refletindo teórico-metodologicamente sobre o caso, ainda não o explicitarei. Esse movimento é feito na próxima seção do trabalho, na qual busco abrir a natureza do caso de pesquisa.

2. A CONSTITUIÇÃO DO CASO

Notas iniciais

Neste capítulo, apresento o que é efetivamente o caso desta pesquisa. Início discutindo sobre o contexto de uma sociedade em vias de midiaticização, em que esses grupos de Facebook estão imersos, e trago alguns conceitos teóricos suscitados nessa linhagem de pensamento, uma vez que, por ser um fenômeno em curso e tematizado de forma diversa, acredito que debater sobre alguns conceitos essenciais seja uma maneira de aclarar sobre esse fenômeno. Relato algumas lógicas, processualidades, ações e comportamentos perceptíveis no objeto empírico. Além disso, não apenas com o intuito de descrever aquilo que verifico, busco, através de um olhar sistemático, coletar indícios e também produzir inferências a partir destes. A descrição, neste sentido, colabora para o deslocamento do olhar de membro e participante para um lugar outro: o de observador.

Nesse caminho, produzo este capítulo adotando uma posição com vistas a tornar explícito o caso de pesquisa tendo, portanto, uma postura de descoberta que contribua para as pesquisas em midiaticização.

2.1 CONTEXTUALIZANDO: GRUPOS DE FACEBOOK EM UMA SOCIEDADE EM VIAS DE MIDIATIZAÇÃO¹⁰

Tenho a premissa de que a midiaticização é um processo em curso, aberto e complexo, cujas consequências ainda são desconhecidas. Parto dessa proposição, apropriando-me da posição de Fausto Neto (2006) e Gomes (2017) sobre o conceito de midiaticização ainda estar em construção. Essa orientação teórico-epistêmica, tende a aludir/observar as transformações da sociedade, o que envolve levar em consideração o atual contexto midiático e de cultura tecnológica digital. Segundo Fausto Neto (2006), a urgência de compreender esse conceito é subsequente do desenvolvimento de novas maneiras de se comunicar, que conseqüentemente

¹⁰ Texto apresentado parcialmente para a disciplina Midiaticização e Processos Sociais, ministrada pelos professores Dr. Antonio Fausto Neto e Pe. Pedro Gilberto Gomes.

pedem aos campos de conhecimento uma leitura e interpretação para que haja, possivelmente, um entendimento sobre essas novas formas de organização.

Por ser um fenômeno em curso e tematizado por diversos autores, são perceptíveis as diversas abordagens realizadas, como apontado por Weschenfelder (2019), mesmo ainda na linha de pesquisa em que me inscrevo. Sendo um conceito plurívoco e complexificado de modo heterogêneo, ao acioná-lo percebo que é necessária uma interpretação basilar para entender em que contexto teórico percebo que os grupos de Facebook se inscrevem. O que quero dizer com isso é que falar sobre os conceitos que dão sustento a essa orientação teórico-epistêmica é uma maneira de entendê-la um pouco melhor. No entanto, faço um parêntese: entre as tradições de pesquisas em midiatização, as que me aproprio nesta dissertação se fundam principalmente nos estudos de Eliseo Verón, no âmbito da América Latina. O autor argentino já apontava para características desse fenômeno que vem sendo trabalhadas até os dias atuais. A obra sociosemiótica do autor, atravessada pelo conceito de recepção, traz enfaticamente um desequilíbrio entre os polos produtivos de sentido, se distanciando da noção de transmissão linear, sem ruídos, de signos (FAUSTO NETO, 2018).

Algumas visões, especialmente de autores nórdicos, baseiam-se em perspectivas sócio-constructivistas (HEPP, 2014) e institucionais (HJARVARD, 2008). A institucional possui uma direção histórica linear, em que as mídias, como instituições, afetam a sociedade. Nesse constructo, a mídia é exógena à sociedade. Já a perspectiva sócio-constructivista entende que os meios têm uma ascendência sobre as práticas sociais. Diferentemente, adoto a concepção de fenômeno que é também cultural e, portanto, integrado a processos sociais, que levam em consideração eventos históricos, aspectos tecnológicos e contextos que também inscrevem as instituições (FERREIRA, 2017). A apropriação que a sociedade faz sobre os meios e sobre a mídia é um processo relevante para enxergar a midiatização.

Quando falo sobre o fenômeno de midiatização, assumo a existência e diversidade de transformações sociais. Os sujeitos dando início a processos midiáticos, impactados por uma cultura tecnológica, é o que de certa forma traduz (de forma bastante simplista) esse fenômeno na vida contemporânea das pessoas¹¹. Para Braga (2015) e Fausto Neto (2006), a midiatização não se resume à penetração das lógicas dos meios nos processos sociais e questões técnicas/instrumentais ligadas à mídia, mas sim uma reorganização e o surgimento de lógicas, interações e comportamentos outros que passam a constituir uma nova “natureza sócio-

¹¹ Sistematização compreendida a partir das conversas com a orientadora do trabalho, e também de falas do Professor Dr. José Luiz Braga.

organizacional”, utilizando a expressão de Fausto Neto (2006, p.3). Embora a mídia (e suas lógicas) exerça um papel-chave e trace um panorama crucial para entender a midiatização, não adoto uma perspectiva de causa e efeito (no sentido da midiatização se resumir a um efeito das lógicas da mídia). Antes, entendo que há uma reorganização do modo de viver dos próprios sujeitos, tendo em vista o atual contexto de tecnologias, sobretudo as digitais.

Ainda assim, neste cenário, o desenvolvimento (inclusive temporal) das principais mídias são sintomas que podemos nos debruçar para enxergar mais concretamente essas novas maneiras de comunicação agindo e sendo apropriadas pelo tecido social. Gomes (2017), por exemplo, assinala que a invenção da escrita e o desenvolvimento das tecnologias digitais são dois marcos temporais na forma de pensar e agir do homem contemporâneo. Esses fatores desnudam a maneira como os próprios meios deixam de ser vistos como instrumentalidades e passam a ser parte da percepção individual e também comunitária dos sujeitos vivendo em sociedade.

Fausto Neto (2006) chama a atenção para o surgimento de uma multiplicidade de aparatos tecnológicos, que possibilitam a distribuição de mensagens em toda a sociedade, abrindo um paradoxo para o entendimento da arquitetura desse fenômeno, no sentido de que: *“quanto mais midiatizada uma sociedade mais ela se complexifica”* (VERÓN, 2002 *apud* FAUSTO NETO, 2006, p. 3; grifos do autor). Dessa maneira, dialogo com a noção da midiatização como um processo retroalimentar, no qual a própria sociedade se midiatiza, complexificando e pluralizando as formas de se comunicar. Nesta visada, o próprio Facebook se coloca como um aparato tecnológico que possibilita a conversação e distribuição de mensagens *de muitos para muitos*. Ainda, segundo o autor, *“a nova vida tecno-social é origem e meio de um novo ambiente”*, que mediante ao desenvolvimento da técnica institui-se um complexo ambiente, onde novas formas de produção de sentido estão intrínsecas a esses meios tecno-sociais (FAUSTO NETO, 2006, p. 3).

Não se trata, por exemplo, da sociedade dos meios, onde os meios possuíam protagonismo e regiam os fluxos de informação (FAUSTO NETO, 2006). Hoje, potencializadas pela midiatização, todas as instâncias na sociedade são permeadas por lógicas das mídias, além de constatarmos um fenômeno de transformação de receptores para *“amadores”* de produção de conteúdo. Nessas novas dinâmicas de interação, sobressaem-se formas outras das pessoas interagirem, enfraquecendo o poder dos grandes meios.

Um dos principais pilares sobre a questão da ambiência de midiatização é a discussão de circulação, que se centra no debate do que antes era visto como uma *“zona de passagem”*

entre emissores e receptores, mas hoje passa a ser visto como um lugar emergente de novas maneiras de interação. O conceito de circulação já esteve presente em muitos estudos. Contudo, atribuíam-se a este lugar uma naturalização, em que, aparentemente, não haveria nenhum tipo de complexidade a ser considerada. Tradições de estudos em comunicação procuravam dar foco tanto ao nicho da produção quanto da recepção, mas acabavam se esquecendo da circulação (FAUSTO NETO, 2010; BRAGA, 2012).

Essa convicção passou a ser questionada a partir da tradição funcionalista, em que questões que fugiam a essa causalidade passaram a emergir. A percepção de ruídos dava indicativos ao conceito de circulação, que começava a aparecer de modo problemático (FAUSTO NETO, 2010; 2018). Em consonância, Verón já comentava sobre uma dissimetria, onde, a interação e, portanto, comunicação, não é resultante de um processo de transmissão automático entre dois pontos distintos; mas sim da diferença, que resulta em fluxos complexos (FAUSTO NETO, 2016b; 2018). Verón (2004) afirma que a circulação se dá justamente na defasagem entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção. Isto é, o autor observa o problema da circulação entendendo que os dois polos do sistema produtivo de sentido (produção e reconhecimento) são os agentes/participantes; e a diferença entre esses dois polos é justamente a circulação.

Isso significa dizer que as gramáticas de produção – “conjunto de regras, que descrevem operações” (VERON, 2004, p. 51) – estão sempre em desacordo das gramáticas/condições de reconhecimento. Assim, a comunicação nunca é linear e há sempre um conjunto de variadas operações na circulação.

Fausto Neto (2010), sobre essa mesma questão, indica que, ao possibilitar novas formas de relações entre produtores e receptores e, então, lidar com os dois polos, a zona de circulação se coloca como fundamental para entender a incidência desse fenômeno, na medida em que coloca os dois polos em contato. Referente a isso, o autor destaca:

A nova “arquitetura comunicacional midiática”, envolvendo novas relações entre produtores e receptores de mensagens, deve levar em conta as transformações havidas no âmbito da circulação. Sofrendo as injunções dos processos de midiatização crescente, a circulação complexifica seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. Este fenômeno enseja que novas hipóteses sejam formuladas acerca da existência deste “terceiro pólo”, no processo comunicacional. A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, explicita sua “atividade construcionista”, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento e dos seus efeitos. (FAUSTO NETO, 2010, p. 3).

O autor aponta como a circulação se constitui como um “lugar” onde se formam novas formas de interação entre produção e recepção, resultantes da nova disposição de circulação dos discursos. Nesse contexto, é necessário observar como esse ambiente que antes era visto como uma região neutra passa a ser entendido como um lugar onde ocorrem diversas apropriações e reformulações de lógicas, discursos e sentidos construídos socialmente. O autor atribui a esse lugar a disposição de um “terceiro polo”, para além dos polos de produção e recepção.

Além disso, Fausto Neto (2010) indica componentes do que denomina como “nova arquitetura comunicacional”: produtores, receptores e o então terceiro polo comunicacional. Definindo-o assim, o autor também explicita a sua natureza: uma outra zona. Não pertencente aos produtores e nem aos receptores, o território da circulação (que se dá através de um trabalho complexo de linguagem e técnica) evidencia o complexo emaranhado de maneiras de interação que a sociedade constrói com ela mesma. É o caso dos grupos de Facebook, onde os sujeitos passam a produzir e espalhar sentidos, não em um local de fala de produtores e/ou receptores, mas de amadores que utilizam esses meios para as suas próprias interações.

Evidentemente que o conceito de circulação não está estático desde os seus primeiros sinais nas obras de Verón. As discussões que tratam de entender sobre essa complexidade demarcam um certo percurso, no sentido de desenvolvimento do próprio conceito. Fausto Neto (2018), ao tratar de reconstituir um trajeto conceitual, mostra que o que se percebe nas dinâmicas de circulação hoje é que esse terceiro polo comunicacional configura-se como um lugar de produção e de trânsito de sentido, o que significa dizer que “os sentidos são ao mesmo tempo engendrados e disputados” nesse lugar (FAUSTO NETO, 2018, p. 31). Ou seja, o que aparecia nas primeiras hipóteses apenas como defasagem e, portanto, caracterizava a circulação como diferença entre os polos, hoje passa a despontar para a noção de acoplamentos/interações.

De acordo com tal perspectiva, a circulação vai além de uma “zona de passagem” sendo o lugar de acoplamentos de dois conjuntos de relações – produção/reconhecimento – que são colocados em contato segundo manifestações de feedbacks complexos, como possibilidade de acesso às regras de materialização dos sentidos. (FAUSTO NETO, 2018, p. 31).

Outra noção importante/instigante que decorre do debate acerca da circulação é a de fluxo adiante. Braga (2012) entende que esse “fluxo adiante” acontece de numerosas formas e o esforço de produzir algo e colocar em circulação já é fruto de uma objetivação/antecipação de escuta futura. Ou seja, os discursos, imagens, imaginários, produtos, informações etc. já são

produzidos para circular e isso compõe um fluxo que sempre vai adiante, marcado sobretudo por uma escuta que já é prevista.

Braga (2012) também chama a atenção para o fato de que o processo comunicacional caminha de um modelo conversacional para algo de natureza do fluxo adiante, e ver isso por uma perspectiva geral da sociedade (no qual os próprios grupos de Facebook e sites de redes sociais fazem parte) implica dizer que o fenômeno de midiatização muda, de maneira bastante drástica, as dinâmicas e fluxos comunicacionais.

A partir do debate dos autores, o que se descortina é que a discussão de circulação revela justamente a diferença. Um processo complexo de dinamização, em que os polos de emissão e recepção se comunicam de tal modo que não é possível entender sistematicamente. Entretanto, a circulação ainda aparece de uma forma abstrata. De que maneira enxergar a circulação concretizada?

Para Braga (2012, p. 41) ela se concretiza nos circuitos.

Uma primeira aproximação corresponde a perceber que essa circulação em fluxo contínuo não é apenas uma descrição abstrata. Ela se manifesta concretamente na sociedade, na forma de circuitos – que são culturalmente praticados, são reconhecíveis por seus usuários e podem ser descritos e analisados por pesquisadores.

E como se constroem tais circuitos? O autor identifica que são os participantes sociais que dão corpo a um circuito. Sejam sujeitos, instituições ou grupos, o que resulta é justamente uma *experiência social* que mobiliza determinados processos comunicacionais. O circuito mais marcado pela midiatização é, sobretudo, algo que atravessa os campos sociais. Na circulação, marcada por um fluxo contínuo, os circuitos têm, então, uma diversidade de ambientes atravessados, além de acionar uma variada gama de processos interacionais.

Porém, ao pensar em circuitos, volto o olhar para o que Braga (2012) chama de *experiências sociais*. Ao acionar esse termo, uma outra discussão é provocada: a ideia de dispositivos. Entretanto, a própria palavra, como o autor diz, é utilizada para descrever diversas aplicações... Seja na comunicação, engenharias, direito e outras áreas, o termo – dispositivo – serve para designar coisas e/ou processos diversos. Não há um consenso de uso do termo e, à vista disso, é importante deixar claro a sua perspectiva de uso.

Mesmo sabendo de tais atribuições, o que mais me interessa para compreender e acionar na pesquisa, e também é do âmbito das discussões de midiatização, é o conceito de dispositivo que Braga (2006; 2011; 2018a) desloca para a área da comunicação a partir de Foucault. Braga (2018a), ao visitar uma entrevista publicada na revista do campo freudiano de Paris, em 1977,

escrutina sobre o conceito de dispositivo para Foucault, tensionando-o e derivando-o para a área da comunicação. O que o autor faz é uma transferência do que Foucault diz para uma perspectiva comunicacional, tendo em vista que essas não eram as preocupações do autor original, realizando assim os ajustamentos e derivações necessárias. Segundo o próprio autor, “trata-se de aprofundar seu exercício heurístico no desentranhamento comunicacional” (BRAGA, 2018a, p. 2).

Mas o que chama atenção e é o que trago para esta pesquisa, são justamente as transferências do conceito para um ângulo comunicacional. O que antes, para Foucault, era utilizado para pensar sobre dispositivos regulatórios, de controle (BRAGA, 2018a), aqui são acionados de modo a trazer luz sobre processos comunicacionais, mais especificamente os midiáticos.

Um primeiro passo que Braga (2018a) dá é ver que dentre a variedade de dispositivos que a sociedade produz, alguns se concentram em tentar responder urgências comunicacionais. Na falta de um “instinto equalizador”, os sujeitos, necessitando se comunicar e administrar as suas diferenças, se articulam de modo experimental, pondo em ação a sua competência comunicativa¹². Há aí um primeiro obstáculo, que é a diversidade humana. O dispositivo interacional, portanto, efetiva-se através da comunicação, que é tentativa.

Um outro ponto tocado é a dimensão dos dispositivos comunicacionais. Para o autor, podem ser vistos macro e microdispositivos, tendo em vista que na história da humanidade foram desenvolvidos agenciamentos que aparecem numa dimensão macro: narração, persuasão, debates, aprendizagem etc., táticas desenvolvidas para resolver problemas para os quais são pertinentes. E, também, existem derivações que constituem micro dispositivos, constituindo eixos pontuais desses macro agenciamentos desenvolvidos.

Contudo, é interessante como autor também passa a considerar a própria nomenclatura “dispositivo”, indicando a possibilidade de uso de “arranjos interacionais”. Braga (2018a) comenta que, se por um lado, os usos do termo na área passaram a definir genericamente dispositivos técnicos, por outro, há uma ênfase no que entende como “dispositivo pronto”, em perspectiva foucaultiana. O autor aponta que a heurística de Foucault não se concentrava em dispositivos prontos, mas em processos estratégicos continuados. Assim, arranjos interacionais remetem explicitamente as estratégias, táticas e articulações acionadas na construção desses

¹² Evidentemente o autor não busca reduzir a comunicação a uma explicação biológica ou neurológica, mas procura acentuar a competência biológica (capacidade de imitação) como um ponto de partida para a comunicação como um conjunto de processos de ação, criação e transformação interacional (BRAGA, 2015).

agenciamentos interacionais/comunicacionais. Reside aí a noção de processo, que em sua gênese é *tentativo*.

Ora, ao estar preocupado com a formação de um arranjo, implica-se considerar as lógicas dos arranjos. São essas lógicas que constituem efetivamente a dinâmica central do dispositivo, segundo Braga (2018a). No entanto, como muito bem sublinhado pelo autor, os participantes não são iguais. Estão em jogo as particularidades de cada um. Assim, a interação e, portanto, a comunicação, é a única maneira de amalgamar tais diferenças. Em bom tom, o autor diz: “É preciso, em consequência, reconhecer que os arranjos assim como as estratégias sociais que os elaboram, em qualquer área da prática ou do conhecimento, são exemplos do processo comunicacional em ação” (BRAGA, 2018a, p. 20).

O arranjo interacional, na visão do autor, são “espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; **mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais**” (BRAGA, 2011, p. 11, grifos nossos). Isso mostra que o insumo social é evidentemente importante para a constituição de dispositividades interacionais na sociedade em midiatização e é a partir de tais dispositivos/arranjos que a sociedade vai resolvendo urgências comunicacionais. É interessante comentar a característica de ensaio-e-erro que se concretiza nas estratégias tentativas e, conseqüentemente, nos arranjos derivados.

No entanto, também no âmbito das discussões de midiatização, Ferreira (2007) propõe outra noção de dispositivo, que é igualmente importante. Para o autor, é nos dispositivos midiáticos que se pode compreender os processos de comunicação e, portanto, da midiatização. Nas suas próprias palavras: “o dispositivo é, por um lado, um conjunto de materialidades (passíveis de uma análise triádica, como temos sugerido) e, por outro, o conjunto de relações e intersecções com processos sociais e de comunicação” (FERREIRA, 2007, p.7).

A proposição de Ferreira (2006; 2007) é uma matriz relacional triádica argumentativa que coloca em questão um “acoplamento estrutural”, onde suporte, contexto e enunciado sejam dimensões do que o autor expressa como dispositivo midiático. Ou seja, para o autor, tecnologia, sociedade e linguagem compõem o dispositivo midiático, através de uma convergência entre esses elementos.

O que percebo como distinção entre os autores? A principal diferença entre as proposições, em minha perspectiva, reside quando o assunto é o lugar da técnica e tecnologia. Se, para Ferreira (2006;2007) ela é um aspecto importante da tríade, para Braga (2006; 2011;

2018) ela aparece onde efetivamente deve aparecer. Entendo que nesta visada de Braga, a importância da tecnologia não é correlata a um determinismo tecnológico¹³. Além disso, parece que há uma diferenciação justamente no trato do dispositivo pelos autores, enquanto um se preocupa com dispositivos midiáticos (como elementos sociotécnicos já estabilizados), o outro procura observar o processo de elaboração tentativa de sistemas de interações sociais.

Por outro lado, Gomes (2017) traz necessárias considerações acerca das incidências da midiaticização, acentuando que: “A compreensão e a vivência de princípios éticos fundamentais, que orientam a vida humana, estão sendo ressignificados de acordo com o novo modo de ser estabelecido por uma sociedade em processo de midiaticização” (GOMES, 2017, p. 144). Essa ressignificação acontece de várias maneiras e atinge inúmeros pontos da vida social. Algumas convicções estão sendo adaptadas de acordo com a incidência desse fenômeno. Gomes (2017) aponta para as transformações acerca do conceito de “presença”, por exemplo, o que significa que estar presente já não é mais sinônimo de comparecimento físico e, por consequência, existem outras concepções que rodeiam essa noção de fazer-se presente. Esse aspecto de ressignificação é muito latente, principalmente quando se olha para as novas dinâmicas de interação (re)elaboradas todos os dias por atores sociais.

Compreender essas dinâmicas permite enxergar o cenário em que os grupos de Facebook estão imersos. Nesse contexto, esses grupos ganham potencialidade justamente pela sociedade em vias de midiaticização, uma vez que estas formas de sociabilidade possibilitadas por esses grupos não representam apenas um papel interacional, mas estão também imbricadas com novas lógicas, em que o tecido social se apropria e absorve os meios e, acima de tudo, experimenta comunicacionalmente. Os próprios atores sociais ascendem aos espaços das interações e têm seus modos próprios de dar início a processos midiáticos.

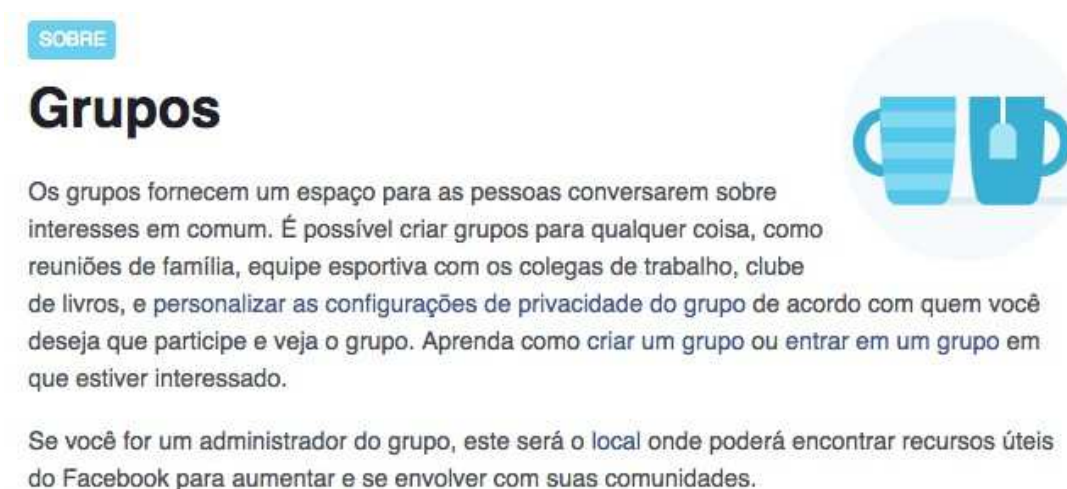
Nesse sentido, os usos do Facebook, hoje naturalizados, são práticas que foram sendo atualizadas e remodeladas. Ao longo de 15 anos, o Facebook veio se aprimorando e incluindo recursos a sua plataforma. Um deles é a possibilidade de criar e participar de grupos. De acordo

¹³ Devo dizer que a importância da contribuição dos dois autores não é somente a título de esclarecimento, uma vez que ambas me fazem pensar sobre o objeto empírico da pesquisa, tanto quanto sobre o cenário de midiaticização em que tais grupos de Facebook se engendram. Mas, tendo em vista as pistas que o objeto traz, penso que este debate sobre dispositivo acabe sendo produtivo à medida que leve em consideração justamente aquilo que se sobressai no campo de observação. O arranjo interacional investigado nesta pesquisa se encontra de acordo com perspectiva de Braga (2006, 2011 e 2018a), não com a intenção de explicar de antemão o que é o grupo LDRV, mas sim, de ter indicações sobre como olhar para esse objeto, uma vez que o que já venho percebendo no decorrer do mestrado sejam justamente as táticas, estratégias e tentativas.

com a central de ajuda¹⁴ da plataforma, os grupos “fornecem um espaço para as pessoas conversarem sobre interesses em comum”. Destaca-se também que um grupo pode ser criado para qualquer assunto de interesse dos usuários.

A possibilidade de criar um grupo indica que atores sociais podem compartilhar conteúdos entre um determinado número de pessoas. Além disso, a interação pode acontecer através de reações e comentários nas publicações que forem compartilhadas na linha do tempo do grupo.

Figura 5 - Descrição dos grupos no Facebook



Fonte: Central de ajuda da plataforma.¹⁵

Em 2017, a empresa anunciou uma mudança no seu posicionamento, agregando a esta ferramenta a incumbência de ampliar a sua missão. Segundo reportagem do Estadão (2017), a empresa, que na época possuía cerca de 3,4 bilhões de pessoas conectadas, tornou público o novo posicionamento da sua missão, buscando “dar poder para as pessoas construírem comunidades”, trazendo centralidade para este recurso que até então estava um tanto quanto “esquecido”.

Esse rearranjo da própria empresa faz com que algumas iniciativas de marketing se voltem especialmente para essa ferramenta, tornando o discurso “somos mais juntos” uma

¹⁴ Disponível no link a seguir: https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc_fnav. Acesso em 26 mar. 2019.

¹⁵ Disponível no link a seguir: https://www.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc_fnav. Acesso em: 20 mar. 2019.

investida, sobretudo, econômica. Esse é o caso da campanha publicitária global recentemente lançada¹⁶, pela primeira vez voltada diretamente aos usuários da plataforma.

Mas essa ferramenta não é tão nova quanto parece. Em outras plataformas ela já era utilizada, como por exemplo nos dois sites de redes sociais criados em 2004: Orkut¹⁷ e MySpace¹⁸. Uma reportagem do site TechTudo (2014) conta que a empresa Google disponibilizou um histórico do Orkut, no qual consta o arquivo de 51 bilhões de comunidades criadas na então rede social, contendo 120 milhões de tópicos e mais de 1 bilhão de interações, – evidenciando a força que essa ferramenta propiciava aos usuários para suas interações. Já sobre o MySpace não se tem um número estimado de comunidades/grupos alocados na rede social.

Em 2016, segundo reportagem do TecMundo (2016), o número de pessoas que utilizaram a ferramenta grupos no Facebook superou o número de 1 bilhão de pessoas e, apenas em dezembro de 2015, foram catalogadas cerca de 10 bilhões de comentários e 25 bilhões de curtidas no interior das comunidades criadas no Facebook.

É importante comentar que ao falar do Facebook e, portanto, dos grupos, além de suas outras possibilidades de usos e interações na plataforma, busco evidenciar a natureza intrínseca da circulação de uma sociedade em vias de midiatização, onde, pouco a pouco, a tecnologia é absorvida pela trama social e transforma as próprias dinâmicas interacionais. Essas tecnologias convertidas em meios passam a impactar diretamente a relação entre emissores e receptores (FAUSTO NETO, 2012).

Além disso, entendo que a sociedade em midiatização é mais complexa do que aquelas que a antecederam (FAUSTO NETO, 2019), uma vez que as práticas sociais são transformadas. A midiatização está na vida cotidiana, não é palco protagonizado somente pelos meios (GOMES, 2017). Estes grupos de Facebook são um ponto sintomático de como as ações comunicativas dos sujeitos, especialmente as midiáticas, caracterizam de modo bastante singular a insurgência de diversos processos, que complexificam e tornam essa ambiência bastante enigmática.

¹⁶ Disponível no link a seguir: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/09/23/facebook-traz-primeira-campanha-global-ao-brasil.html>>. Acesso em: 28 out. 2019.

¹⁷ Não há link disponível para a rede social que deixou de existir em 30 de setembro de 2014.

¹⁸ Link para a rede social disponível a seguir: <<https://myspace.com/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

2.1.1 O meio Facebook e a sua não opacidade

Em outros momentos desta dissertação tentei explicitar a pesquisa como um processo, dotado de uma temporalidade que não aconteceu no próprio período de escrita do texto. Sendo um processo, vários fatores estiveram presentes e, dentre alguns, destaco como eventos de socialização foram ímpares.

Em abril de 2019, participei do 13 Interprogramas Cásper Pesquisa¹⁹, evento promovido pela Faculdade Cásper Líbero. Na ocasião recebi comentários marcados sobretudo por apontamentos sobre a lógica operacional do Facebook, uma vez que estas interações e processualidades acontecem em uma plataforma pautada e circunscrita por uma série de interfaces e codificações, que por sua vez implantam algoritmos e, de alguma maneira, organizam e protocolam o modo pelo qual os usuários terão acesso ao grupo.

Esse tipo de preocupação levantada no evento foi algo que durante o desenvolvimento da pesquisa, em um momento ou outro, acabava sendo uma questão emergente. Não ter um olhar “ingênuo” sobre a não neutralidade da plataforma Facebook era algo que ia treinando na tentativa de perceber que o meio e a tecnologia também têm o seu lugar na pesquisa e deveriam ser discutidos.

Na banca de qualificação desta dissertação, apontamentos desta natureza também apareceram, o que já era esperado. O que acabou saltando aos olhos era justamente a necessidade de também discutir sobre essas lógicas da tecnologia e sobre a própria importância do meio Facebook na formação do objeto empírico da pesquisa. Assim, estruturei esse debate separando alguns pontos, com o propósito de elucidar algumas discussões que permeiam as construções técnicas, tendo então alusão a *software*, plataforma e a noção de algoritmos, respectivamente. A incógnita resultante da relação entre a especificidade do objeto e a ambiência da mediatização envolve, então, tentar decifrar esses elementos (*software*, plataforma e algoritmos) para, possivelmente, adentrar nas lógicas das experimentações sociais. Nesse sentido, é necessário pontuar que estes elementos estão amalgamados e integram as próprias lógicas e, portanto, não são dissociados. Esse quebra-cabeça é proveitoso, na medida em que a materialidade não é ignorada na compreensão dos processos em questão.

¹⁹ Link do evento disponível a seguir: <<https://casperlibero.edu.br/agenda-eventos/13o-interprogramas-casper-pesquisa/>>. Acesso em: 9 maio 2019.

Quando uso o termo *software*, busco remeter diretamente a um desafio de compreensão: como entender algo que é fundamentalmente invisível e efêmero? Chun (2011), que apontou esse desafio, propõe tratar o *software* como uma coisa. Esse pronome, à primeira vista, remete a uma redução do *software* para algo que pertence a alguém – uma mercadoria, efetivamente – no entanto, a autora pensa que tratá-lo como coisa pode ser entendido como uma amalgamação, um bairro, algo que une. A “coisa” é pensada como uma relação. Para a autora “*Software* como coisa é uma resposta e um produto de mudanças nas relações entre sujeitos e objetos, de desafios trazidos pela computação como uma tecnologia governamental neoliberal” (CHUN, 2011, p. 6, tradução nossa).

Além disso, a discussão do que é visto e do que não é visto é bastante latente na obra da autora. Para ela, pensar sobre a dinâmica de funcionamento do *software* também deve levar em consideração as ambiguidades e especificidades dessa estrutura. O que vemos, pela interface, não representa de fato tudo o que acontece.

O que um *software* faz? E o que fazemos com um *software*? Para pensar sobre essas questões me aproprio da leitura de Manovich (2014), que não é tão distante das formulações de Chun (2011). Em “*software toma el mando*”, o autor apresenta a ideia de *software* cultural, o que traduz que *software* também é algo ligado às práticas culturais. Tais práticas são de ordens variadas e acontecem segundo as ações daqueles que o utilizam, seja jogar um jogo on-line, se comunicar com outras pessoas ou buscar uma informação. Esses tipos de ações, que são sobretudo culturais, estão ligadas ao lugar que o *software* ocupa na própria cultura, como um constructo que vai se atualizando à medida que se insere no tecido social. Seja em aspectos econômicos, políticos e sociais, para o autor o *software* tem um papel de mediação na sociedade onde, cotidianamente, as práticas do homem com o computador são fundantes para um novo tipo de cultura softwarizada.

Para compreender melhor essa questão, uma discussão que Manovich (2014) aborda é em relação às imagens. O autor reflete sobre como o *software* afeta o estatuto da imagem como um todo. O impacto específico de um *software* – por exemplo, Photoshop – acaba afetando objetos comunicacionais de variadas ordens. Conviver com imagens produzidas por *softwares* beira a um ingresso silencioso desse elemento na própria noção de beleza, de mundo etc.

Em resumo, o autor explicita:

Nossa sociedade contemporânea pode ser vista como uma sociedade de software, e nossa cultura pode ser chamada de cultura de software. Isso se deve ao papel preponderante que o software desempenha na preparação de elementos materiais e

estruturas intangíveis que, como um todo, formam a “cultura”. (MANOVICH, 2014, p. 31, tradução nossa).

Essa discussão se centra, portanto, em que a sociedade faz o *software*, mas o *software* também afeta a sociedade. O autor entende que vivemos numa *sociedade do software*, compreendida a partir do papel predominante desse constructo na produção de elementos culturais. Essas reflexões – ou filosofias – sobre *software* trazem à tona uma discussão que no fundo se centra nos aspectos da mediação. Como a vivência humana é atravessada pelo *software* em seus mais diversos aspectos? É nessa problemática que os autores refletem, tendo em vista que essa estrutura não se resume apenas as suas especificidades técnicas.

Por outro lado, para Gomes (2017), as discussões acerca das mediações já foram superadas pelas problemáticas da midiatização. Para o autor:

Assumindo-se a midiatização como um novo modo de ser no mundo, supera-se, crê-se, a mediação como categoria para se pensar a mídia hoje, tanto a tradicional quanto a digital. Estamos numa nova ambiência que, se bem tenha fundamento no processo desenvolvido até aqui, significa um salto qualitativo, uma viragem fundamental no modo de ser e atuar, superando-se o conceito de mediação, mesmo sendo esse mais do que um terceiro elemento que faz a ligação entre a realidade e o indivíduo, via mídia. Ele é a forma como o receptor se relaciona com a mídia e o modo como justifica e tematiza essa mesma relação. Por isso, se estrutura como um processo social mais complexo que traz no seu bojo mecanismos de produção de sentido social. (GOMES, 2017, p. 68).

Quando o autor aciona como argumento a produção de sentido como fundante de um complexo processo social, ele se refere ao trabalho sociosemiótico que os atores fazem sobre a mídia, como bem apontado por Fausto Neto (2016a). De acordo com essa posição, o processo de midiatização “se organiza em torno ao consumo relacionado com as produções de sentido social” (GOMES, 2017, p. 94), o que significa que mesmo que as mediações materiais e simbólicas (incluindo aí os aspectos maquímicos e técnicos) estejam presentes no processo de midiatização, ela não se resume a isso. O que está em jogo é o que Gomes (2017) acentua como um “novo modo de ser e estar no mundo”, evidenciando que o problema da comunicação deixa de estar numa perspectiva funcionalista ou baseado nas mediações, mas sim num panorama sistêmico, onde emissor, receptor, meio e mensagem formam um conjunto, uma ambiência.

Ainda assim, na medida em que a discussão de *software* cultural ganha importância, a noção de interface cultural também se sobressai, uma vez que é através dela que a cultura passa a ser codificada pelas máquinas.

Nas palavras de Manovich (2001)

À medida que a distribuição de todas as formas de cultura se torna baseada em computador, estamos cada vez mais "interagindo" com dados predominantemente culturais: textos, fotografias, filmes, música, ambientes virtuais. Em resumo, não estamos mais fazendo interface com um computador, mas com a cultura codificada em formato digital. Usarei o termo "interfaces culturais" para descrever a interface humano-computador-cultura: as maneiras pelas quais os computadores se apresentam e nos permitem interagir com dados culturais. (MANOVICH, 2001, p. 80, tradução nossa).

A interface cultural, dessa forma, refere-se a uma tríade, humano-computador-cultura, e a maneira pelas quais se estabelecem relações entre esses elementos. A noção de interface somente como algo digital é ultrapassada e leva-se adiante os modos pelos quais o usuário interage com o computador. Contudo, a ideia de plataforma é pensada tendo em vista o seu lugar no processo interacional. É através dela que os sujeitos – membros do grupo LDRV – têm acesso ao que o *software*, plataforma e algoritmos oferecem.

Montaño (2015), ao olhar para plataforma de vídeo YouTube, entende que “As plataformas de vídeo enunciam-se, assim, como uma grande interface entre dados, *softwares* e usuários, um ambiente em rede que suscita diversas perguntas sobre o lugar do usuário e os processos midiáticos gerados em torno dele” (MONTAÑO, 2015, p. 172). Evidentemente, pelo objeto da pesquisa não estar na plataforma de vídeos observada pela autora, é necessário fazer transferências, porém o que se sobressai nessa proposta de conceitualização é justamente a rede que se forma entre esses agenciadores: dados, *softwares* e usuários. Há aí, segundo a autora, um vínculo entre esses elementos.

Neste sentido, Van Dijck (2013, p. 29) aponta que plataformas são fornecedoras de *softwares* e possivelmente *hardwares*, e também de serviços que colaboram para codificar uma ação social em uma linguagem computacional. O processamento de meta-dados se efetiva através de algoritmos e protocolos informacionais construídos previamente, acessados através de interfaces.

Para compreender os algoritmos dentro das plataformas é necessário revisitar a hipótese que Manovich (2014) sustenta com *software* cultural, uma vez que nela também reside a ideia de algoritmo como um constructo. O que o autor argumenta é uma a noção de algoritmo como uma soma de determinados procedimentos lógicos que, quando seguidos, executam determinada ação.

Um algoritmo é uma sequência de passos que precisam ser seguidos para a realização de uma tarefa. Os computadores digitais permitem executar a maior parte dos algoritmos muito rapidamente, por mais que, em princípio, um algoritmo, já que é apenas um conjunto de passos simples, também possa ser executado por um humano, embora muito mais lentamente. Por exemplo, um humano pode colocar arquivos em

uma ordem específica, contar o número de palavras em um texto ou recortar parte de uma imagem e colá-la em um lugar diferente. (MANOVICH, 2005, p. 41).

Essa noção de algoritmo como constructo tensiona uma perspectiva de algoritmo como unicamente o processo mecanizado digitalmente. Essa visada traz, para esse texto, a percepção de que algoritmo não é oriundo das máquinas, especialmente as digitais, mas sim de processos sociais. Mesmo quando não havia computadores, por exemplo, os algoritmos, em alguma medida, já eram utilizados pelas pessoas. O que muda efetivamente, a partir da mecanização, é que as máquinas passam a processar algoritmos numa velocidade infinitamente maior do que a humana. Isso implica dizer que “essa percepção nos oferece uma nova maneira de pensar a respeito da computação digital, em geral, e das novas mídias, em particular, como uma enorme aceleração de várias técnicas manuais que já existiam” (MANOVICH, 2005, p. 41).

O desafio que se abre é justamente entender como esses algoritmos digitais se tornam parte constituinte dos processos midiáticos que acontecem no objeto empírico. A ideia de filtro bolha, de Parisier (2012), parece que, em termos gerais, consegue ajudar a interpretar a forma de ação desse elemento. Para o autor, os dados, organizados pelos algoritmos, estão sendo cada vez mais reunidos à semelhança de bolhas. Falar de filtro bolha é justamente ter em mente essa noção de personalização, através dos algoritmos, que reúnem os sujeitos com interesses em comum em uma única bolha. Por exemplo: durante esta dissertação, obviamente tive grandes momentos de imersão no grupo que é o objeto empírico. Para fazer isso, era necessário clicar em elementos, reagir a conteúdos, acessar o grupo... enfim, ter ações efetivas. O algoritmo, por sua vez, entendeu que era isso que me interessava. Treinado, quanto mais utilizava meu próprio perfil no site de rede social Facebook para acessar o grupo LDRV; mais acabava recebendo notificações do grupo, trazidas pelo algoritmo. Esse tipo de comportamento do algoritmo – em trazer conteúdos de um determinado assunto que interessa – é o que acaba criando um movimento circular e de imersão num conjunto de opiniões parecidas. Trago esse exemplo com o intuito de pensar sobre essa arquitetura algorítmica fazendo algo (e com interesses) no âmbito dessa plataforma, que é o que Parisier (2012) entende como a constituição da bolha. Em cada uma dessas pequenas ações que fiz existiram outras tantas elaboradas pelo algoritmo, sempre calculando em função daquilo que é entendido como propósito da própria empresa Facebook.

O autor tem uma frase emblemática, que considero produtiva para pensar sobre a sua proposição: “A nova internet não só já sabe que você é um cachorro – ela conhece a sua raça e quer lhe vender um saco de ração *premium*” (PARISIER, 2012, p. 09). A exposição do autor é

explicitamente uma posição crítica, ao afirmar que os algoritmos conseguem “mapear” o comportamento dos usuários a partir da entrada de dados. Esse tipo de mapeamento permite conhecer os usuários tão bem, a ponto de calcular os interesses mais pertinentes para cada ação realizada.

Um segundo ponto, tocado pelo autor, é justamente a proposição de negócio que se estrutura a partir desses mapeamentos. Afinal, qual o propósito de construir bancos de dados com o mapeamento dos perfis de usuários?

Para Parisier (2012)

As massas de dados acumulados pelo Facebook e pelo Google têm dois propósitos: para os usuários, são a chave para a oferta de notícias e resultados pessoalmente relevantes; para os anunciantes, os dados são a chave para encontrar possíveis compradores. A empresa que tiver a maior quantidade de informações e souber usá-las melhor ganhará os dólares da publicidade. (PARISIER, 2012, p. 41).

Assim, semelhantemente, os algoritmos do Google e do Facebook (mesmo que funcionem de formas diferentes) operam com intuito de coletar, mapear e transformar esses dados em inteligência de mercado. Portanto, “quanto mais personalizadas forem suas ofertas de informação, mais anúncios eles conseguirão vender e maior será a chance de que você compre os produtos oferecidos” (PARISIER, 2012, p. 10).

O que Parisier (2012) argumenta é que os algoritmos, sob uma lógica de personalização, possuem uma capacidade de memorização e constante atualização sobre o que os usuários querem acessar, através de bancos de dados construídos à medida que os atores sociais usam e deixam pistas sobre os seus interesses.

Assinado sob a rubrica de um espaço de compartilhamento, Van Djick (2013) comenta que a plataforma do site de rede social Facebook é intrínseca a sua organização enquanto propriedade, uma vez que esta natureza dá a ver maneiras constitutivas de seu próprio funcionamento. Muito embora ideologicamente traga à tona um posicionamento preocupado em trazer poder para os usuários criarem comunidades, existe a necessidade de ser lucrativa, seja por publicidade, seja por venda de dados dos usuários, seja por parcerias estabelecidas com outras plataformas. Essa característica, evidentemente, mostra como a gestão operacional possui um certo poder técnico sobre práticas e usos da plataforma.

Da mesma forma, a gestão dos dados no Facebook, além de possibilitar uma autoridade operacional da própria plataforma, também oferece aos usuários maneiras de usabilidades que sejam sustentadas nos dados. Por exemplo, os algoritmos possibilitam que as próprias equipes de administração de grupos formados na plataforma tenham um poder que, sobretudo,

ultrapassa a dimensão simbólica, alçado em técnica e comando. Os dados, que podem ser obtidos através da ferramenta de administração dos grupos, regidos pela plataforma, são traduzidos em inteligência para que a administração e moderação dos grupos tomem decisões estratégicas, tendo em vista as informações coletadas.

Olhar para essas lógicas do meio, pautadas por construções técnicas, revelam onde a comunidade está. As funções da plataforma Facebook como meio, e também como um lugar absolutamente construído a partir de códigos, faz pensar sobre como esses grupos de Facebook, e mais especificamente o objeto da pesquisa, se apropriam dos códigos da plataforma e geram outros códigos.

Indo além do gesto de concordar ou discordar dos autores, o que parece ser propício para o trabalho é tensionar essas formulações, tendo em vista o processo de mediação. Se, por um lado, tais formulações ajudam a compreender um cenário de teorizações sobre tais elementos, por outro, vejo necessário fazer uma transferência tentativa dessas proposições para a compreensão aqui proposta da não opacidade do meio.

Como percebo o meio Facebook? O que me aproxima ou distancia de Manovich e de autores que trazem a ideia de uma nova mediação ou de uma atualização da técnica? Como a interface aqui é tratada? Esse tipo de pergunta é uma maneira de encaminhar tais proposições teóricas à serviço de uma correlação do objeto de pesquisa com a problemática da mediação, pensando o processo social, mas também levando em consideração as materialidades.

Embora derivado de tais proposições, mobilizo teoricamente em minha pesquisa a hipótese de que o meio é, para além das dinâmicas de acesso, instrumentalidades, intermedialidades da comunicação e cultura, uma configuração resultante da tecnologia e do consumo social. Essa proposição é baseada na ideia de Fausto Neto (2012), que compreende essa configuração justamente como essência da circulação, como já sinalizado anteriormente.

Verón (1997, p. 14-15) já levantava a discussão sobre a produção de sentidos, indo além da problemática de acesso às mensagens. Segundo o autor, “as condições de acesso às mensagens e as condições de acesso ao sentido são duas problemáticas totalmente distintas”, o que significa dizer que não é tão somente o dilema de acesso que resolve e traz luz sobre a questão comunicacional. Antes, que o trabalho sociosemiótico, ou seja, a produção de sentidos, é uma via de “acesso aos sentidos dos quais as mensagens são portadoras”.

A distinção sobre a questão de acesso e a da produção de sentidos também é tema abordado por Fausto Neto (2016a). O autor, ao recuperar essa problemática da qual Verón também se ocupava, parece trazer um tensionamento que pode ser aqui apropriado para defender o ponto de vista sendo construído nessa pesquisa. Na verdade, o autor se refere a um

tratamento um tanto quanto superficial no que diz respeito às relações dos atores com os agenciamentos midiáticos, sobretudo quando o foco são os sentidos produzidos a partir da transformação das práticas e interações sociais.

Para além do acesso e da observância de protocolos situados pela expectativa das lógicas em produção, é preciso, porém, interrogar-se (e descrever) sobre as relações dos indivíduos com inúmeros protocolos que envolvem o manejo do acesso às ofertas. Muitos desenham percursos sobre os efeitos do próprio manejo de suas identidades. Especialmente, quando a precondição do acesso a serviços, bens, conhecimentos, etc. requer mecanismos reguladores como senhas, condicionadores e prefiguradores de determinada performance. São questões que se desenvolvem em torno de lógicas conflitivas (...), reúnem operações e marcas de processos de divergências que servem, justamente, para mostrar algo que vai além da observância do acesso. Aponta-se para dimensões de descontinuidades na dinâmica proposta pela formulação em convergência. (FAUSTO NETO, 2016a, p. 59).

A noção de não-linearidades (ou descontinuidades) refere-se justamente à problematização dos sentidos que são construídos sob essa paisagem. Essa complexa intercambialidade, resultante da circulação, é a recusa de uma noção causalista, que percebe a necessidade de olhar para a dinâmica comunicacional para além de uma simples possibilidade de acesso, portanto, levando em consideração o engendramento entre as diferenças²⁰, através de operações e estratégias interacionais entre atores e instituições, que se exteriorizam rigorosamente nos confrontos de produção de sentidos.

O que esta citação faz neste texto é deslocar um olhar pautado numa circunstância de causalidade, demarcando uma preocupação com a dimensão dos sentidos produzidos. Isso significa que não se trata de rejeitar o lugar da técnica e da tecnologia no processo comunicacional, mas saber localizá-lo sem se ancorar num discurso que seja, no fundo, tecnodeterminista.

Apesar de o autor estar preocupado especificamente com um diálogo com a noção de convergência, situando o seu debate principalmente a partir de Henry Jenkins, o seu tensionamento é importante porque recai justamente sobre questões aqui tratadas. Quando Fausto Neto (2016a) questiona uma simplificação dos efeitos que emergem do contexto de acesso e contatos que passam a ser regidos pelas mídias, ele, na verdade, fundamenta a sua crítica a partir de uma perspectiva que “examina a produção do sentido a partir da noção de um amplo e complexo trabalho significativo” (FAUSTO NETO, 2016a, p. 68), tendo em vista as condições de produção de sentido como episódios que se concretizam a partir de operações

²⁰ As diferenças são as defasagens entre gramáticas de produção e de reconhecimento, o que resulta em uma impossível linearidade. Sempre há uma disputa pelo sentido (VERÓN, 2004).

tecnomidiáticas. Posso dizer, assim, que o esforço de identificar o papel de tais operações tecnomidiáticas é essencial para compreender o trabalho significativo que é produzido sobre.

Embora esse debate esteja situado num território teórico-epistemológico, é interessante trazer para os processos específicos do objeto, sob estes ângulos, o que é especificamente extraído. O cenário de redes em que as práticas significantes aqui estudadas são produzidas não são lisos, como bem apontado por Fausto Neto (2019), mas são povoados por empresas com inclinações financeiras, além de serem estruturados por interfaces digitais, algoritmos e *softwares*. Acredito ser produtivo, portanto, pensar essas intervenções sobre os processos, mais estritamente, sobre as lógicas específicas de mediação no LDRV. Em outras palavras, isso significa que no enfrentamento do problema de pesquisa é relevante perceber, na medida do possível, essas operações e agenciamentos tecnológicos/técnicos como elementos importantes da produção de sentidos.

Mas, antes de tudo, a questão a ser debatida é a seguinte: que tipo de articulação acontece? Parto do pressuposto que há uma via de mão dupla. Se, de um lado, os meios estão implicados com novos processos de apropriação e criação, é justamente porque potencializam a experimentação. É por isso que vemos, tão diversamente, tecnologias sendo usadas para fins tão heterogêneos, não pensados²¹. Por outro, os meios também são atravessados pelas defasagens de sentido. Isso envolve perceber que a não opacidade do meio não corresponde a um domínio sobre as lógicas, tampouco que as tecnologias são lisas quanto a sentidos. Acredito que esse feixe duplo de relações é, em grande parte, derivado de um incrustamento dos meios no tecido social.

2.2 O LDRV

LDRV é a sigla de Lana Del Ray VEVO. O LDRV hoje é um grupo no Facebook, mas surgiu em 2013 como página homônima no Tumblr. Criada com intuito de divulgar *cards*²² de cantoras alternativas, migrou para o Facebook em forma de página e mais tarde passou a reunir seus seguidores em um grupo na plataforma. O propósito do grupo de “tornar-se uma válvula de escape dos tormentos cotidianos com postagens descontraídas e discussões saudáveis”²³,

²¹ Um exemplo disso, comentado por Fidji Simo, chefe do aplicativo do Facebook, durante a conferência *Facebook for Developers* (2019)²¹, é em relação aos grupos do Facebook serem usados para vendas, o que inicialmente não tinha sido premeditado pela plataforma. Esse tipo de apropriação serviu de pano de fundo, segundo Fidji, para a criação de uma nova ferramenta no Facebook, o *MarketPlace*.

²² Imagens usadas nos status e publicações.

²³ Informação retirada da aba ‘Sobre’ do grupo.

em alguma medida está presente no dia a dia dos membros, que participam e se engajam ativamente nos conteúdos que circulam na comunidade.

Ao se propor como uma “válvula de escape”, o grupo já revela uma preocupação em se diferenciar de uma ambiência violenta e de sofrimentos, a qual os sujeitos LGBTQ+ enfrentam num contexto social, político e de gênero. Tentando ser este lugar outro, o grupo tenta, de alguma maneira, configurar uma espécie de contra universo – que também é preocupado com debates bastante atuais.

Com o intuito de ser um lugar próprio para interagir sobre assuntos engraçados e descontraídos, ele busca se constituir como um espaço destinado (mas não exclusivo) para sujeitos LGBTQ+. Porém, mesmo sendo um lugar dedicado a esses indivíduos, a comunidade não se organiza como uma zona de ativismo – embora ao se propor como um espaço seguro a esses membros já esteja construindo uma perspectiva politizada e relativamente ativista.

O grupo subdivide-se em 14 ramificações temáticas. A principal motivação para que existam esses subgrupos (ou *spin-offs*) é justamente por não querer que o grupo principal seja *flodado*²⁴. Essas ramificações também existem em formato de páginas e perfis em outras plataformas, como por exemplo Twitter, Instagram e LinkedIn. Cada subgrupo possui suas próprias regras e lógicas, assim como sua equipe de administradores e moderadores. Além disso, nem todo mundo que faz parte do grupo principal, por exemplo, consegue ser aceito nas ramificações, o que significa que não basta fazer parte do LDRV (grupo principal), é também necessário estar “adequado” ao propósito da ramificação em que deseja ser aceito. Esses subgrupos surgem a qualquer momento, tendo em vista as “urgências” que vão aparecendo cotidianamente na comunidade principal. O seu “espalhamento/publicização” se dá normalmente por uma publicação do criador do LDRV/administradores contando que criaram um novo grupo com tais e tais objetivos.

Na formulação inicial do LDRV, a cantora Lana Del Rey (e outras do gênero) apresentava-se como um aspecto importante, uma vez que a preferência musical dos atores envolvidos em relação à artista era algo que, de alguma maneira, os conectava. Porém, saliento neste momento de apresentação do objeto que **o grupo atualmente não se trata de um conjunto de fãs da cantora Lana Del Rey**²⁵. Ainda que, em seu início, o intuito era falar sobre

²⁴ Termo utilizado pelos membros para descrever quando *posts* repetitivos estão tornando a linha do tempo “chata”, reproduzindo mais do mesmo.

²⁵ Um aspecto curioso: o nome do grupo tem explicitamente uma letra diferente do nome da cantora. Através de conversas com o criador do grupo, entendi que isso foi pensado como uma espécie de sátira, pois, segundo o criador, na época em que o grupo nasceu muitas pessoas escreviam o nome da cantora de forma errada e, assim, ele o adotou para o grupo e páginas.

cantoras alternativas e, notoriamente, sobre a Lana Del Rey, hoje a conversação já não se baseia em torno dela²⁶. Possivelmente existam discussões onde o imaginário sobre essa cantora esteja presente, mas não se trata especificamente de fãs interagindo sobre ela. Trata-se de uma comunidade na qual os atores sociais compartilham sobre o seu dia a dia, de uma forma cômica e inusitada. Narrativas genuínas, que possivelmente exponham algo rotineiro de forma engraçada, é o que normalmente traduz a natureza e substância dessa comunidade.

Esse processo de transformação do grupo aconteceu muito em função de uma transição geracional de eras do LDRV. O que se denomina aqui como “gerações do grupo” equivale ao processo de criação de um grupo totalmente novo. Esse processo se dava basicamente a partir da decisão do criador do grupo/administração que, levando em consideração determinadas razões, resolvia criar um novo grupo, denominando-o como uma “nova era” do LDRV. A partir disso, os membros que quisessem fazer parte da nova era do grupo eram forçados a migrar. Em entrevista ao grupo de mídia Vice²⁷, Neto (2017, grifos nossos), criador do grupo, conta que decidiu parar de criar novas eras. Segundo a entrevista, a principal motivação era a superlotação de membros: **“À medida que ele ficava muito grande a gente deletava o grupo e criava uma ‘nova era’”**.

Em outra entrevista, Neto explica que a criação de novas eras do grupo se dá pelo aspecto tentativo do grupo:

Não temos nenhum relato de como administrar um grupo no Facebook. Tudo o que a gente faz no LDRV é com tentativas e erros. Nem sempre uma ação dá certo, às vezes a gente erra e começa um grupo do zero. Por que fazer isso? Quando a gente começa um grupo do zero, tem um crescimento gradativo e consegue administrar as pessoas de forma mais eficaz, não cometendo os mesmos erros do passado. (NETO, 2018, on-line).

Além disso, Neto (2018) relata que em média se tem 40 milhões de interações (entre curtidas e comentários). Nesse conjunto, existe um arsenal de regras que de alguma forma direcionam e realizam a manutenção do grupo. Para isso, há uma equipe de administradores/moderadores que observam e, quando necessário, “punem” aqueles que não as seguem. É importante dizer que essas regras não são “paradas no tempo”, mas vão sendo construídas pelas necessidades percebidas no dia a dia e também pelo o que a própria

²⁶ Esse processo de “transformação” do que o LDRV era em seu início para o que ele é hoje é um percurso em que inúmeros fatores agiram. Não posso afirmar quais foram exatamente os processos para que ele deixasse de ser algo que falasse sobre cantoras alternativas de um modo humorístico para o que o grupo se tornou hoje.

²⁷ Site da Vice disponível no link a seguir: www.vice.com.

comunidade suscita como melhorias. Isso equivale a dizer que há um processo co-criativo dos regramentos.

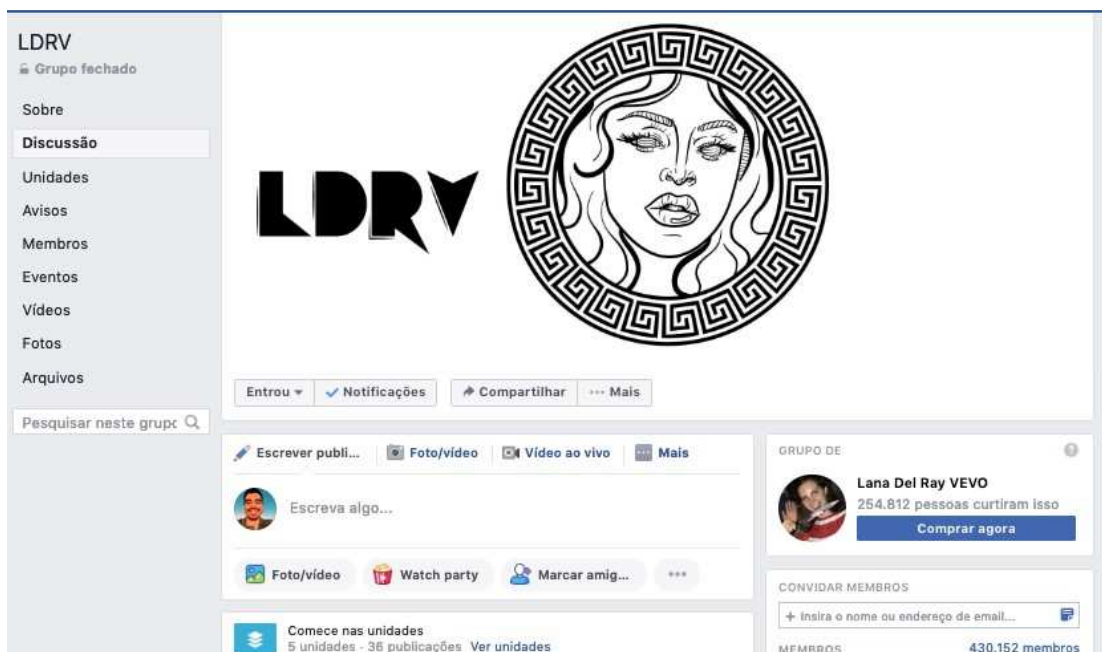
Tenho de fazer uma ressalva nessa apresentação do grupo: não é só a equipe de administração e moderação do grupo que “vigia”. Os próprios membros avisam uns aos outros, quando identificam uma publicação/comportamento que não esteja de acordo com as regras. Por outro lado, também possuem canais e, eventualmente, postagens de denúncia para “delatarem” outros indivíduos que não estejam agindo em conformidade com o que se espera dos membros do grupo. Minha hipótese para essa ‘autovigilância’ entre os membros é que esse comportamento se trata de uma preocupação com a manutenção do grupo.

O compartilhamento de códigos, imaginários e maneiras de interação também caracteriza a forma de conversação entre os membros. O humor, a preservação de uma identidade coletiva e sentimento de pertença são as principais mantenedoras dos membros dessa comunidade. Percebo, de maneira muito clara, a importância de um agenciamento da manutenção do propósito da comunidade, que é feito não só pela equipe de administração e moderação, mas também pelos próprios membros, para que a comunidade “funcione” como o esperado.

O grupo é fechado e para participar é necessário ter a solicitação aprovada pela administração do grupo. Os critérios de análise não são explícitos, mas provavelmente são norteados pelas diretrizes, propósito e regras produzidas para e pela comunidade. Porém, nem sempre a privacidade do grupo foi fechada, pois, em grande parte de sua “história”, o grupo era secreto na plataforma Facebook. Recentemente, de secreto (possibilidade que ninguém conseguia encontrar através das ferramentas de buscas) a sua privacidade foi alterada para fechada, o que significa que poderia ser encontrado através de buscas por qualquer usuário do site de rede social. Quando secreto, apenas já membros da comunidade poderiam enviar convites para seus amigos no site de rede social para fazer parte do grupo (o que facilitava a administração/moderação do grupo no processo de seleção de quem entraria ou não), hoje, como qualquer usuário pode encontrar o grupo, acredito que haja um pouco mais de trabalho nessa “peneira” de quem é aceito ou não.

O que acontece, na verdade, é que quando o grupo deixa de ser secreto ele se abre para as redes. Isso se dá em função do interesse que ele estava gerando (inclusive econômico), tanto de atores querendo participar quanto de empresas que queriam realizar algum tipo de campanha publicitária.

Figura 6 - O grupo



Fonte: acervo do autor.

Esse interesse despertado pelo grupo é efetivamente lucrativo, uma vez que já foram realizadas diversas parcerias entre o grupo e marcas. Descontos, brindes, facilidades são algumas das possibilidades que essas colaborações ofereceram aos membros do LDRV. Contudo, me parece que essas ações de marketing acontecem bastante pontualmente e, também, são bem específicas quando se trata do perfil de marca associada à comunidade.

Figura 7 - Post de parceria do grupo com marca



Fonte: acervo do autor.

Um caso de parceria do grupo com marca nacional é a recente colaboração com a Skol. No dia 11 de outubro de 2019, a marca de cervejas, em colaboração com o Facebook, lançou uma websérie denominada “*Tour das tours*”, inspirada em *tours* do grupo LDRV. Pensada inicialmente para ser composta por 11 episódios, a série é protagonizada por personagens fictícios que, basicamente, tem o sonho de *hitar*²⁸ através de *tours* (MEIO E MENSAGEM, 2019).

Inspirada em histórias originalmente divulgadas no grupo que acabaram posteriormente, de uma forma ou de outra, saindo do grupo e indo para as redes, aparentemente existiram negociações sobre os direitos autorais entre a marca e o grupo, o que envolveu, certamente, os próprios membros criadores das *tours*.

²⁸ Esse termo é um trocadilho com a palavra “hit”. “Hitar” significa fazer sucesso.

Figura 8 - Campanha publicitária inspirada no grupo



Fonte: acervo do autor.

Esse projeto, em específico, é bastante emblemático porque é possível visualizar uma série de apropriações das áreas da publicidade e do marketing sobre os dizeres e ações interacionais dos membros do grupo. Essas apropriações, que vão desde as expressões que habitam o imaginário do LDRV a alguns modos próprios de ação, acabam mostrando como esse tipo de consumo revela um valor (que é também de mercado) sobre o que se faz na comunidade.

É interessante notar como essas marcas, com alto poder de investimento financeiro e comercial, sentem a necessidade de olhar para esse grupo e tentam de alguma maneira aproximar a sua imagem de mercado com a do LDRV. A especificidade desse grupo parece ter algo que é também valioso comercialmente – o que explicaria o interesse destas empresas. Mas, afinal, o que faz o LDRV ser tão interessante?

Não é incomum ver *tours* de membros extrapolarem o grupo e ganharem destaque em veículos da mídia. Algumas reverberam tanto que acabam se tornando pauta, em diversos meios. Um exemplo disso é um *post* no grupo que se transformou em meme e ganhou bastante

repercussão: trata-se do meme “Turma da inbonha”²⁹. Contando sobre o início do meme (quando publicou no grupo) e a sua reverberação na web, a membro do grupo chegou a participar no programa de TV “Encontro com Fátima Bernardes”³⁰, exibido em rede nacional pela Rede Globo de Televisão.

Existe um aspecto curioso, percebido em explorações empíricas do objeto, que consiste no fato de existirem versões do LDRV “não-oficiais”. Digo “não-oficiais” **por não estarem vinculadas à página oficial do grupo** e, portanto, não serem de fato um grupo verídico do LDRV. Mas um segundo elemento que atestaria a veracidade de um grupo paralelo é a composição da equipe de administração e moderação³¹. Normalmente, tanto no grupo principal como em suas ramificações do LDRV, a presença de alguns atores sociais atesta que aquele é de fato um LDRV verdadeiro (como é o caso do criador do grupo). Neste sentido, quando não há ninguém na equipe de administração/moderação do LDRV principal, nem o criador do LDRV, nestes grupos paralelos, conseqüentemente entende-se de que não se trata de fato de um LDRV oficial. Assim, a instância de administração e moderação do grupo se apresenta como elemento fundamental para entender o que é o grupo. Por outro lado, as regras também são um componente essencial para perceber se é de fato um LDRV ou não, pois elas são parte constituinte (e bastante característica) desse grupo.

Em diversas ocasiões o grupo despertou interesse e curiosidade nas redes. Um exemplo, é a indicação pelo prêmio MTV MIAW³² como um dos “vícios” da internet, em 2018. Mesmo não recebendo o prêmio, essa indicação já diz muito sobre como essa comunidade chama a atenção. Além disso, não faltam exemplos de reportagens, entrevistas, artigos de conteúdo em revistas digitais comentando sobre aspectos curiosos e impactos do grupo nas redes.

2.3 DO PROBLEMA DE PESQUISA AO CAMPO DE OBSERVAÇÃO: DELIMITAÇÃO DO CASO

Para explicitar a natureza do caso da pesquisa, preciso descrever de que maneira construí a pergunta problema, de forma que um processo está ligado intimamente ao outro. No entanto, nem um nem outro se desvelaram tão facilmente quanto se gostaria. Cavoucar este

²⁹ Mais detalhes sobre “surgimento” do meme em: <<https://bzfd.it/30DdpT9>>. Acesso em: 08 fev 2019.

³⁰ Disponível no link a seguir: <<https://globoplay.globo.com/v/5373656/>>. Acesso em: 08 fev 2019.

³¹ No Anexo C desta dissertação encontra-se uma publicação de um moderador do grupo alertando sobre a existência de tais grupos.

³² *Post* de comemoração a indicação ao prêmio disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2JYun8C>>. Acesso em: 20 maio 2019.

problema, bem como entender o que de fato é o caso da pesquisa, demandou tempo, paciência, dedicação e muitas horas de reflexão.

Há dois anos, aproximadamente, ingressei no mestrado com uma ideia de projeto. Como explicitado na introdução deste relatório, fui passando por um processo de desconstrução deste, entendendo que, ao realizar a escolha de um caminho, estava deixando tantas outras possibilidades de fora. Deleuze (2001, p. 4) já dizia: “uma escolha se define sempre em função daquilo que ela exclui”.

Uma das primeiras problematizações que construí, tendo em vista a desconstrução do projeto de ingresso, estava ligada à tentativa de entender a motivação dos membros em participar com tanto interesse nesse grupo. Seja em discussões em aula, conversas de corredor ou em outros momentos nos quais pude compartilhar características do objeto empírico, surgia o questionamento: “mas por que essas pessoas querem/gostam tanto de participar deste grupo? Qual o motivo?”. Essa pergunta, realizada no início do trajeto, trazia um grande risco de levar a pesquisa por um caminho de questionário de opinião. Esse risco, hoje já aclarado e distanciado, não torna a pergunta completamente obsoleta, uma vez que ela continua presente na formulação do problema de pesquisa, tendo em vista que a preocupação ainda é ligada a entender a especificidade do grupo, mas elaborada de uma outra maneira. O que se revelava, timidamente, era a busca por um entendimento do que torna esse objeto único. Essa pergunta estava próxima a uma vivência empírica que, como membro, estive presente como pano de fundo no processo da pesquisa.

No entanto, a problematização sobre aquilo que enxergava no empírico precisava de um direcionamento. Aulas, seminários, eventos, leituras, orientações e tantas outras coisas foram e continuam sendo elementos tensionadores da formulação do problema de pesquisa. A perspectiva dos estudos de caso permitiu buscar a especificidade do objeto. Tentar entender a singularidade do caso, por um lado, permitia investigar a idiosincrasia do objeto empírico, mas, por outro, pedia uma certa atitude de tentar articular a especificidade com atravessamentos mais gerais da sociedade. Ora, se por um lado buscava elucidar a singularidade, por outro, buscava conectar essa singularidade em processos transversais.

A descrição exhaustiva das características empíricas do objeto, nesse sentido, possibilitou uma imersão profunda. Conhecer intimamente e observar com um olhar problematizante, instigava a questionar o que de fato eram aquelas processualidades que estavam ali, e qual era a sua articulação com um contexto geral da sociedade. Contudo, não era apenas o conteúdo do que observava que chamava a atenção, a forma como os atores sociais davam início a processos também tinha importância. Essas pistas, a todo momento, chegavam

até a pesquisa numa perspectiva de tentar compreender por que elas se davam desse jeito, e o que isto poderia revelar sobre a própria comunicação.

Por outro lado, entender onde estava a mediação se fazia um questionamento constante, uma vez que a comunidade não é descolada da realidade, tampouco desse caldo cultural. Isso não significa que adotava como premissa, num sentido dedutivista, conseguir observar as operações de mediação. Antes, trata-se de uma tentativa de articulação entre lógicas desse objeto e a ambiência na qual ele está inserido.

O ensejo da qualificação, como já citado anteriormente na introdução, foi fundamental para trazer um alinhamento teórico com o que a empiria oferecia de especificidade do objeto. A formulação anterior³³, que separava e tornava ambíguas as lógicas de mediação e as práticas comunicacionais, tinha um problema redacional que obrigava uma revisão das pistas para entender do que se tratava o caso da pesquisa. Tentar ultrapassar a formulação da pergunta apresentada à qualificação revelou uma dificuldade de refinamento do problema de pesquisa, tendo em vista uma afetação do que antes era visto como pergunta. Neste esforço, percebi que não era necessário descartar as lógicas, mas sim reordenar os elementos.

Nesta conjuntura, o problema de pesquisa a ser enfrentado é **de que forma as experimentações sociais, expressas em operações e códigos, dão a ver lógicas específicas de mediação em grupos formados no Facebook?** O olhar que agora já não separava coisas inseparáveis procura entender justamente a sua configuração. Se antes compreendia que as lógicas de alguma maneira incidiam sobre práticas, agora, **são as experimentações sociais que dão a ver justamente lógicas específicas de mediação** que, embora sejam observadas na análise desse grupo em específico, elas acabam encontrando uma espécie de eco nessa cultura de grupos no Facebook.

É preciso considerar então que o grupo LDRV permite problematizar operações de regramento, vigilância, identidade, pertencimento e das interações que acontecem ali, evidenciando algumas lógicas, como por exemplo: lógicas de regulação em um ambiente disruptivo de redes, onde o contato direto, a fragmentação e a crítica são práticas fortemente adotadas diariamente. Dinâmicas de arranjos interacionais e lógicas de contra repetição são constructos também observados.

Nesse intuito, não ignorando a presença dos elementos estruturantes e operacionais, mas não os percebendo como determinísticos, identifico os acionamentos do LDRV como um dispositivo/arranjo interacional (BRAGA 2006; 2011) que é socialmente engendrado, em

³³ Problema anterior explicitado na introdução deste trabalho.

constante elaboração e com a presença significativa de lógicas estruturantes da plataforma. Essa problematização é o que traz à tona e configura, em alguma medida, o caso da pesquisa.

Embora já tenha explicitado em páginas anteriores o uso do termo dispositivo que adoto, acho importante, diante do apreço social em empregar o vocábulo dispositivo associado a elementos técnicos, demarcar que não se trata de considerar dispositivo como uma instrumentalidade tecnológica. Antes, deflagra uma matriz comunicacional (BRAGA 2006; 2011; 2017; 2018a), um sistema de relações entre esses sujeitos, de modo que, ainda que os aparatos técnicos sejam importantes (internet, Facebook etc.), o que aponta para a condição de existência do dispositivo interacional é o conjunto de relações (de operações, usos, apropriações, estratégias, lógicas) entre esses atores que, em suma, configuram as lógicas específicas desse arranjo interacional.

2.3.1 Campo de observação

Mesmo tendo percebido qual é o problema de pesquisa, o campo de observação se apresentou durante muito tempo como sendo o próprio grupo LDRV. Tal pensamento estava expresso pela característica de proximidade: o grupo era o primeiro elemento que ganhava destaque, por ser o objeto empírico. Contudo, não se trata do grupo LDRV ser o campo de observação, mas sim as lógicas acionadas dentro dele. Chamo a atenção para o fato de que o que será analisado são processos midiáticos presentes e adjuntos a tantos outros, os quais tenho de abrir mão, tendo em vista o tempo e extensão desta pesquisa.

Para tentar enxergar a midiatização, parto da suposição de que é nas interações entre os membros que poderei, de alguma maneira, olhar comportamentos que possam acionar o problema de pesquisa. Além disso, as “lutas internas” e a maneira como a comunidade se articula para sobreviver é concretizada nas interações entre membros e administração da comunidade.

Assim, o campo observado é, resumidamente, o seguinte: as interações entre membros, membros e administração, membros e criador do grupo. Tentando assim enxergar nessas interações códigos, operações, lógicas, usos e apropriações que tragam à tona a maneira como pode ser vista a singularidade desta comunidade. Tendo a separar administração e criador do grupo, pois percebo uma diferença entre esses dois locais de fala. Se, por um lado, a equipe de administração do grupo é mais vigilante, por outro, percebo o criador como uma instância

representativa, como uma figura norteadora, muito embora no dia a dia também atue e faça as mesmas coisas que um administrador/moderador faz.

Ao explorar essas interações, entendo que a produção dos sentidos dos membros da comunidade ganha notoriedade, pois é através do emprego de sentidos a esta comunidade que ela efetivamente faz algo. Sei que tendencialmente ao olhar o campo de observação o mais fácil é buscar pelas regularidades, e neste caminho pode-se perder muitas especificidades. Sujeito a isso, entrevejo que um caminho seguro é sempre manter-se atento não somente às regularidades, mas também aquilo que foge à curva, o destoante.

2.4 INFERÊNCIAS INICIAIS³⁴

A partir de movimentos de idas e vindas aos empíricos e também de uma articulação com a biblioteca disponível sobre os estudos de mediatização, *a priori* associo o objeto ao conceito de comunidades de sentido (JANOTTI JR., 2003), entendendo que essas comunidades não são estabelecidas de acordo com a sua geolocalização e que acabam rompendo com as barreiras da distância geográfica. Nessa visada, as fronteiras delimitadoras da distância física passam a não ser um impedimento para o compartilhamento e coexistência de um universo de sentidos construídos através (e nesses) agrupamentos sociais. Além disso, a ideia de compartilhamento de interesses, valores, gostos e afetos entre os sujeitos se dá principalmente através de processos midiáticos.

Por outro lado, Gasparetto (2009) apresenta o conceito de “comunidades de pertencimento”, que também tem uma aproximação com o objeto da pesquisa. O autor, ao observar comunidades formadas via dispositivo televisivo, explicita que a comunidade de pertencimento é “uma comunidade que se amplia por intermédio de ‘pedagogias emocionais’ e que se relacionam com rede de relações que se religam com cotidiano das pessoas” (GASPARETTO, 2009, p. 413). O sentimento de pertença é avolumado a partir de “efeitos de inclusão”, em que a recepção compartilha e tenta dissipar demandas do dia a dia. Tendo a pensar que existe uma aproximação com estes dois conceitos, muito embora nem um nem outro expliquem totalmente do que se trata este objeto.

³⁴ Texto discutido na disciplina de Estudos Empíricos em Mediatização, ministrada pela Prof^ª. Dr^ª. Ana Paula da Rosa, e também parcialmente apresentado no 3º Seminário Internacional de Mediatização e Processos Sociais.

Qual a diferença? O que parece é que o grupo LDRV não se justifica por um aspecto de “pertencimento”, pois não há um “levantamento de bandeira do LDRV”, tampouco unicamente pelo compartilhamento de sentidos, interesses etc. É bem verdade que ambas as concepções trazem ricas contribuições para olhar para o objeto, mas acredito que existe algo a mais que não é explicado por essas concepções. Existe aí uma aproximação, mas não uma dedução completa.

Partindo de alguns indícios encontrados nas primeiras observações do objeto, entendi que o grupo se autorregula a partir de regras que são aceitas voluntariamente. Ao solicitar entrada no grupo é necessário responder um questionário, o qual apresenta o objetivo e as diretrizes do grupo. Ao entrar, na seção “sobre” ficam expostas as normas estabelecidas pela administração do grupo. A partir disso, infiro que o conjunto de regras ali elencadas – embora em alguma medida soem como imposição – são aceitas a partir de um acordo tácito por parte dos membros e da administração grupo. Nestes acordos subentendidos, há um claro jogo de interesses imbricados: pelos membros em querer interagir dentro desta comunidade e pela administração em aceitar no grupo apenas quem esteja de acordo com as regras ali elencadas. Porém, compreendo também que ao partir da ideia de aceitação tácita – pura e simples – das regras, corro o risco de um reducionismo da complexidade das lógicas próprias do objeto. Neste sentido, observo que existem embates e apropriações dos membros dentro do grupo, compondo um comportamento que nem sempre está preocupado em seguir as normas estabelecidas.

Outra característica observada é o processo de apropriação imagética que necessita de domínio de técnica para que se efetive. É possível verificar o atravessamento do domínio de *softwares* na produção de imagens que são ressignificadas pelos atores dentro da comunidade. Nesse sentido, a criação e o uso de imagens (como, por exemplo, memes) produzidas e/ou editadas a partir de *softwares* são alguns indícios observados nesses movimentos de visitas ao objeto. No entanto, essas imagens que ali circulam possuem a característica de não serem criadas para *floodar* o grupo. O fluxo não é ir adiante em repetição, mas em comentários, interações e novas postagens. Há aí uma diferença de imagens que circulam num âmbito geral das redes e o que se faz dentro do grupo. Esse tipo de diferença parece simples à primeira vista, mas é um sintoma bastante importante para compreender as lógicas do grupo.

Outra inferência que produzo é relacionada ao processo tentativo de criar um espaço que seja alternativo às lógicas do próprio Facebook. Percebo que há um esforço da administração do grupo em estimular os membros para que não façam *posts* repetitivos. Numa plataforma que valoriza a ideia de que um conteúdo compartilhado ao mesmo tempo por

milhares de pessoas é sinônimo de algo bem-sucedido, neste espaço busca-se o contrário: conteúdos que teoricamente tenham uma certa originalidade. Quando algum assunto, *post*, conteúdo e/ou meme passa a ser repetitivo, ele é visto como algo saturado, algo cuja quantidade já cruzou a tênue linha do que é engraçado e passa a ser visto como mais do mesmo. Uma outra pista que o empírico dá, nesta angulação, são algumas publicações recorrentes, a despeito dos membros explicitarem que o uso do Facebook se dá em função do grupo.

Figura 9 - Post de membros

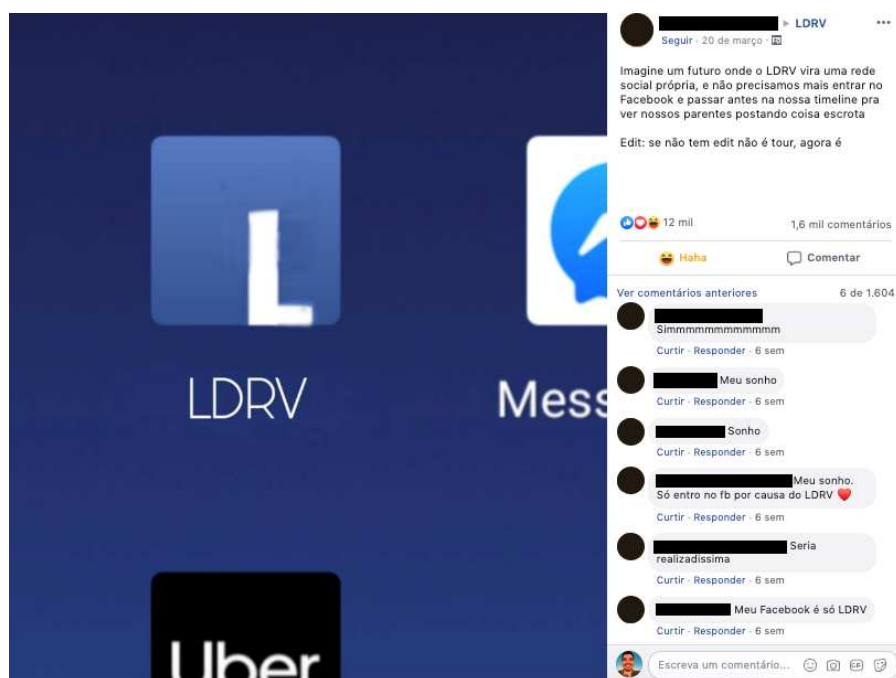


Fonte: acervo do autor.

O exemplo acima carrega um tom de criticidade fortemente empregado ao Facebook. A fotografia do humorista Tokinho³⁵, legendado com os nomes “LDRV” e “Facebook”, mostra um homem carregando outro em seus ombros – metáfora para ideia de uma comunidade que sustenta toda a plataforma. Nos comentários, há uma partilha de valores ao que a publicação sugere.

³⁵ Perfil disponível no link a seguir: <<https://www.instagram.com/tokinhooficial/?hl=pt-br>>. Acesso em: 21 maio 2019.

Figura 10 - Post de membros



Acervo do autor.

Figura 11 - Post de membros



Fonte: acervo do autor.

Vejo (muito a partir desses exemplos pincelados no campo empírico) que há uma busca por uma diferenciação do grupo em relação ao site que o hospeda, o Facebook. Se por um lado utiliza-se o Facebook para se ter acesso ao grupo, por outro, há tentativas de não precisar mais dessa mediação da plataforma. O grupo se articula como um espaço de crítica ao próprio espaço que o comporta, numa subversão tentativa do próprio universo que o ancora.

Assim, compreendo que não é o Facebook (e, portanto, suas maquinarias) que chancela a existência da comunidade, mas sim a articulação de uma matriz interacional (BRAGA, 2011) entre esses sujeitos, a qual vem sendo remodelada, desenvolvida e tensionada desde o momento que surge uma página no Tumblr denominada LDRV até o atual grupo no Facebook.

Além disso, há outro indício que aparenta ser relevante: uma das regras estabelecidas é bastante enfática quando explicita que “o que se posta no grupo deve ficar no grupo”. Assim, a sensibilidade e privacidade de cada membro ao expor algo de sua intimidade é preservada a partir de uma noção de coletividade. A partir desse indício, entendo que há uma tentativa de criar um espaço seguro para conversação, no cenário dos sites de redes sociais. Compartilhar algo íntimo no grupo e tentar manter isso dentro dele é algo que reforça um sentido de pertença que é compartilhado pelos membros e pela administração do grupo.

Percebo distintamente que a interação entre os atores sociais na maioria das vezes possui um tom de cotidianidade, salientando o aspecto de não preocupação com rituais de formalidade em interações. Denoto, a partir disso, a noção que os membros têm do grupo como um lugar descontraído e onde encontrará outros sujeitos com interesses em comum. Nesse sentido, Silverstone (2010) defende que as tecnologias mediáticas possuem um lugar cada vez mais presente na cotidianidade e, portanto, papel importante no modo como as pessoas organizam a sua vida. Pensar sobre essas incidências é fundamental para tentar entender o que a sociedade faz e que tipo de relações se criam a partir da confluência da vida cotidiana com as mídias.

A presença de signos, conceitos e sentidos da cultura pop dentro desse grupo também oferece alguns indícios importantes para reflexão. Como já descrito, o grupo principal é abertamente voltado para a comunidade LGBTQ+ e frequentemente alguns elementos da cultura pop – principalmente no que diz respeito as divas pop – circulam e são ressignificados por estes sujeitos. Porém, a presença desses modos de ressignificação nos leva a pensar sobre como alguns elementos da indústria cultural não são aceitos de modo “puro”, mas precisam passar por um processo de “remodelagem” para fazer sentido dentro do grupo. A construção de um humor específico, que passa por linguagens, símbolos e características próprias da comunidade são alguns traços dessa ressignificação³⁶.

O grupo principal possui um aspecto de mutabilidade. A partir das observações e descrições, penso que essa identidade mutável passa também por uma noção de identidade

³⁶ É o caso do *post* que ironiza a *fanfic* [narrativa ficcional criada por fãs] do caso entre Selena Gomez e Faustão. Não basta apenas falar da Selena Gomez, precisa-se falar de um modo engraçado. Ver sobre este caso na seção 4.2.1.

coletiva que, mesmo se transformando de tempos em tempos, ela representa ideais e cosmovisões dos participantes do arranjo. A construção de um nome que vai sendo alterado, as identidades visuais do grupo bem como as próprias regras que vão sendo adaptadas são alguns dos indícios dessa inconstância e versatilidade do grupo. Na figura abaixo, tento representar graficamente de modo a ilustrar como esse processo fluído se realiza a partir de vários componentes.

Figura 12 - Aspecto de inconstância do grupo



Fonte: acervo do autor.

Noto como alguns elementos são importantes nesse aspecto inconstante do grupo: a cultura de participação dos membros, as regras estabelecidas e a auto percepção do grupo. A participação dos membros é entendida como uma prática que se transforma em cultura quando empregada em repetição por um grande número de sujeitos, cristalizando uma lógica, efetivamente. Mas é preciso perceber que esses modos da cultura de participação não são duráveis, pois também existe um aspecto volátil das redes, próprio da cultura digital, que assim como aparecem de um dia para o outro, podem desaparecer. Por outro lado, as regras que são adaptadas e percebem necessidades a serem atendidas nessa cultura de participação dos membros também é um dos pilares que sustentam essa identidade, uma vez que é através dessas regras que o grupo se mantém fiel ao seu propósito. Assim também se coloca a auto percepção do grupo como uma comunidade: uma era, um nome, uma identidade que não é estática, mas fluída. Acompanha tanto o que os membros fazem quanto a maneira que o grupo se organiza internamente. Essa percepção de si da comunidade se manifesta de diferentes maneiras, mas vejo principalmente o nome (LDRV + acompanhamento) como uma pista que se sobressai nessas primeiras observações do empírico.

Esse conjunto de inferências iniciais é fruto de um tensionamento de algumas pistas encontradas no campo de observação. Não se trata de uma análise profunda, mas sim de algumas indicações sobre como abordar o objeto e para “onde” olhar. O que apresentei, portanto, constitui-se como um conjunto de proposições embrionárias (e perguntas, talvez?) derivadas de pistas e também do caso de pesquisa. Com base nisso, discorro sobre a tática de aproximação do objeto no próximo capítulo.

3. TÁTICA METODOLÓGICA

Notas iniciais

Já expus o caso da pesquisa, mas ainda preciso narrar de que forma vou efetivamente abordar o empírico para construir as análises. Assim, neste capítulo, relato de que maneira trato o objeto empírico, porém, não se trata apenas de uma descrição teórica de procedimentos, mas sim de um entrelaçamento entre as pistas que fui percebendo e também de reflexões teóricas sobre metodologia.

Ora, tendo em vista a aproximação com o corpus de análise, o que interessa aqui é justamente explicitar para que quem leia esta dissertação compreenda claramente quais e de que forma foram utilizados recursos metodológicos e analíticos. Assim, contemplo um ângulo de descoberta, o qual se descortinará à medida que a pesquisa avance.

Um apontamento preliminar: alguns procedimentos se deram muito antes da escrita efetiva deste capítulo. Observações sistematizadas, coletas e movimentos inferenciais acabavam sendo realizados antes mesmo da consciência de abordagem metodológica de análise. Da mesma forma outros acabaram se elucidando a partir do momento em que parei para pensar (e escrever) a forma como iria analisar o objeto da pesquisa. Naturalmente há um esforço de rememoração entre o que já foi feito para/com os movimentos que efetivamente são realizados nas análises.

A preocupação em estabelecer um ângulo comunicacional, em alguma medida, esteve presente durante todo o percurso da pesquisa e, principalmente, nas análises. Essa atenção constante com o desentranhamento do comunicacional (BRAGA, 2008), norteou uma busca por um ângulo que favorecesse justamente o aprofundamento em questões propriamente da área. Notadamente esse esforço é algo muito próximo ao processo de afastamento de olhar de membro para pesquisador. Nesse caminho, há que se notar como movimento metodológico as observações sistematizadas em descrições, como ações propriamente ditas de perceber o objeto empírico com outros olhos.

Além disso, buscando a modelização do caso, procuro articular um esquema geral para as inferências em conjunto. Vale afirmar que essa ação é produtiva, pois se trata do fechamento do caso construído na pesquisa, permitindo ir além de inferências pontuais e/ou desmembradas, para uma inferência de conjunto. O que acaba sendo sistematizado a partir dessa ação

reconstrutiva são algumas pistas essenciais, que tornam visíveis as manobras (tanto internas quanto de relação com o contexto) do grupo LDRV (BRAGA, 2008).

3.1 O QUE PROPRIAMENTE É ANALISADO NO OBJETO?

O *que e como* analisar são decisões tomadas a partir das particularidades do objeto. Não há como me distanciar das pistas que fui tendo durante o trajeto e das orientações teórico-epistêmicas que venho me debruçando durante o mestrado. Assim, o movimento de análise é referente justamente a um aprofundamento sobre o campo de observação a fim de enfrentar o problema de pesquisa.

Nesse sentido, os conceitos aclarados anteriormente, referente aos estudos de mediação, aqui são acionados de forma a apresentar maneiras de como interpretar esse objeto. Conceitos como circulação, dispositivo, fluxos, entre outros, parecem ter uma importância fundamental nos procedimentos de análise, uma vez que nesta fase eles indicam justamente formas de pensar sobre os processos vistos no empírico.

Tendo isso em vista, estruturo a análise a partir de um movimento de observação que vai de uma perspectiva geral do grupo para elementos/processos mais específicos. Na prática isso se dá através de um gesto de imersão no empírico, mas não se resume a isso. É uma compreensão de elementos gerais que, através da seleção de indícios e pistas importantes, procura analisar de modo mais próximo processualidades mais finas, colaborando para interpretar de modo categórico as operações, lógicas, códigos, usos e apropriações em jogo no grupo.

Uma outra preocupação constante é perceber acionamentos canhestros³⁷ do grupo – para além do conteúdo e da forma que os membros fazem rotineiramente. Interessa observar também aquilo que parece ser da ordem do incomum, processos ordinários que buscam responder a necessidades ordinárias do grupo. O que eu quero dizer é que não se trata de olhar para todas as ações mínimas, mas, tendo em vista as inferências iniciais e pistas que acabam se sobressaindo, algumas dessas ações se tornam importantes, pois tratam-se de “medidas emergenciais” que o grupo acaba acionando para tentar solucionar estratégias não eram esperadas.

³⁷ O uso desse termo faz alusão a percepção de Braga (2017) de comunicação como um processo que é frequentemente canhestro.

Por esse caminho de raciocínio, a tática de análise envolve uma busca e dissecação das lógicas de experimentação do grupo. Estes elementos, vistos de modo mais próximo e aprofundado, portanto, qualitativamente, permitem o enfrentamento do problema de pesquisa. Isso significa que a busca pelas lógicas se faz pela observação das dinâmicas interacionais e que de que forma determinadas ações reverberam, o que envolve entender as causas e os objetivos na conjuntura do grupo e nos embates que aí surgem.

A partir da configuração do caso, o critério de escolha para seleção de materiais de análise levou em conta indícios que permitissem a problematização do exercício de experimentação do dispositivo. Os elementos foram: 1 – regimentos do grupo; 2 – ramificações do grupo; 3 – práticas interacionais entre os atores; 4 – a administração do grupo.

Contudo, a quantidade de materiais poderia ser extensa. A seleção do corpus³⁸ se deu, num primeiro momento, na tentativa de ter neles a viabilidade de enxergar uma certa representatividade do que acontece no campo de observação – por repetição –, mas também uma certa variação (componentes que pudessem subsidiar uma problematização dos possíveis acionamentos que fogem à curva das lógicas do grupo). Em outras palavras: coletei materialidades representativas das lógicas observadas. Um segundo critério levado em consideração para a seleção de materiais, no que tange às práticas interacionais entre os membros, era o volume de engajamento, o que acusaria uma certa reverberação daquela determinada operação entre os atores.

O período de observação, que se deu durante os meses de abril e setembro de 2019³⁹ (embora o processo de construção da pesquisa tenha envolvido uma certa imersão no objeto desde o ingresso no mestrado), encontrou um desafio: as transformações no grupo. Essa característica acabava implicando na própria constituição da pesquisa, que, como bem apontado por Xavier (2014), é uma característica bastante sintomática dos estudos nas CHS, o fato de se constituir como um processo em aberto, adaptável às necessidades do objeto⁴⁰. Assim, se por um lado havia mudanças a todo momento no LDRV, por outro, a pesquisa não poderia estar engessada a ponto de deixar elementos importantes constituintes do arranjo de lado.

³⁸ O corpus foi selecionado a partir da observação participante do pesquisador. Nessa tática está intrínseca a própria dificuldade de realizar pesquisa no Facebook, uma vez que a plataforma não é aberta e, portanto, a coleta não pode ser realizada através de ferramentas automáticas.

³⁹ Elencar um período de observação foi uma maneira de estancar o fluxo de materiais na pesquisa. A escolha desse período se deu pois viabilizaria uma ida ao campo antes e após a qualificação da pesquisa.

⁴⁰ Um comentário importante: o material que dá origem ao item 4.4 foi coletado fora do período de observação. Entretanto, ainda assim, foram trazidos para análises por compor uma discussão essencial sobre o objeto.

Além disso, foi necessário elencar dois subgrupos (para além do principal) para uma observação mais aprofundada da diversidade de composição do dispositivo LDRV. Trata-se do LDRV UPSIDE DOWN e LDRV MAKEUP. O critério para escolha destes dois grupos levou em consideração uma cartografia de todos os subgrupos, revelando que algumas lógicas internas das ramificações, especialmente essas elencadas, diferenciavam-se em aspectos bastante importantes do grupo principal, garantindo, assim, uma observação de materiais oriundos da diversidade interna de constituição do arranjo. Esse procedimento é muito próximo do que Braga (2008) chama de passagem da série material à série indiciada, que é caracterizada por um modo de olhar transformado através do conjunto de “coisas” percebidas. Como tal articulação não é um produto pronto, ela acontece através de um processo inferencial, o qual, aqui, se caracteriza na percepção de uma certa heterogeneidade na própria formulação de subgrupos.

3.1.1 Estratégia de análise

O estudo de caso (BECKER, 1999) aqui configurado envolve uma eleição de modos de entrada nas análises dos materiais. Sobre isso, os ângulos de entrada levam em conta as seguintes percepções:

3.1.1.1 Usos

A não utilização de usos e apropriações como sinônimos implica num esclarecimento do que entendo por um e por outro. Explicitar é, antes de tudo, uma maneira de tornar nítido de que forma olho para tais processos no objeto.

Utilizar o meio Facebook implica numa aceitação e uso de algumas lógicas comuns do meio (BEHS, 2017). Usar, nesse sentido, dá-se como uma ação bastante naturalizada, a partir de funcionalidades e modos de uso que são didatizados pelo próprio meio.

Thompson (1998) diz que os usos:

Ao considerar os tipos de habilidades e competências envolvidas no uso de um meio técnico, é importante distinguir entre aqueles exigidos na codificação da informação ou do conteúdo simbólico, e aqueles necessários para decodificar a mensagem. Na prática, estas habilidades e competências podem vir juntas ou coincidirem até certo ponto [...]. Mas estas habilidades nem sempre coincidem. A maioria dos indivíduos que assistem à televisão, por exemplo, é capaz de entender perfeitamente os

programas, embora conheça muito pouco sobre a produção de um programa. (THOMPSON, 1998, p. 29).

Mas como ocorrem tais usos? Na prática, os usos correspondem à capacidade de utilizar as funcionalidades do Facebook, sem necessariamente decodificar o modo como essa plataforma opera. Rosa (2016a, p. 79) diz que o “uso é determinado pela relação que se tem com o objeto”. Isso é importante para a pesquisa na medida em que o uso se diferencia da apropriação, uma vez que aqui o que está em jogo é saber operar com a plataforma, já a apropriação parece ser algo que vai além disso.

3.1.1.2 Apropriações

A questão das apropriações já foi tratada por vários pesquisadores da comunicação. Para esta pesquisa, uma perspectiva produtiva acerca da noção de apropriação é a de Rosa (2016a): a autora alude a capacidade apropriativa a um fazer criativo, isto é, uma capacidade de corrompimento e dominação da tecnologia para além do seu uso previsto.

Sob um ponto de vista semelhante, Proulx (2016) vê na apropriação um gesto de integração à vida cotidiana, o que requer que se vá além do domínio da técnica. Isso implica, portanto, em integrar determinado aparelho nas práticas ordinárias da vida. Rosa (2016a), enfatizando ainda mais essa discussão, indica que esse tipo de incorporação transforma algumas práticas já consolidadas como, por exemplo, o próprio jornalismo.

Sobretudo, além dessa integração na vida cotidiana, para Proulx (2016) existem algumas condições favoráveis para a apropriação: atividade criativa (que, por sua vez, gera algum tipo de inovação), mediação por uma comunidade de prática e, por último, representação política organizacional do usuário. Para tais situações, uma pré-condição é o acesso ao dispositivo técnico. Saber dessas circunstâncias não envolve criar um modelo analítico porque, como aponta o autor, todas elas não serão encontradas na realidade das práticas sociais. Mas, ao invés disso, permite pensar sobre situações em que haja o uso de objetos técnicos.

Assim, as apropriações que busco ver são formas bastante específicas de fazer algo com/no grupo LDRV. Uma maneira muito própria que os atores ressignificam e trazem para a sua própria realidade particular os usos do meio Facebook – a ideia de corrompimento da tecnologia é essencial. Pré-observações apontam para algumas práticas de apropriação como, por exemplo, adoção de regras que buscam construir lógicas de diferenciação do grupo com o próprio lugar que o sedia.

3.1.1.3 Operações

Uma questão central é ter em mente as operações realizadas pelos atores do grupo. Seja para a manutenção do seu propósito ou para articulações de estratégias próprias, as operações são atos ou medidas tomadas com a proposição de alcançar algum resultado final. A construção de regras para funcionamento interno da comunidade e também as estratégias (tanto do grupo como um todo, quanto dos próprios atores sociais em relação as regras) são operações que, de alguma maneira, engendram o próprio funcionamento da comunidade. Ver essas operações e os modos pelos quais são acionadas é fundamental. As operações enunciativas dos membros da equipe de administração e moderação do grupo permite ver os sentidos sendo postos em circulação, através dos dizeres que são feitos na comunidade.

3.1.1.4 Lógicas

Se, por um lado, observo operações, por outro, aprofundo essas observações ao ponto de identificar lógicas. Para Braga (2015), ao se falar em lógica está sendo identificado a existência de algum tipo de padrão, modo de funcionamento ou ações que sejam habituais. Trata-se de um processo organizado, com a presença de algum grau de racionalidade. Para o autor, “tais lógicas caracterizam o processo, correspondem a sua estrutura básica, explicam o que ocorre” (BRAGA, 2015, p. 19).

As lógicas, desse modo, são processos que não são estanques, mas que vão se fixando a partir do que os sujeitos fazem. Nestes termos, o uso da palavra lógica não assume que todos os indivíduos ajam exatamente de uma mesma maneira. Antes, aponta para a existência de uma logicidade, que se cristaliza a partir de uma certa concatenação nas operações dos atores.

3.1.1.5 Códigos

“Farofa”, “edit”, “flood”, “ban”, “biscoiteira” são expressões que compõem códigos acionados pelos membros. Embora não sejam expressões únicas do grupo, ali representam maneiras próprias de interação; são expressões que indicam uma ressignificação de alguns códigos da própria cultura “exterior” ao grupo (se é que posso dizer exterior, uma vez que não há uma “barreira” separando grupo e cultura).

Braga (2013) entende os códigos enquanto bases compartilhadas, regradas ou não, compondo uma noção um pouco mais abrangente daquela que frequentemente é revisitada sobre a palavra “código”.

O que assinalamos até aqui é que a noção de código, enquanto base compartilhada prévia sobre a qual se desenvolve o processo comunicacional deve ser tomada em perspectiva mais alargada que o habitual. A rigor, a palavra “código” é pouco exata para isso – e seu uso não conceituado estimula que se dê maior atenção aos aspectos sistematizados das referências em comum entre participantes – ou talvez aos mais institucionalizados. Observamos entre os elementos compartilhados – anteriores ao episódio comunicacional, fundamentando seu encaminhamento e incidindo sobre seu resultado – não apenas códigos de transposição, mas ainda normas sociais expressas e reconhecíveis, regularidades produzidas na experiência prática, referências em comum acionadas. A simples disponibilização de informações, não sendo em si “comunicação”, podem também servir de base compartilhada sobre a qual se desenvolvem processos comunicacionais. (BRAGA, 2013, p. 163).

O que o autor chama a atenção é a capacidade prévia de compartilhamento de elementos variados entre os sujeitos, o que constitui, então, uma estrutura que é compartilhada. Verón (1980), mesmo a partir de outra perspectiva, já trazia uma ideia harmônica com essa proposição, uma vez que para o autor “no fim das contas, um “código” é apenas um conjunto de *normas institucionalizadas*” (VERÓN, 1980, p. 96, grifos nossos), indicando que o acordo social sobre algo, o compartilhamento ou concordância entre emissor e receptor, é o que torna possível a comunicação.

Vale afirmar que talvez a principal distinção entre o pensamento de Braga e de Verón, e o que acaba se materializando na pesquisa, é que, ao desempenhar um papel chave o código ultrapassa a ideia de conjunto de normas institucionalizadas. Isto é, ele representa um papel importante na própria constituição identitária desse grupo, de modo que os códigos fazem parte do reconhecimento que o grupo tem sobre si.

Braga (2013) ainda tipifica os processos de mediação não como um fenômeno que apresenta um “supercódigo” que subsumirá os outros da sociedade, mas sim como propiciador de uma “zona de confluência geral de ‘códigos’ e ‘lógicas’” (BRAGA, 2013, p. 164), através de complexos circuitos sociais.

Assim, procuro olhar para os códigos engendrados dentro do grupo com a finalidade de identificar o que esses códigos dão a ver sobre as lógicas, operações, usos e apropriações dos membros da comunidade.

A partir desses elementos, o grande desafio é tornar explícito o caráter experimental e tentativo do arranjo. Descrever o funcionamento das lógicas, por meio da abordagem analítica descrita anteriormente, trata-se de um olhar que se preocupa com as especificidades do objeto. Como horizonte no tensionamento dos materiais, três marcas foram fundamentais: 1 - as práticas de apropriação e o papel dos atores no arranjo; 2 – o funcionamento da administração e moderação no arranjo; 3 – a relação do arranjo com uma sociedade em vias de mediação.

A partir da complexificação de cada material, retorno ao problema e aos objetivos da pesquisa, a fim de construir uma leitura capaz de estabelecer relação entre as experimentações específicas do LDRV e as lógicas mais transversais de mediação, chegando as lógicas específicas de mediação no LDRV.

4. ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS

Notas iniciais

Neste capítulo faço a análise propriamente dita dos materiais. Examino os elementos do grupo tendo em vista os tópicos discutidos na tática de abordagem do objeto, anteriormente. Trago na bagagem os aportes teóricos de mediação, com o objetivo de criar perspectiva de compreensão alinhada teoricamente com as discussões da área.

A interpretação dos materiais é separada em tópicos, numa tentativa de sistematizar e conseguir abranger a complexidade do caso. As características mais pujantes do objeto acabaram tornando-se subdivisões importantes para a produção inferencial e, por isso, aparecem como eixos desmembrados, facilitando a visualização e enfrentamento do problema de pesquisa.

É importante comentar que a tentativa de percepção das especificidades do objeto está em grande parte presente nas análises. Através da descrição, que, por sua vez, busca dar conta de subsidiar uma produção inferencial, procuro articular alguns elementos importantes, tentando compreender alguns sintomas da mediação. No âmago dessas especificidades, percebi como algumas dessas práticas interacionais são pululantes entre esses atores.

Assim, à luz dos eixos de análises discutidos no capítulo 3, a estrutura desta parte do trabalho tem por objetivo abrir o objeto. Reconstituindo e analisando pormenorizadamente, posso construir uma complexificação do caso, tendo em vista que o processo de descoberta da pesquisa se fecha nesse momento. Além disso, nos comentários finais proponho uma articulação entre os vários elementos, buscando entender nessa transversalidade que tipo de processo acaba sendo desvelado, entendendo-o como um elemento acionador em constante movimento no empírico.

Braga (2008, p. 82) indica que é no enfrentamento bilateral entre teoria e objeto que os estudos de caso são particularmente ricos, uma vez que é possível neste tipo de esforço reflexivo encontrar “ângulos ainda não plenamente esclarecidos, espaços não totalmente cobertos pelas teorias solicitadas”. Em acordo com o autor, contrariando uma visão empiricista e, do mesmo modo, um uso apriorístico das teorias, o grande desafio nesses movimentos de análise é justamente pôr em prática esse exercício de encontrar zonas de colisão com as teorias e ao mesmo tempo de problematização do empírico, desvelando relações (tentativas) entre as lógicas de mediação mais transversais e as experimentações específicas desse grupo.

Tendo já apresentado o objeto e inferências realizadas a partir de observações iniciais, neste capítulo divido as análises a partir de três elementos do arranjo interacional: 1- as experimentações da gestão interna da comunidade (a partir de ações da administração e moderação do grupo); 2 - experimentações dos membros do LDRV; 3 – experimentações do grupo como um todo.

Ter em mente essa sistematização significa ter como elemento de organização das análises o exercício tentativo do arranjo. Através da reconstrução das dinâmicas interacionais posso, como prometido, enxergar que lógicas específicas de mediação emergem dessa laboração do grupo.

As características relatadas no item de apresentação do grupo, bem como na própria elaboração de inferências iniciais, não dão conta de subsidiar a complexa dimensão das operações realizadas no interior do dispositivo. Logo, introduzo cada eixo de análise descrevendo o que cada operação efetivamente faz e quais as suas reverberações.

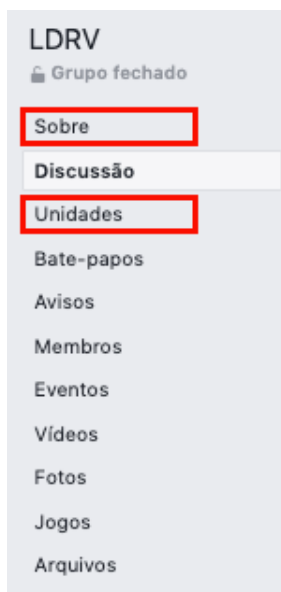
A partir dessas considerações, inicio recuperando os materiais de análise a partir do eixo de gestão da comunidade. Em seguida, parto para as experimentações sociais dos membros e, então, sistematizo o conjunto do próprio grupo, como uma unidade. Essa maneira de estruturar não é decorrente de atribuição de maior ou menor importância a algum dos eixos, mas do entendimento que há uma dinâmica relacional entre as operações engendradas entre eles.

4.1 EXPERIMENTAÇÕES NA GESTÃO DO GRUPO LDRV

4.1.1 O grupo e seus regramentos

Logo que se acessa a comunidade, existem algumas seções desmembradas. Cada uma oferece um espaço diferente para organização interna da comunidade. Destaco aqui duas importantes para entender sobre os regramentos do grupo, as **Unidades** e **Sobre**.












Figura 13 – Aba de seções














Fonte: acervo do autor.

Na seção “Unidades”, existe um conjunto de recados da administração. São publicações já realizadas no grupo, arquivadas em conjunto, de modo a categorizar como algo importante a ser visto. Esses esclarecimentos convergem com os regramentos do grupo, muitas vezes explicando algo que já esteja comunicado nas regras.

Figura 14 - Unidades⁴¹

DESCRIÇÃO	
Seção reservada para listarmos postagens importantes sobre o grupo: regras, avisos da moderação, o que deve ou não ser postado e etc. LEIAM SEMPRE QUE POSSÍVEL para evitar problemas no grupo. Fugam do ban!	
UNIDADE 1	
Avisos da administração 22 publicações - 17.392 comentários	
 REGRAS PARA POSTAR WATCH PARTYS	(Opcional)
 VAKINHAS PROIBIDAS	(Opcional)
 ### MANUAL ANTI-FAROFA ###	
 Sobre preconceito linguístico e bloquear mods	
 Denuncie ao administrador!	
 Se seu post foi apagado, VOCÊ NÃO DEVE REPOSTAR!	
 Chega de política!	
 NÃO PODE POSTAGENS TIPO "IBGE" (Entenda o que é)	
 DEIXE O LIXO NA LIXEIRA!	
 Evitem posts assim	
 Já falei sobre os IBGE?	

 Listinha básica do que NÃO PODE no LDRV
 USEM A PÁGINA RECLAMA LDRV
 Mais sobre a página Reclama LDRV
 BAN TB EM QUEM FAZ A JUSTICEIRA PRINTANDO QUEM FAZ MERDA NO GRUPO
 Pode debochar as biscoiteiras de photoshop tour até apagarem
 Dica para ser notificado das respostas dos seus amigos em comentários
 Proibido post de insônia, "o que vocês estão fazendo agora" etc
 LIBERADO HETEROFOBIA EM POST DE MENINA HETERO FALANDO DO NAMORADO
 PROCUREM NA LUPA SE O ASSUNTO DO POST JÁ NÃO FOI POSTADO
 O quem acontece com quem reclama de heterofobia
 BISCOITEIRA DE PHOTOSHOP TOUR É REMOVIDA SIM

Fonte: acervo do autor.

⁴¹ Pelo fato de o grupo estar em constante transformação, o conteúdo das unidades varia com bastante frequência.

Figura 15 - Unidades



Fonte: Acervo do autor.

Aprender sobre o que é o grupo envolve, então, estar a par do que são as regras, mas também os principais comunicados e construções da gestão do grupo. Essa aba é separada em cinco unidades e é possível perceber nela algumas processualidades que evidenciam uma flexibilidade da comunidade em se adaptar às estratégias dos membros do grupo.

Já na seção “Sobre” ficam expostas as principais regras que regem o grupo. Entre elas, fica evidente a rigidez de fiscalização por parte da administração e moderação do grupo. Nesta consulta sobre o que é o LDRV há uma espécie de introdução a um novo ambiente, o qual o ator social antes da entrada não fazia parte. Esses avisos remetem a um tipo de “iniciação”,

para que este novo membro consiga entender quais são as lógicas e práticas dos membros desta comunidade.

Figura 16 - Regras do grupo

Regras do grupo dos administradores		
1	Relaxe, pegue leve. Aqui é um lugar de descontração, uma válvula de escape das coisas ruins cotidianas. Caso você veja algo errado denuncie aos administradores e se abstenha da problematização, pois debates e discussões políticas no âmbito ideológico, social e econômico acarretam no banimento de seus participantes.	...
2	Alguém já pode ter postado a sua ideia Caso você tenha visto algo legal na internet e queira postar aqui, confira a lupa do grupo para evitar uma repetição indesejável (flood). Caso o mesmo assunto seja enviado ao grupo com uma frequência	...
3	Não farofe "Farofa" são aquelas postagens genéricas, bregas, que todo mundo faz, que já estão saturadíssimas e que não servem absolutamente pra nada. Kibes do Twitter e spoilers também estão proibidos.	...
4	Nenhuma promoção, fakes, spam ou pirataria Proporcione às outras pessoas deste grupo mais do que você obtém dele. Autopromoção, spam e links irrelevantes não são permitidos, assim como perfis fakes e disponibilização de conteúdo pirata.	...
5	Só existe um LDRV Somos um único grupo com foco na cultura LGBT dividido em spin offs específicos com o selo da página LANA DEL RAY VEVO, caso seja relatado que você participa de quaisquer outros grupos fakes que carregam o nosso nome, sua presença neste não será permitida.	...
6	Respeite a privacidade de todos A participação no grupo requer confiança mútua. É ótimo ter discussões autênticas e expressivas no grupo, mas elas podem ser sensíveis e privadas. O que é compartilhado no grupo deve permanecer nele.	...
7	Nenhum discurso de ódio ou Bullying Somos um grupo de enfoque LGBT+ e todos devem se sentir seguros. O bullying de qualquer tipo não é permitido, e comentários degradantes sobre raça, cultura, LGBTs, gênero ou identidade não serão tolerados.	...

Fonte: Acervo do autor.

Figura 17 - Regras do grupo

8	Nada de negatividade Não poste notícias e figuras trágicas, catástrofes ou histórias de tendência suicida e relatos de abuso. Prezamos pela saúde mental de quem não pode ler essas histórias, prefira coisas engraçadas e descontraídas.	...
9	Você está num recinto com muitas pessoas Não é permitida a apologia de atributos ilegais (roubo, drogas, etc.), bem como a incitação de um membro a violar sua SAÚDE FÍSICA.	...
10	Não aderimos a condutas individuais Convocar megazords, vaquinhas e campanhas no grupo ou em nome dele não é permitido.	...

Fonte: Acervo do autor.

A observação dessas regras oferece alguns indícios para começar a compreender a incidência da regulação sobre o comportamento dos atores sociais dentro da comunidade. A primeira regra elencada remete a uma apresentação do grupo, explicitando que o seu principal propósito é ser uma “válvula de escape das coisas ruins cotidianas”. O interessante é que a administração se coloca à disposição para receber denúncias, mas alerta para que os membros não se envolvam em discussões de cunho político, ideológico, social e econômico, pois esses debates acarretam em banimentos⁴² dos envolvidos.

A partir disso, entendo que se supõe a existência de uma compreensão tácita por parte de todos os membros do grupo sobre as necessidades, urgências e adversidades ligadas a questões pertinentes a comunidade LGBTQ+ e que, pelo grupo ser explicitamente destinado a estes sujeitos, a construção de um espaço preocupado em trazer humor, relaxamento e segurança para interação, conseqüentemente se torna um discurso que de certa forma já é politizado, ancorado na coletividade. Isto é, o fato de o grupo não querer “discussões políticas” não é por não concordar que sejam necessárias, mas sim por acreditar que aquele espaço não é destinado para isso, pressupondo que quem integra já é naturalmente politizado nessas questões.

É importante comentar que essa regra parece ter relação com o contexto social e político brasileiro. Não querer ter tais discussões significa que de alguma forma o grupo já se posiciona sobre algo. Olhando para o atual contexto social de extrema hostilização e polarização, no qual, segundo Braga (2019), ante a essa estrutura, há um aspecto de binariedade que se desenha pela

⁴² Quando um membro é removido do grupo.

redução das complexidades humanas a alguns indicadores, a relação do LDRV com essa situação, tendo em vista indicações de pistas que essa primeira regra dá, é que o grupo não se organiza segundo essa estrutura contextual polarizante, mas a partir das suas próprias políticas internas⁴³. Isso significa que o grupo tem um outro modo de se constituir nesse cenário.

A segunda regra elencada demonstra uma preocupação em combater uma repetição. O “*flood*” é caracterizado justamente pela ação de várias pessoas publicarem o mesmo conteúdo no grupo e, quando isso acontece, a *timeline* do grupo acaba ficando “chata/mais do mesmo”. O *flood*, nesse sentido, é absolutamente refutado e, para que isso não aconteça, recomenda-se uma consulta ao grupo para verificar se já não foi publicado algo semelhante por outro perfil.

A terceira regra parece ser muito importante para entender o que a comunidade espera dos membros, uma vez que ela explicita parâmetros negativos para os *posts*. Ela evidencia o desejo de não se ter *posts* repetitivos, genéricos e encontráveis em qualquer lugar, tendo assim publicações genuínas e/ou autorais. Utiliza-se a expressão “farofa” para denominar essa característica repetitiva.

A partir da segunda e terceira regra, infiro que essa noção de conteúdo inédito e que não se repete também se coloca de maneira distinta às lógicas do Facebook e dos próprios sites de redes sociais, uma vez que normalmente o que se observa já são conteúdos produzidos para serem replicados e compartilhados inúmeras vezes. Existe aí uma tentativa de diferenciação das lógicas que se tem dentro do grupo em relação às lógicas da plataforma que sedia o grupo. Esse modo tentativo de se constituir como um lugar outro, alheio à cultura do compartilhamento em repetição, se dá através de algumas operações, como é o caso da resignificação da palavra “farofa”. Algo da ordem da cultura, extremamente popular no contexto brasileiro, no grupo é usada para descrever *posts* genéricos e “sem graça”. Esse tipo de operação – nesse exemplo, de resignificar e evitar a repetição – evidenciada nessas duas regras revela pequenas manobras que engendram as lógicas do grupo.

A quarta regra é relacionada à proibição de alguns conteúdos. Enquadram-se nesse sentido algumas categorias denominadas como Autopromoção, *Spam* e *links* irrelevantes, compreendendo a “autopromoção” como divulgação de perfis (pessoais e empresariais), eventos ou projetos com fins lucrativos. Além disso, explicita a proibição de perfis *fakes*. Isso indica uma preocupação de que estejam no âmago da comunidade apenas atores sociais que não se “escondam” atrás de perfis falsos, o que é comum nas plataformas digitais.

⁴³ Volto a comentar sobre essa “política do LDRV” adiante.

A quinta regra deixa claro o aspecto tentativo de se estabelecer como um lugar original e alternativo. Através da enunciação “Só existe um LDRV”, entendo que existe uma busca por atestar e se auto afirmar como uma comunidade única.

A sexta regra exposta diz respeito à privacidade dos membros. Percebo a partir desse regramento que existe uma confiança mútua entre os atores sociais ali inseridos e, também, a própria noção do âmago da comunidade como um espaço privado é reforçada no momento em que se reitera nesta regra que “o que é compartilhado no grupo deve permanecer nele”. Essa afirmação demonstra como o sentimento de pertença dos atores sociais ao grupo é bastante presente, o que mexe com algumas ideias já comuns – como, por exemplo, a noção de espaços públicos e privados e a suposta quebra de barreiras que se tem com a internet.

A sétima regra diz respeito ao discurso de ódio e ao *bullying*. Mesmo se autodeclarando como um espaço voltado à comunidade LGBTQ+, a negação a qualquer tipo de *bullying* ou comentário degradante é levantada por acreditar que todos os sujeitos devem se sentir seguros no grupo. Assim, *bullying* e/ou comentários com algum discurso de ódio – seja a partir de ofensas sobre raça, cultura, LGBTQ+, gênero ou identidade – acarretam em banimentos.

A oitava regra trata de explicar sobre a proibição de “negatividades”. Inserem-se nessa categoria assuntos como: notícias e figuras trágicas, catástrofes ou histórias de tendência suicida e relatos de abuso. A justificativa para tal proibição é baseada na preocupação do grupo com a integridade mental dos seus membros, sugerindo que prefiram por assuntos engraçados e descontraídos.

A nona regra demonstra a preocupação com a possível apologia a atributos ilegais (roubo, drogas etc.), bem como a incitação aos membros a violarem a sua própria saúde física. Acredito que nesta regra se expressa uma preocupação em se manter uma organização, ciente de problemas e complicações legais que podem deferir desses tipos de apologia. Isso me leva a crer que, apesar de ser um lugar alternativo, o grupo não se coloca como um “paraíso sem regras”, mas sim como um ambiente que foge de algumas lógicas da internet, sobrepondo-as com outras lógicas: a dos regramentos do próprio LDRV.

A décima regra vai ao encontro da noção de coletividade e pertencimento por parte dos atores: o grupo não adere a condutas individuais. Convocar *megazords*⁴⁴, vaquinhas e campanhas sem uma autorização prévia de algum administrador é proibido. Para além de uma

⁴⁴ Expressão utilizada para descrever um *post* que busca mobilizar a ação de outros atores sociais em virtude de algo.

noção de identidade pessoal, ou de buscar uma construção de perfil de cada ator (seja através de *selfie*, autopromoção etc), entendo que há uma noção de coletividade que se sobrepõe a isso.

A partir dessas diretrizes, o que acaba se destacando é a principal consequência para membros que descumprem as regras: o banimento da comunidade. O método de “banir” remete ao processo de remoção do grupo dos atores sociais que infringirem as normas, o que de certa forma reitera a administração do grupo como uma instância de vigilância e aplicação das regras, deixando o acesso à comunidade mediado pela aceitação dos membros a esses acordos.

Evidentemente, o grupo não nasceu, lá em 2013, com todas essas regras e avisos. Foi durante o exercício de regular aquilo que não se quer dentro do grupo, absorver aspectos positivos para a comunidade (enfrentar os negativos) e se adaptar ao que os membros fazem, que essas regras foram sendo construídas. Existem, nesse jogo social do grupo, elementos muito diferentes entre si, mas é importante dizer que tais elementos confabulam e são partes importantes da formação das regras. Nesse aspecto de ser flexível é que a inscrição das regras é bastante importante, pois é aí que se torna interessante ver como se estruturam e sistematizam algumas lógicas do grupo.

Tais processos de regramento podem ser pensados à luz do que Bourdieu (1990) chama de regras, regularidades e estratégias. O autor observava duas comunidades em específico, tentando compreender as lógicas das estratégias matrimoniais, e como as coerções inerentes definiam um jogo social nessas comunidades. Bourdieu (1990) estabelece características que compõem um jogo social: conjunto de pessoas, regularidades nos comportamentos e uma lógica imanente. Além disso, o “sentido do jogo” é o que de certa forma sustenta a lógica imanente desse jogo. Não só indica componentes, mas também expõe elementos que definem a natureza dessa prática social.

Para abordar essa visada, transferindo-a para o objeto da pesquisa, é necessário olhar para as regras desse grupo. Quais são e o que querem? Tendo a pensar que elas são, sobretudo, um sintoma das próprias mudanças do grupo – e da sociedade atravessada pela midiatização – e querem, sinteticamente, manter a comunidade fiel ao seu propósito. No conjunto, percebo que essas normas fazem parte de uma disposição muito fértil de articulação entre liberdade e contenção. Um jogo entre flexibilidade e verticalidade. Vertical, quando a administração/moderação necessita ser uma “voz” de punição para que o grupo continue ligado à sua essência e não se torne um lugar de farofa. Flexível, quando o regramento também se modifica em função do que os próprios membros fazem. Essas características do jogo social

desse grupo mostram uma clara articulação de estratégias dos jogadores, neste caso, os membros, e também da comunidade em se adaptar a essas estratégias.

O resultado dessa articulação (regras + adaptação ao que os membros fazem) é o favorecimento de um ambiente criativo. Se o grupo refuta a farofa (postagens genéricas) e desenvolve um conjunto de operações para que ela não exista, é no enfrentamento dessas operações de regramento que se criam conteúdos engraçados, inéditos e criativos. O jogo específico do LDRV é um desafio aos seus membros a serem engraçados, originais e cotidianos, superando alguns obstáculos (no caso, as regras adaptadas ao que os sujeitos fazem), indo além de uma mera replicação. A principal consequência desse jogo é um ambiente bastante fértil para conteúdos que não sejam genéricos.

Bourdieu (1990) estabelece um paradoxo entre regras e regularidades: deixa claro que o jogo social é regrado e também é lugar de regularidade, e neste sentido há uma tênue linha separando esses dois caminhos. Nem toda regularidade é pautada pela regra necessariamente. No entanto, o autor coloca um problema: como compreender as regularidades que não são resultados da submissão às regras?

O que o autor diz é que o jogo social é regrado, é lugar de regularidade, mas não forçosamente um está ligado ao outro. Isto é, não é porque existem normas explícitas que o comportamento dos atores necessariamente seja orientado por elas. Mas de que forma surgiram as regularidades desse grupo em específico? A resposta para esse questionamento está justamente nas estratégias de interação que se apoiam nos usos e apropriações.

As regras e regularidades desse grupo surgiram a partir de um processo de afetação. Criam-se as regras para combater as estratégias dos membros e a partir delas dá-se início a regularidades. A partir de comportamentos regulares é que algumas das estratégias nascem, como ações que fogem à curva, justamente como tentativas (BRAGA, 2013) – as próprias regras são pensadas a partir das estratégias tentativas que esses membros elaboram. Há aí um processo de contaminação, em que o próprio regramento do jogo é atualizado, à medida que se intensifiquem os enfrentamentos das regras do grupo. Essa noção vai ao encontro da visada de Braga (2017, p. 32) em que as estratégias são também “processos práticos geradores de regras”.

Trago um exemplo demonstrativo desse processo de contaminação entre regras e estratégias. Recentemente, no período de observações do grupo, estavam acontecendo muitas *watch parties*⁴⁵. No entanto, toda vez que um membro utilizava essa ferramenta dentro do

⁴⁵ Função técnica do Facebook que possibilita assistir vídeos em tempo real com amigos em grupos na plataforma. Mais informações em: < <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/132560-facebook-lanca-watch-party-funcao-ver-videos-grupo-amigos.htm> >.

grupo, normalmente uma notificação era enviada para todos os membros, avisando que “fulano está organizando uma *watch party*”. Entendendo que, acontecendo em excesso, essa ação estaria *floodando* a *timeline* do grupo, a administração do grupo proibiu que elas acontecessem, porém, sofreram algumas críticas. Após isso, deliberaram e criaram uma nova regra, ajustando-se ao que os membros estavam fazendo.

Figura 18 - Veredito Watch parties

Veredito das Watchparties no LDRV:

Como não sou uma pessoa orgulhosa eu ignorei todo mundo que tava cacarejando contra o grupo no outro post e como prometido resolvi a questão junto com os adms e com isso nós decidimos permitir WPs no grupo APENAS DIANTE DAS SEGUINTE CONDIÇÕES:

- ⚠ Só poderão ser postadas WP entre 00h e 06h.
- ⚠ Terão que ser inseridas temas, títulos ou tags específicos para os membros pesquisarem antes de correrem o risco de fazer uma WP repetida.
- ⚠ WPs repetidas, procedimentos cirúrgicos (unha encravada, etc), pornografia ou qualquer conteúdo que venha infringir as diretrizes de comunidade do Facebook serão vetadas com punição para o membro.
- ⚠ Remoção de cravos e espinhas tão podendo DESDE QUE NÃO ESTEJA ACONTECENDO UMA WP DO MESMO TEMA SIMULTANEAMENTE.

Quem gostou bate palma, quem não gostou paciência.

Fonte: acervo do autor.

Esse episódio é um sintoma do que entendo como articulação entre as regras do grupo e as estratégias dos atores. Quando enunciado:

*“Como não sou uma pessoa orgulhosa eu ignorei **todo mundo que tava cacarejando contra ao grupo no outro post** e como prometido **resolvi a questão junto com os adms e com isso nós decidimos permitir WPs no grupo APENAS DIANTE DAS SEGUINTE CONDIÇÕES**”*

A estratégia adotada pelos membros de criticar a posição do grupo, de alguma forma reverbera no veredito tomado pela equipe de administração. Isso significa que das regularidades de *watch parties* nasceram estratégias tentativas e, a partir destas, as regras foram atualizadas.

Se, por um lado, as regras em alguma medida são parte das regularidades, por outro, as estratégias são insumos das regras. Mas, afinal, qual o papel das estratégias para a formação de regularidades?

Nesse cenário de discussão, para Braga (2013):

“Podemos considerar que as regras são da ordem do código, as estratégias são de ordem inferencial. Bourdieu (1990) discute estratégias sociais considerando o jogo de tensionamentos exercidos no acionamento prático de regras culturais dadas. Oferece aí boas perspectivas referentes aos ajustes táticos desenvolvidos. Por outro lado, penso que é preciso também inverter essa sequência para percebermos que as estratégias tentativas que se mostram produtoras dos melhores resultados, na ótica dos participantes, é que acabam se consolidando na forma de regras”. (BRAGA, 2013, p. 167).

O que significa dizer que as estratégias são tentativas? Significa que algumas estratégias podem se estabilizar suficientemente para se tornarem regras. A alusão a sua possibilidade é reflexo de seu aspecto experimental. Daí, das estratégias regulares com melhores resultados (na perspectiva da administração e dos membros do grupo) é que acabam se constituindo as regras.

Nesse cenário, das estratégias como essencialmente tentativas, percebo que tais processos podem ter dois tipos de reverberação no grupo: a) as estratégias de enfrentamento, quando são depreciativas do grupo (quando vão contra o propósito da comunidade) e se tornam de alguma forma regulares, reverberam nas normas de maneira que a administração do grupo cria uma nova regra a fim de extirpar tal comportamento. Esse é o caso das *watch parties*, quando a administração criou uma nova regra, com o propósito de que tal regularidade não se instalasse no grupo (nesse caso exemplar, refere-se à forma de uso do recurso em questão). Há aí uma adaptação das regras a essa regularidade, para que ela não se propague; e b) uma regularidade, derivada de estratégia de enfrentamento das regras (que não seja necessariamente depreciativa do propósito do grupo), também pode se tornar regra, num aspecto positivo de adaptação da comunidade ao que os membros fazem.

Obviamente Bourdieu não estava observando comunidades on-line que, ao possuírem características diferentes de comunidades locais, trazem a natureza do jogo social alguns traços diferentes. Essas diferenças requerem um esforço de tensionamento, tendo em vista que não são os mesmos objetos tratados pelo autor e nesta pesquisa. Mas, ultrapassando a noção de diferença estrutural (tecnológica), natural devida ao contexto, tendo a pensar também a respeito da existência de um certo capital, que é de ordem social, como também constituidor das estratégias.

Como o próprio Bourdieu (1998) sugere em suas discussões, que de certa forma já subsidiam o que é debatido aqui, a dimensão do capital social⁴⁶ refere-se à ideia de que o indivíduo possui relações e nelas uma espécie de capital simbólico que lhe atribui poder. Aqui, o capital social, que é midiático, articulado por uma estrutura algorítmica, é constituidor das estratégias na medida em que, no interior da comunidade, as dinâmicas interacionais são afetadas por um certo poder inerente das estratégias tentativas. Empiricamente esse processo pode ser visto, por exemplo, quando um membro faz um tipo de *post* que tem uma grande reverberação. A estratégia usada por esse membro é adotada por outros sujeitos, também visando essa repercussão. Essa condição de reconhecimento do capital social dá a ver as regularidades como produto das estratégias tentativas e como estas também são construídas com vistas ao capital simbólico. A experimentação não só lida com esse capital simbólico, como também o abastece.

Assim, ao olhar para esse conjunto de regras e avisos, fica muito claro esse modo muito específico do grupo em constituir processos que sejam favorecedores da criatividade dos membros. A construção das regras e avisos mostra como a comunidade vai se adaptando e, nesse exercício de tolerância e fiscalização, se construindo como um lugar que consegue se diferenciar, em alguma medida, pelo aspecto criativo de seus membros.

4.1.2 A administração do grupo na prática

Desde que comecei a observar o grupo de maneira mais sistemática, percebo que no dia a dia a moderação/administração se manifesta de algumas maneiras: através do banimento (remoção do ator social do âmago da comunidade), *posts* “informativos” (como uma espécie de “lembretes” diários sobre o que não se deve fazer) e também de alertas (comentando que o membro está infringindo alguma regra ou recomendando para que faça determinada ação de outra maneira).

⁴⁶ A ideia de capital social é um debate profundo nas discussões de Bourdieu. O objeto permitiu uma percepção sobre essa relação com o conceito, entretanto, o foco da pesquisa não é adentrar nessa discussão, o que, inclusive, seria possível num trabalho futuro.

Figura 19 - Post da administração no grupo

 **Reclama LDRV**
 Administrador · 14 de junho

Galera, muito post está sendo apagado e muita gente está sendo removida do grupo por não ler as regras.

Sabemos que todo mundo quer postar primeiro, mas existe uma lupa no grupo onde você pode pesquisar se alguém não postou a mesma coisa antes.

Além disso, existem regras, avisos e unidades para serem seguidos.

- Existe o post de saturados, onde você pode encontrar todos os assuntos proibidos que os membros saturaram:
<https://www.facebook.com/groups/LDRV12/permalink/1689694611575416/>
- Existe o post de avisos, onde comunicamos assuntos importantes pertinentes ao grupo:
<https://www.facebook.com/groups/LDRV12/permalink/1276445692900312/>
- Existe o post de denúncias, onde você pode denunciar qualquer post ou comentário que esteja fora das regras:
<https://www.facebook.com/groups/LDRV12/permalink/1733130307231846/>

Além disso, qualquer dúvida sobre post apagado, silenciamentos e bans vocês podem procurar a página do [Reclama LDRV](#).



Fonte: acervo do autor

No exemplo acima, o aviso da administração (através da página “reclama LDRV”⁴⁷) é didático ao mostrar o porquê de alguns perfis estarem sendo removidos do grupo, além de terem as suas publicações apagadas. Regras, avisos e unidades são os direcionadores assumidos para que os atores entendam o que não pode ser feito.

Essa operação da administração, de colocar em circulação no grupo tais alertas, trata-se de um vínculo resultante, estabelecido na aceitação tácita do contrato de regramento do grupo. Esse vínculo, entre administração e membros do grupo, é bastante frágil, e por isso se tem medidas precatórias, além das punitivas. Isso é relacionado ao fato de que se busca construir

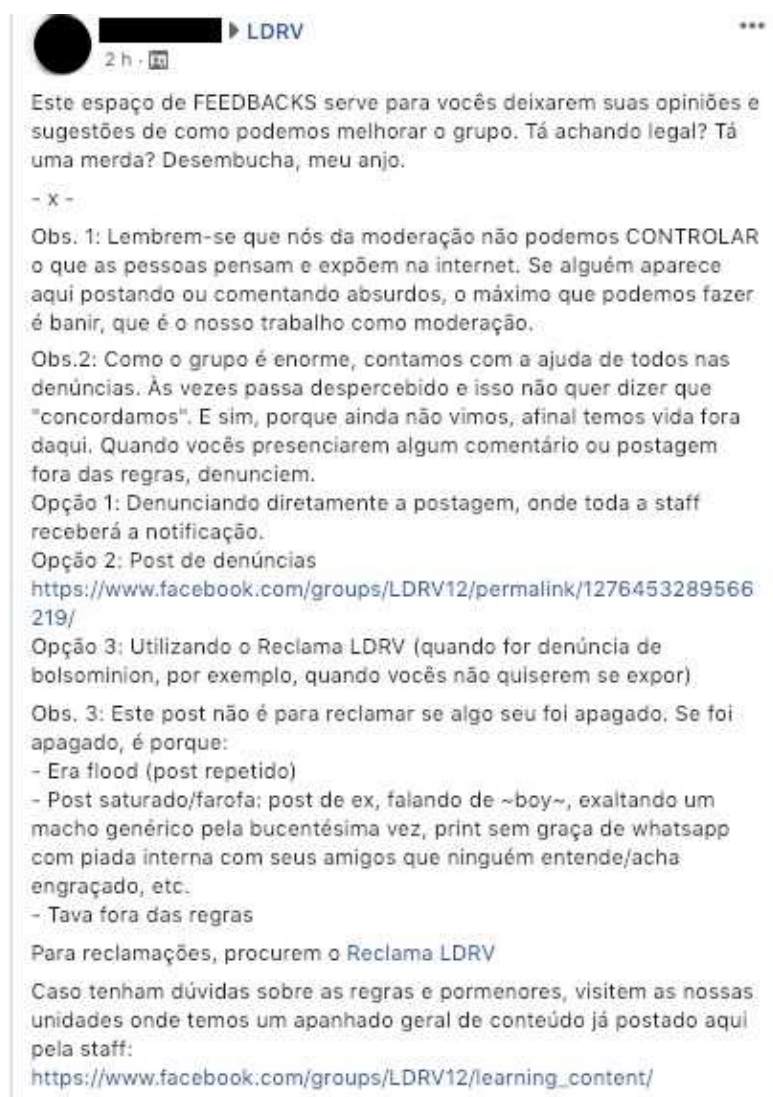
⁴⁷ Volto a comentar sobre essa página no item 4.3.2.2.

algum tipo de laço entre essas duas instâncias, o que requer, em alguma medida, uma didatização.

É evidente que os usos da plataforma oferecem aos administradores algumas opções que não estão disponíveis aos membros. No caso dessa publicação, o símbolo de “administrador” do grupo (logo abaixo do nome) é atestador da importância da mensagem a ser dada nesse *post* e, por outro lado, o próprio algoritmo se encarrega de também levar adiante na comunidade o que esse aviso está informando.

Também existem alguns espaços para dar feedbacks à administração. Esse é caso do exemplo abaixo, em que é aberta a possibilidade de dar uma resposta sobre o que está ou não funcionando, na visão dos membros.

Figura 20 - Espaço de feedbacks



LDRV
2 h · 📍

Este espaço de FEEDBACKS serve para vocês deixarem suas opiniões e sugestões de como podemos melhorar o grupo. Tá achando legal? Tá uma merda? Desembucha, meu anjo.

- X -

Obs. 1: Lembrem-se que nós da moderação não podemos CONTROLAR o que as pessoas pensam e expõem na internet. Se alguém aparece aqui postando ou comentando absurdos, o máximo que podemos fazer é banir, que é o nosso trabalho como moderação.

Obs.2: Como o grupo é enorme, contamos com a ajuda de todos nas denúncias. Às vezes passa despercebido e isso não quer dizer que "concordamos". E sim, porque ainda não vimos, afinal temos vida fora daqui. Quando vocês presenciarem algum comentário ou postagem fora das regras, denunciem.

Opção 1: Denunciando diretamente a postagem, onde toda a staff receberá a notificação.

Opção 2: Post de denúncias
<https://www.facebook.com/groups/LDRV12/permalink/1276453289566219/>

Opção 3: Utilizando o Reclama LDRV (quando for denúncia de bolsominion, por exemplo, quando vocês não quiserem se expor)

Obs. 3: Este post não é para reclamar se algo seu foi apagado. Se foi apagado, é porque:

- Era flood (post repetido)
- Post saturado/farofa: post de ex, falando de ~boy~, exaltando um macho genérico pela bucentésima vez, print sem graça de whatsapp com piada interna com seus amigos que ninguém entende/acha engraçado, etc.
- Tava fora das regras

Para reclamações, procurem o Reclama LDRV

Caso tenham dúvidas sobre as regras e pormenores, visitem as nossas unidades onde temos um apanhado geral de conteúdo já postado aqui pela staff:
https://www.facebook.com/groups/LDRV12/learning_content/

Fonte: acervo do autor

Nesta pista é possível observar uma preocupação por parte da administração em ouvir o que os membros têm a dizer. Aceitar sugestões de melhorias e apontamentos de processos que não estejam funcionando, é uma forma de adaptação da administração/moderação ao que a comunidade está precisando.

A rigorosidade da administração e moderação quanto à vigilância sob o que se discute no grupo revela o receio em não *floodar a timeline* do grupo, indicando a sua preocupação em manter uma certa dinamicidade e/ou originalidade nos conteúdos.

Obs. 1: Lembrem-se que nós da moderação não podemos CONTROLAR o que as pessoas pensam e expõem na internet. Se alguém aparece aqui postando ou comentando absurdos, o máximo que podemos fazer é banir, que é o nosso trabalho como moderação (grifos nossos).

Evidentemente, o que destaquei nesse trecho retirado do caso acima deve ser o trabalho mais difícil para a equipe de administradores e moderadores. É impossível o controle absoluto sobre o que os sujeitos publicam na internet, inclusive no território do grupo, mas essa operação de explicitar tal fragilidade é uma forma de governança que se preocupa em ser franca sobre o porquê tal estratégia (no caso, trata-se do banimento) é a única opção viável para a manutenção da comunidade.

Há uma espécie de verticalidade no que concerne às relações estabelecidas entre a administração/moderação do grupo e os membros. No entanto, essa não horizontalidade não é sinônimo de uma rigorosidade absoluta. O paradoxo que se abre é justamente o jogo de sintonia entre regras, aplicação das regras (pela administração e moderação) e flexibilidade das regras, uma vez que elas são reflexo das estratégias dos atores sociais. É nesse jogo de colocar limitações (se é que posso usar esse termo) e ver aquilo que os sujeitos produzem, que a instância de administração se constitui como um dos elementos desse jogo entre verticalidade e horizontalidade. Esse fazer envolve uma negociação constante.

Mas é importante entender que não é esse elemento que define o jogo específico desse grupo. Administrar o grupo, aplicar as regras e vigiar aquilo que é feito é um elemento importante para a compreensão do funcionamento desse corpo social, mas não é o único.

A administração também põe em prática uma operação de chamar os membros para a denúncia de publicações ou atitudes que não estejam de acordo com a política do LDRV:

Obs. 2: Como o grupo é enorme, contamos com a ajuda de todos nas denúncias. Às vezes passa despercebido e isso não quer dizer que “concordamos”. E sim, porque

ainda não vimos, afinal temos vida fora daqui. Quando vocês presenciarem algum comentário ou postagem fora das regras, denunciem (grifos nossos).

Quando é enunciado que “contamos com a ajuda de todos nas denúncias” ficam claras as imprevisibilidades que podem ocorrer no exercício de administrar tamanho grupo. O horizonte dessa operação é criar uma lógica comunitária de manutenção do grupo.

Há ainda um outro elemento que parece ser importante nesta área de interlocução entre administração/moderação do grupo e membros:

Opção 3: Utilizando o Reclama LDRV (quando for denúncia de bolsominion, por exemplo, quando vocês não quiserem se expor)

Esse tipo de preocupação é uma clara articulação entre o exercício de administrar o grupo em interface com o contexto social e político brasileiro. Tem-se aí uma preocupação de abrir um outro espaço para interlocução que, no caso, é a página Reclama LDRV⁴⁸, para não haver algum tipo de exposição sobre aquele que denuncia. Essa operação é uma maneira de manter uma certa discricção sobre o ato de denunciar, tendo em vista que, caso seja um “bolsominion”⁴⁹, existe a possibilidade de algum tipo de retaliação/hostilização para os membros do grupo.

Além disso, nessas práticas de aplicação das regras, parece existir um movimento de apropriação sobre alguns dos códigos da plataforma Facebook. Se por um lado o Facebook já possui as suas próprias regras, aqui sobrepõem-se aquelas de interesse da comunidade. Já não se trata do que propriamente o Facebook quer, mas sim dos interesses do grupo em fazer algo nesse espaço. A apropriação, nesse sentido, é tirar o poder da plataforma em ditar os regramentos e dar lugar ao jogo social desse grupo, resultando em outras formas de se comportar que, inclusive, contrariam as lógicas do próprio Facebook.

Nessas operações de gestão do grupo encontrei uma publicação que parece ser importante (e está fixada no mural de avisos no grupo), uma vez que ela se mostra como um sintoma sobre como o grupo põe em prática algumas das suas políticas:

⁴⁸ Volto a comentar sobre a página no item 4.3.2.2.

⁴⁹ Termo usado comumente nas redes para descrever apoiadores do então presidente Jair Bolsonaro.

Figura 21 - Aviso fixo sobre saúde psicológica


Administrador posted **Como Vai Você?**
 23 de dezembro de 2018


Pessoal, LDRV é uma casa, um abraço, mas infelizmente não somos profissionais de saúde mental e não podemos ajudá-los diretamente diante desse tipo de angústia. O primeiro passo para não banalizarmos essas questões é não tratarmos de forma banal os seus profissionais, afinal, isso abrange um estudo complexo e requer anos de dedicação.

Gostaria de deixar essa postagem como um espaço para divulgação de serviços públicos e privados de suas cidade onde há assistência e cuidado a quem luta contra os artifícios da própria mente. Peço que evitem o UP e deixem a sua colaboração ao invés disso, inclusive, vocês podem divulgar seus próprios serviços, se esse for o caso.

Se você em algum momento pensar em desistir, saliento que diante dos efeitos de uma tragédia, é preciso sobreviver. Saiba que o CVV – Centro de Valorização da Vida é um serviço gratuito que realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo por telefone, email e chat 24 horas todos os dias. (CASO VIER À TONA A VONTADE DE DESISTIR DISQUE 188).

Quer ajudar alguém pela internet? SEJA ÚTIL! Voluntarie-se ao treinamento do CVV, é só preencher um formulário no site deles e você vai ser submetido a um curso online e gratuito para se tornar um colaborador.

Imagem meramente ilustrativa, os créditos dela estão na própria foto.



Fonte: acervo do autor.

O que está em jogo, nesse tipo de aviso, é uma diferença clássica entre ser alguém que enuncia uma causa e alguém que pratica a defesa (em seus mais diversos aspectos) de uma causa. Nesse exemplo em questão, a preocupação em cuidar da saúde mental dos sujeitos que estão no grupo (concretizada na regra de não ter negatividades) não se materializa em *posts* de opiniões sobre determinados assuntos, por exemplo, mas sim no aconselhamento para a procura por profissionais especializados no tratamento desses problemas. A publicação, que se

converte num espaço de divulgação de serviços públicos e privados que possam assistir aqueles que necessitam, é reflexo de uma maleabilidade das regras, que por sua vez já explicitaram o grupo como um lugar de não discussão sobre esse tipo de problema.

Mais do que alertar e/ou lembrar das regras do grupo, esse tipo de aviso é uma pista da articulação entre a administração e os membros, porque entende que por ser um espaço caro para os sujeitos que interagem ali é importante deixar claro o porquê tais regras foram pensadas. O que se corporifica nesse tipo de enunciado é que a administração não é rigidamente preocupada apenas em manter os regramentos, mas na verdade está atenta em relação ao que os sujeitos fazem ali e de que forma isso pode afetar suas vidas, inclusive, em seu aspecto de saúde mental.

Tais operações – explicitar a instância de vigilância e aplicação das regras, criar espaços para feedbacks e saber se articular com as necessidades dos membros da comunidade –, exemplificadas acima, compõem um conjunto de processos acionados, logo, algumas operações da administração desse grupo. Mas, além disso, o que acaba se destacando é o tipo de apropriação que se faz sobre os próprios códigos e maneiras de uso da plataforma. Nesse tipo de incorporação o grupo acaba se apoderando de alguns códigos do Facebook e gerando outros códigos, isto é, determinadas práticas típicas das redes são redesenhadas, de modo que se construa propriedade do LDRV sobre esses modos próprios de interação.

A questão que reside nessas articulações é centrada no tensionamento entre práticas de Facebook/redes e práticas próprias do LDRV. Tanto no que foi dito como no não dito, essas ações da administração têm relação com o exercício do seu papel de mediadores, entre as regras e os sujeitos. Esse papel – ora ser pedagógico ora ser aplicador das regras e ora ser flexível – mostra como o funcionamento interno do arranjo é complexo e demanda uma série de articulações entre os sujeitos que administram e os membros da comunidade.

4.1.3 A política do LDRV

Como sinalizado anteriormente, o exercício de administrar (ou moderar) o grupo, ancorado num conjunto de regras, são elementos importantes na constituição do arranjo interacional. Quando se olha para um ambiente de redes, à primeira vista, a composição de um espaço regido por regras e, conseqüentemente, com uma certa vigilância a partir delas, o que soa é um ambiente absolutamente radical e avesso ao que se espera de democratização – a

partir do acesso à internet. Essa tensão, situada numa preocupação com governos rígidos e absolutistas, é lembrada quando se tem uma visão superficial sobre o que ocorre no grupo.

Entretanto, ao entrar na especificidade de constituição das regras e dos modos de administração do LDRV, percebo que a configuração do governo da comunidade não se dá de forma autoritária/absolutista. Não se trata, portanto, de um regime ancorado numa organização em que um detém todo o poder sobre os outros. O que acontece, na verdade, é uma articulação que se centra no acordo entre os membros do grupo: constituir um lugar capaz de ser uma ‘válvula de escape dos tormentos cotidianos’. Isto é, o propósito do LDRV, que visa se constituir como um lugar que seja acima de tudo engraçado, configura o quadro de uma importante ação interacional: a capacidade de conseguir condensar (e direcionar) os diversos interesses para um horizonte em comum.

Ser uma voz centralizadora significa ter uma perícia em tecer uma interface entre a formação de regras e o ecossistema dos membros. A capacidade de absorver as estratégias tentativas, mediar as lutas internas e estabelecer diretrizes preocupadas com a formação da comunidade na verdade é o que acaba estruturando o próprio desafio específico do grupo, que se localiza entre ser engraçado (lugar comum das redes) e ser originalmente engraçado (lugar específico do LDRV).

Para ser engraçado basta a ‘farofa’ das redes. Para ser originalmente engraçado – e é aqui que está o interesse do LDRV – é preciso ter algum tipo de característica idiossincrática. Esse modo peculiar de humor se concretiza a partir dos desafios da comunidade a seus membros, como não falar sobre política, não *floodar a timeline*, respeitar a privacidade etc.

Além disso, ‘não querer ter’ faz parte da política do LDRV. Não ter algo é normal, faz parte de qualquer modo de convívio. Aqui, as regras explicitam o que não se quer na comunidade e banem aqueles que não seguem aquilo que é proposto. Essa prática, no entanto, é apenas uma materialização de uma ponta de todo o iceberg do jogo interacional entre esses atores.

Essas lógicas de governabilidade da comunidade são marcadas por um processo essencialmente experimental. A constituição, num caráter tentativo, entre as regras e as estratégias expressas nos modos de administrar e moderar o grupo, é em grande parte resultante de um fazer comunicacional preocupado com a ação de interlocução entre grupo e seus membros.

4.2 EXPERIMENTAÇÕES DOS MEMBROS DO LDRV

4.2.1 Operações dos atores na comunidade

Dentro do grupo o diálogo dos membros acontece basicamente através das “*tours*”. As “*tours*” são publicações realizadas pelos membros que, sujeitas às regras declaradas, na maioria das vezes buscam através de determinados métodos a conversação entre os integrantes da comunidade. Através dos comentários, reações (que podem chegar a milhares) e o surgimento de novas postagens, a interação entre os membros se efetiva.

Observo que a cultura pop é muito presente nas interações dos atores sociais dentro da comunidade. *Tours* que abordam temas desse caldo cultural são pujantes e isso vem ao encontro ao perfil dos membros que consomem e se apropriam desses símbolos. Cantoras entendidas como “divas”, filmes, programas de TV, atrizes, atores entram nesse panorama de discussão.

Figura 22 - Presença pop no grupo



Fonte: acervo do autor.

No exemplo acima, o *post* faz referência a uma *fanfiction*⁵⁰ bastante difundida na web, a qual revela que a cantora norte-americana Selena Gomez e o apresentador de TV Faustão

⁵⁰ Termo usado para descrever histórias narrativas ficcionais criadas por fãs.

possuem um secreto relacionamento amoroso. Na publicação, o membro ironiza essa relação, utilizando duas imagens, satirizando o que seria um comportamento da cantora “Na frente da sogra / no quarto com o Fausto”.

Nesse sentido, ao mencionar o próprio vocábulo “pop” indico que estes atores já estão sendo vinculados a um certo peso simbólico que a própria expressão tem. Soares (2013) comenta que o próprio termo é polissêmico, no sentido de ser frequentemente empregado para classificar produtos, fenômenos, artistas ou até mesmo casos pontuais que derivam de lógicas midiáticas. De maneira mais ampla, orientado pela proposição do autor, assumo a ideia de pop como:

(...) conjunto de práticas, experiências e produtos norteados pela lógica midiática, que tem como gênese o entretenimento; se ancora, em grande parte, a partir de modos de produção ligados às indústrias da cultura (música, cinema, televisão, editorial, entre outras) e estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade, pertencimento ou compartilhamento de afinidades que situam indivíduos dentro de um sentido transnacional e globalizante. (SOARES, 2013, p. 2).

É interessante que essa demarcação do autor já é passível de algum tipo de endereçamento nas nossas análises. Quando comenta que “estabelece formas de fruição e consumo que permeiam um certo senso de comunidade” aparece a percepção do próprio pop como algo que mobiliza uma certa articulação de ordem simbólica e material e que pode vir a caracterizar um certo tipo de comunidade.

Sob um ponto de vista semelhante, Amaral (2014, p. 6) parece intensificar essa discussão quando aponta que “os imaginários vinculados à cultura pop e às suas imagens em repetição possibilitam mobilizações e afetos que vão além da mera identificação dos arquétipos e estereótipos e daquilo que a literatura explora por vezes de forma rasa como produção de conteúdo dos fãs”. Dessa leitura, deriva o entendimento que o ‘ser pop’ é, sobretudo, uma produção simbólica atravessada por gostos, afetividades e diferentes formas de vinculações com objetos.

Dizer que a cultura pop é atravessada por lógicas midiáticas sugere que os famosos clichês da indústria – os arranjos musicais já intensamente utilizados, filmes hollywoodianos cujos roteiros já foram vistos e tantos outros produtos culturais populares – possibilitados por processos empresariais e econômicos já cristalizados na sociedade, permeiam a cotidianidade dos sujeitos e que, por isso, de alguma forma os habita (SOARES, 2013).

Bandeiras das causas de minorias também são levantadas pela comunidade. No regramento do grupo já fica clara essa autodeclaração, uma vez que se defende o respeito pelas

diferenças e a não permissão de ofensas aos membros que estejam relacionadas a peso, gênero, raça e sexualidade. O que percebo é que no dia a dia, apesar de não se querer discussões de cunho político, essa bandeira é levantada através de humor, sarcasmo e deboche, efetivando-se em *posts* que, de alguma maneira, articulem e ressignifiquem conteúdos, imagens e coisas outras, para que no âmbito interno do grupo façam sentido. Esse é o tipo de operação que, em alguma medida, enfrenta os regramentos do grupo. Isso não quer dizer que haja uma tentativa de ‘quebrar o sistema’ do grupo, mas sim conseguir ‘jogar com o jogo’ específico do grupo.

Figura 23 - Exaltação do orgulho LGBTQ+ através do humor⁵¹



Fonte: Acervo do autor.

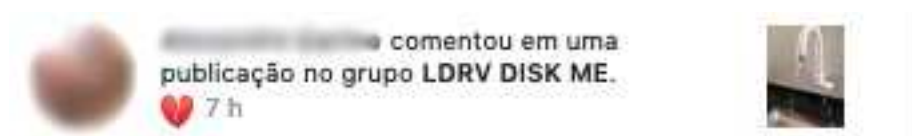
No exemplo acima, o *post* satiriza os estereótipos criados sobre mulheres lésbicas. Além disso, atribui um valor de tristeza ao ser confundido com “hétero”. Isso exalta, através de um viés cômico (construído em conjunto com a utilização de uma imagem de um caminhão), uma celebração do orgulho de serem quem são. A maioria das respostas são de risadas, demonstrando o entendimento do humor irônico do *post*.

Esse tipo operação – ressignificar o que é motivo de preconceito e inverter a lógica – não se trata de uma ação exclusiva do grupo. Dentre os sujeitos LGBTQ+ esse tipo de prática é bastante comum. Mas no grupo essa operação faz algo a mais, uma vez que ela é posta em prática na produção de um humor bastante específico, e que é notadamente compreendido pelos membros.

⁵¹ Caminhão (ou caminhoneira) é um termo utilizado para se referir a lésbicas.

De maneira geral, constato que a incidência do algoritmo do Facebook determina a forma como os conteúdos que são discutidos no grupo aparecem na *timeline* dos atores sociais. Como não tenho acesso aos critérios que o algoritmo leva em consideração, através das observações percebo que há uma forte influência da rede de amigos que fazem parte também da comunidade. Ou seja: quando algum amigo comenta em uma publicação possivelmente haverá uma notificação e provavelmente essa publicação aparecerá na minha *timeline*.

Figura 24 - Plataforma notificando que um amigo comentou em uma publicação



Fonte: acervo do autor.

Nesse sentido, noto que há um certo tipo de imbricamento entre as lógicas do algoritmo no Facebook e também as lógicas de comportamento dos atores sociais. É importante ressaltar que se por um lado o algoritmo da interface impõe regras, induz conteúdos e organiza a forma como veremos aquilo que está sendo discutido na comunidade, por outro, os próprios atores buscam acrescentar regras (sobrepostas às regras da própria plataforma) que, inclusive, interferem no acesso ao conteúdo da própria comunidade.

Uma das estratégias utilizadas pelos atores sociais nas interações são memes, que permeiam de alguma forma o imaginário do grupo. Eles são utilizados de maneira a ressaltar o humor percebido na publicação e/ou como uma chave de construção de deboche/sátira nas respostas a uma determinada *tour*. Aparentemente as imagens são utilizadas estrategicamente pelos atores, visto que publicações com imagens normalmente conseguem atrair um número maior de interações e através delas o sentido das publicações pode ser potencializado. Isso quer dizer que o próprio grupo cria formas de visibilização, ou seja, joga o jogo do Facebook sem aderir cegamente a suas lógicas.

Figura 25 - Uso de memes em publicações



Fonte: acervo do autor

Esse tipo de operação, de ilustrar e/ou potencializar o sentido cômico de uma *tour* com um meme, trata-se de uma ação ancorada num certo imaginário já compartilhado entre os membros da comunidade, algo que de alguma maneira pode ‘facilitar’ o entendimento mútuo do humor objetivado naquela publicação.

Pensando sobre a circulação das imagens na ambiência de midiatização, Rosa (2016b; 2014) indica que a própria constituição imagética está diretamente ligada à circulação, o que implica em disputas de poder simbólico e de fixação de crenças. As lógicas midiáticas não devem ser ignoradas, nesse sentido. Para a autora “pensar as imagens hoje é pensá-las na ambiência da midiatização, uma vez que os processos sociais estão atravessados pelas lógicas da mídia” (ROSA, 2014, p. 28).

Não raro, fluxos de imagens atravessam o grupo e suas ramificações, evidenciando seu poder de reprodutibilidade e abastecimento do imaginário desses atores sociais.

Figura 26 - Uso de imagens em publicações



Fonte: acervo do autor.

No exemplo acima, além de contar algo de sua intimidade, o membro utiliza uma fotografia para ilustrar (e trazer uma certa veracidade, ancorada na força do registro) a sua publicação. Ainda que sejam produzidas e colocadas em circulação sem necessariamente um rigor estético, a potência dessas imagens está justamente no seu sentido cômico. Certamente, o tom de humor da publicação não se dá por ser uma foto “perfeita” de turistas indo pela primeira vez à praia, mas por ser um flagrante de um momento inusitado.

Para além de imagens técnicas pixelizadas produzidas digitalmente, o conceito de imagem também entorna o entendimento de que “as imagens não são apenas a ilustração, fotos-documento, mas se constituem em textos e discursos que são postos em circulação” (ROSA, 2016b, p. 66). Talvez seja difícil dizer quais são as imagens e discursos postos em circulação (uma vez que são tantos), envoltos em disputas nesse grupo (ou em suas ramificações), porém é de fundamental importância perceber a sua existência e importância nas lógicas comunicacionais operadas por esses atores sociais.

Como um todo, o uso de imagens + textos que buscam criar um sentido cômico, trata-se de uma busca pelo enquadramento no propósito do grupo. A preocupação constante de construção do humor nas publicações também passa por uma espécie de conteúdo que em alguma medida seja autoral, inédito e divertido.

Essas características funcionam como substrato para as operações que, de uma forma ou outra, viabilizam as interações. Isso quer dizer que, por exemplo, utilizar uma imagem (seja um meme ou não), produzir um conteúdo relacionado ao universo pop, construir uma narrativa de humor são algumas das operações que efetivamente chamam os outros membros para algum tipo de interação. Parece simples, mas são nessas pequenas operações que residem as matérias-primas para as lógicas que acabam se cristalizando, de forma que perceber essas ações sendo orquestradas no dia a dia pelos membros permite ver de forma microscópica o funcionamento das lógicas do grupo.

4.2.2 As manas do LDRV vão dominar o mundo⁵²

As experimentações no grupo estão diretamente ligadas as operações de apropriação dos membros. Percebo que, sejam elas imagéticas ou textuais, crescem-se camadas de sentidos naquilo que vai ser propagado no arranjo. Isto é, para fazer sentido no grupo, há um

⁵² A expressão “manas” é bastante comum no grupo. Quando digo que “as manas do LDRV vão dominar o mundo” faço alusão a criatividade dos membros do grupo.

constante trabalho de apropriação e rearranjo aos ‘moldes’ do LDRV, tendo aí uma produção preocupada com as lógicas específicas do grupo.

Experimentar imgeticamente vai desde uma *photoshop tour*⁵³, que requer o domínio de uma certa tecnicidade, até a protagonização de uma imagem que em outros contextos seria considerada “ruim”. Configurar veracidade ao relato do cotidiano, dar um *update*⁵⁴ de uma determinada *tour*, colocar em circulação algo que remeta a um elemento do imaginário do grupo: tudo isso é experimentar imgeticamente. No entanto, o que é mais explícito, e parece ser mais pujante, é o fluxo das imagens em *ir adiante em uma não-repetição*, o que acaba sendo uma resistência à lógica imperativa da circularidade dos materiais midiáticos.

Esse fluxo descontínuo de experimentação imagética se concretiza, por exemplo, quando há um determinado *post* que “vinga” e, a partir deste, nascem outras centenas de *posts*, tão engraçados quanto o original, mas que não se constituem como uma cópia deste. A famosa “*shade*”⁵⁵ é o exemplo claro de uma experimentação dessa natureza. Tanto imagens quanto discursos são materializados a partir de um aspecto experimental, que se constitui segundo as regras do jogo social da comunidade.

É interessante observar como as operações não seguem um padrão já instituído. A lógica do estranho, do avesso ao que é esperado, é posta em prática nas operações discursivas e imagéticas dos atores. Ser inesperado é, portanto, algo que pode partir dos usos ou das apropriações, mas acaba se cristalizando numa lógica de comportamento. Esse tipo de estratificação nada mais é do que um dos resultados do desafio da comunidade, afinal, ser inesperado é também sinônimo de ser original, e ser originalmente engraçado é um dos grandes objetivos no grupo.

4.3 EXPERIMENTAÇÕES DO GRUPO

4.3.1 As gerações do grupo

As gerações do grupo, como comentado anteriormente, consistem em fases da comunidade. Ao dar início a uma nova era do LDRV, problemas da geração (que passara a ser

⁵³ A principal característica desse tipo de *tour* é a brincadeira imagética: quando um membro faz uma publicação contendo uma foto, normalmente engraçada, os outros membros se apropriam dessa foto e potencializam o seu sentido cômico (através de montagens, edições, atribuições de outros sentidos etc.), levando adiante em novas publicações. O nome *photoshop tour* é uma alusão ao *software* de edição de imagens *Photoshop*.

⁵⁴ Isso corresponde a um ‘edit’, ou seja, quando há uma atualização de determinada história contada em uma *tour*.

⁵⁵ Expressão usada para descrever quando um sujeito está dando alguma indireta.

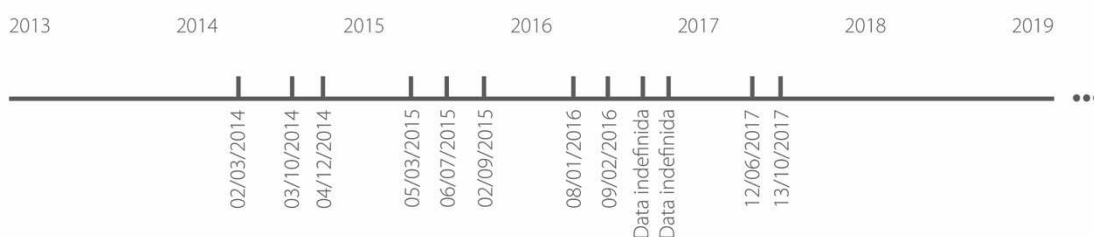
anterior) eram corrigidos, de modo que era mais factível começar um grupo novo do que tentar corrigir problemas de um grupo que já estivesse com um número grande de membros.

Embora não tenha constatado durante o período de observações um processo de transição entre eras, tendo em vista minha própria experiência enquanto membro do grupo, percebo que as eras “abandonadas” acabavam quase que instantaneamente, a partir do momento em que era anunciado uma nova fase do grupo. Existiam tentativas (falhas) de manter uma conversação por parte daqueles que não conseguiam se inserir na nova era. Porém, fora estes retardatários, o grupo como um todo passava a funcionar na nova geração. As versões antigas do grupo na maioria das vezes não eram apagadas do Facebook, apenas deixavam de ser utilizadas.

A atual era do grupo é intitulada sob a rubrica “LDRV”, adotando uma versão mais “básica”. Contudo, o nome do grupo não é fixo e é interessante observar como normalmente faz referência a elementos da cultura pop, sempre sendo complementado pela sigla LDRV. Em outros momentos já se denominou como “LDRV Disk Me”⁵⁶, “LDRV is a Woman”⁵⁷, “LDRV Eden”, “Lust for LDRV”⁵⁸, entre outros, todos com alguma alusão à cultura pop. Durante o desenvolvimento deste texto, houve momentos de transição de nomes, o que evidencia esse aspecto.

Para entender temporalmente melhor como se deram essas eras do grupo, precisei conversar com Neto⁵⁹. Através dessas conversas cheguei ao gráfico a seguir, ilustrando o processo temporal de criação de novos grupos e migração dos membros.

Figura 27 - Eras do grupo



Fonte: Acervo do autor.

⁵⁶ Referência ao lançamento musical da cantora e *drag queen* Pablllo Vittar “Disk Me”.

⁵⁷ Referência à música “God is a Woman” da cantora norte-americana Ariana Grande.

⁵⁸ Referência à música “Lust For Life” da cantora norte-americana Lana Del Rey.

⁵⁹ Criador do grupo.

Observo neste gráfico que algumas transições ocorreram num curto espaço de tempo, principalmente entre as primeiras gerações do grupo. Noto que a partir do final de 2016 as transições aconteceram num intervalo de tempo maior, indicando um aprimoramento e uma capacidade de governança/gerenciamento que foi sendo aperfeiçoada/refinada nesse processo.

É curioso o fato que membros de gerações antigas possuam um “arcabouço cultural do LDRV” maior do que membros novatos e, portanto, possuam um certo capital simbólico maior para tratar de piadas internas. Ao mesmo tempo, a cultura de participação não é estática, está sempre em movimento. A entrada de novos membros, bem como novos fluxos comunicacionais, afeta a organização interna, tendo reflexo no grupo como um todo. Em outras palavras, tanto membros antigos, que sabem de onde o LDRV “vem”, como membros novos, que nem sequer sabem da existência desse *background* do grupo, compõem uma aglutinação de elementos que se misturam e dão corpo à era atual do grupo.

Essa característica, que inegavelmente é constituidora do grupo, parece ser uma experimentação inspirada nos *reboots* dos gibis – das histórias de super-heróis em quadrinho –, nos quais, em determinado momento, a narrativa é zerada. É de conhecimento comum que essa ideia, já colocada em prática há um bom tempo pelas editoras, na verdade serve como uma alternativa para a entrada de novos leitores, sem que estes precisem se inteirar de todo um universo narrativo anterior (muitas vezes complexo e grandioso). Assim, o *reboot* nas histórias em quadrinho trata-se de uma estratégia (em grande parte comercial) de recomeçar as histórias para que não seja necessário adentrar em eventos passados. No LDRV, essa estratégia é lembrada porque, ao se criar uma nova geração do grupo, os novos membros não precisam se preocupar com as regras da era anterior, tampouco com o que era discutido, mas sim com o que passa a ser a lógica do novo grupo e do que é configurado nele. É como se o grupo recomeçasse e, essa tática de reiniciar, coloca o grupo numa permanente atualização.

Quando se iniciava uma nova era do LDRV tinha-se uma certa pretensão de ‘reengajamento’ dos membros. Ou seja, ao saber que está fazendo parte, enquanto outros milhares ainda não conseguiram entrar na nova geração, está sendo produzido um trabalho de valorização sobre o grupo. Essa é uma nuance da experimentação do próprio arranjo que parece estar relacionada à tentativa de sobrevivência dentro da efemeridade da cultura digital, ainda que isso signifique ter de se desfazer de parte dos membros.

Por outro lado, essa característica de temporalidade do LDRV abre o debate para o processo de aprendizagem do grupo. Reside nessa transformação geracional uma ação de adaptação da comunidade em relação àquilo que os membros fazem. Se, por um lado, as regras deixavam de funcionar e era necessário um novo grupo, por outro, decidiu-se parar de criar novas eras (como enunciado por Neto em entrevista citada anteriormente), o que se mostra é justamente o trabalho do arranjo de orquestramento do jogo social entre esses atores.

A existência dessas eras sugere que o processo de articulação do grupo tem sido a partir de uma longa formação tentativa. O desenvolvimento ensaístico de regras e também das táticas da comunidade é a essência dessa elaboração baseada em experimentação. Essa processualidade, que é sobretudo temporal tendo em vista que o primeiro grupo surgiu em meados de 2013, mostra que as diretrizes do grupo não surgiram do nada, mas foram pensadas a partir das estratégias dos membros. No entanto, a especificidade desse grupo dá a ver que não se trata apenas de uma adaptação, mas de um longo percurso de arranjo entre o que estava ou não dando certo, e o que poderia ser experimentado para melhorar o cotidiano do grupo.

Parece algo simples, mas é necessário destacar como o aspecto experimental é importante para entender a singularidade desse objeto. Falar que o LDRV passou por 13 eras é o mesmo que dizer que o grupo tentou por 13 vezes diferentes maneiras de elaborar regras e negociar as diferenças internas entre os membros. Experimentar, nesse cenário, é fruto da ação comunicativa entre grupo e seus membros, assumindo que nem sempre a comunicação se dá num formato de “alto valor”, mas também em embates, interações, articulações e tensionamentos (BRAGA, 2017).

A duração do grupo a partir das gerações, bem como a decisão de não se ter mais processos de migração, abre margem para ver como os modos de aperfeiçoamento da própria comunidade são consequência da dinâmica interacional que é aprimorada. Aqui, a comunicação é ajustada de acordo com as necessidades de cada momento do grupo e, mesmo sendo *canhestra* (BRAGA, 2017), vai se mostrando como um fenômeno em que “o ajuste e a sintonia são apenas aproximadamente previsíveis” (BRAGA, 2017, p. 21), mostrando não com uma, nem duas, mas 13 tentativas são necessárias para se chegar a um ponto de relativa estabilização do grupo (levando em consideração as demais eras do grupo, essa é de maior tempo).

Esse tipo de experimentação é importante porque é da ordem do grupo experimentando com o próprio grupo, ultrapassando as tentativas internas. Isso significa que, nesse exercício experimental, a própria existência e visibilidade do grupo são objetivadas, na medida que a

comunidade vai testando o que dá e o que não dá certo, sempre pensando numa estabilidade e continuidade do LDRV.

4.3.2 Ramificações do grupo

As ramificações são outros grupos que estão ligados à comunidade principal, mas que possuem destinações específicas, definidas pela sua temática. Elas existem, basicamente, com o intuito de não tornar o grupo principal repetitivo. Como são temas recorrentes, de interesse dos membros em discutir, esses subgrupos canalizam essas interações para a sua especificidade. Apesar de serem outros grupos, eles ainda são parte constituinte do LDRV. Essa configuração de se ramificar é um componente importante para o funcionamento da comunidade.

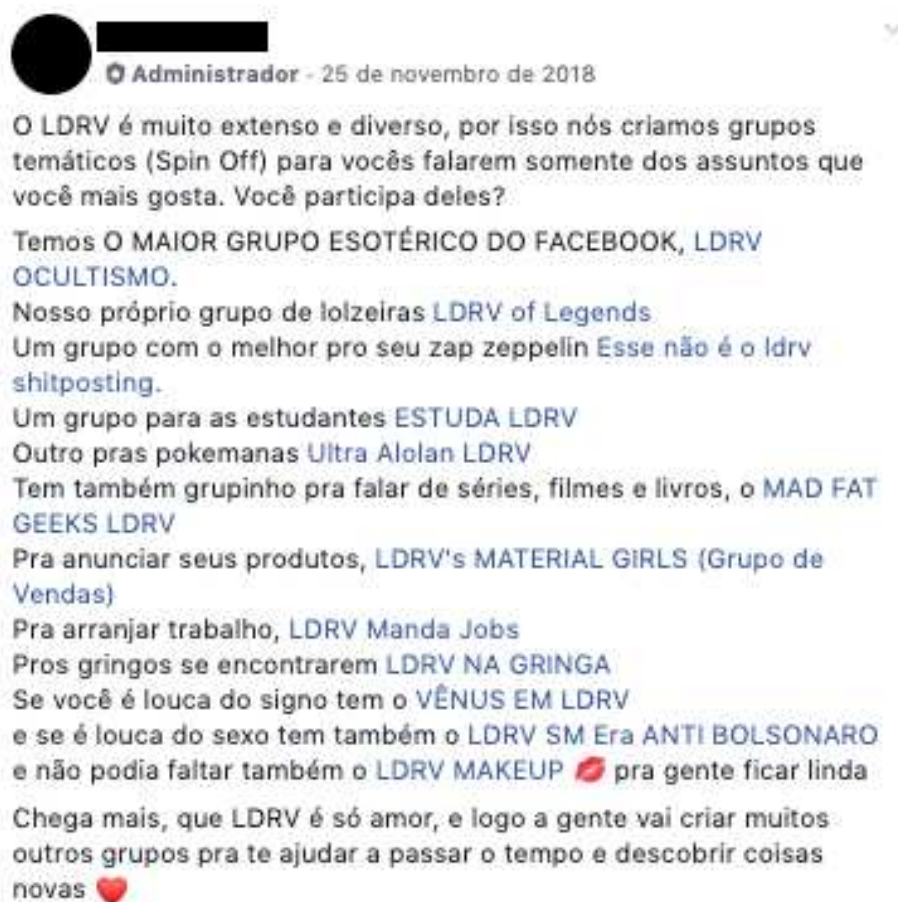
Reitero que o mapeamento desses subgrupos ocorreu de três maneiras: a primeira é observando na página oficial do grupo quais grupos estariam vinculados⁶⁰ e, portanto, estariam ligados à comunidade principal. A segunda etapa se deu pelo acesso à aba de grupos recomendados pelos administradores. A terceira ocorreu através de buscas de publicações no grupo atual e em gerações passadas, a fim de encontrar pistas que levassem a descobrir outras ramificações. Nesse processo de buscas encontrei um *post*⁶¹ de uma administradora do grupo, informando e disponibilizando links aos *spin-offs* para quem tivesse interesse em participar. Somam-se um total de 14 subgrupos, além das ramificações em formato de páginas e perfis em outros sites redes sociais.

Nessas buscas, também encontrei uma segunda publicação de um administrador divulgando os grupos temáticos do LDRV.

⁶⁰ Captura de tela disponível nos anexos deste trabalho.

⁶¹ Captura de tela disponível nos anexos deste trabalho.

Figura 28 - Grupos temáticos



Fonte: acervo do autor.

O LDRV é muito extenso e diverso, por isso nós criamos grupos temáticos (Spin off) para vocês falarem somente dos assuntos que você mais gosta. Você participa deles? (grifos nossos).

Esse enunciado parece ter por intenção mostrar que o grupo se constitui como um conjunto de pessoas heterogêneas e que justamente está aberto à pluralidade. Assim, configura-se como um ambiente que permite o exercício e a prática criativa do indivíduo, bem como de conjuntos menores com o qual ele mais se identifica, mesmo dentro do grande grupo.

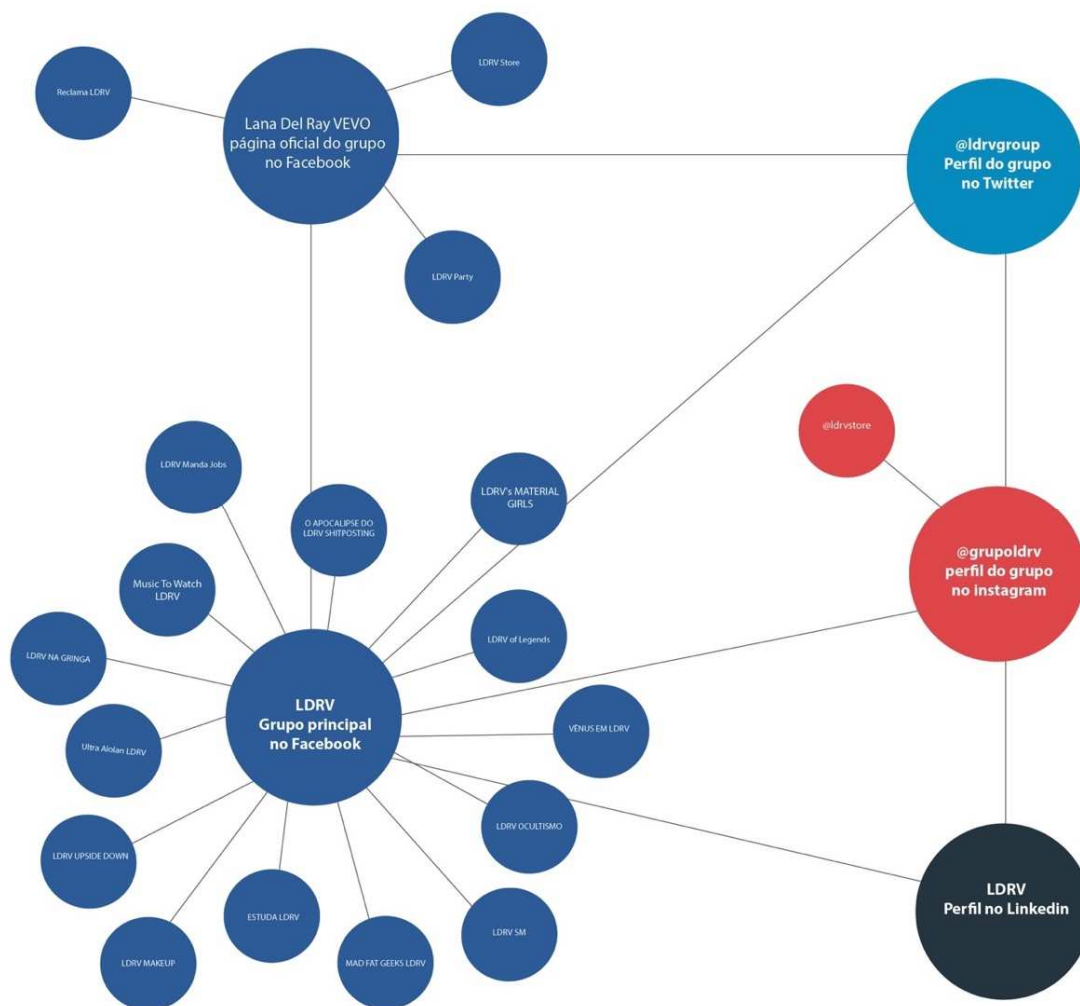
É importante comentar sobre as diferenças entre as páginas/perfis e os grupos. Se cada grupo possui seus próprios regramentos e lógicas internas, as páginas do LDRV por sua vez são de natureza diferente dos grupos e, portanto, apresentam um outro tipo de objetivação. As páginas (oficial do grupo, de eventos, de reclamações, da loja) bem como os perfis (Twitter, Instagram, LinkedIn) têm um papel de construir uma interface da intimidade do grupo com o exterior da comunidade. Ali, constroem-se áreas compartilhadas entre o grupo e um contexto do âmbito das redes. Em termos técnicos, obviamente as páginas e os perfis possuem diferentes

funções dos grupos, mas o que chama atenção são os “porquês” de existirem essas tais ramificações em formatos diferentes, uma vez que elas não são requisitos para os grupos sobreviverem. Os usos que são feitos das páginas e perfis mostram uma preocupação desse grupo em também se articular segundo gramáticas adotadas nas redes.

Atualmente o Facebook vem fazendo algumas implementações na sua interface, tendo em vista o posicionamento da empresa. Essas pequenas mudanças são colocadas em testes diariamente e, basicamente, tentam compreender como a utilização dos grupos podem ser estimuladas, a partir da sua centralidade na plataforma. Olhando para as ramificações do LDRV, isso significa que a própria interface entende que as páginas não são centrais, mas sim os grupos. Essas diferenças técnicas entre grupos e páginas (além de perfis em outros sites de redes sociais) são características importantes, pois revelam as funções da plataforma como meio, e como suas construções técnicas são significativas para explicar onde (e porque) a comunidade está.

A fim de facilitar a visualização das ramificações do LDRV, apresento a seguir um esquema visual diagramando o espalhamento em grupos, páginas e perfis em outros sites de redes sociais. Os círculos em azul representam grupos e páginas no próprio Facebook, em azul claro no Twitter, laranja no Instagram e azul escuro no LinkedIn. Essas subdivisões possuem uma certa conexão e dinamicidade entre si (uma vez que todas carregam o nome do próprio grupo, mas não funcionam de uma mesma maneira), e não parece existir um aspecto hierarquizador entre elas (não há uma mais importante que outra). Mas, além do nome, noto a existência de algum sentido (ou conjunto de sentidos) que perambula por entre essas várias seções do grupo, caracterizando-os como algo próprio do LDRV.

É interessante observar nesta imagem que todas as seções do LDRV, de uma forma ou de outra, continuam ligadas ao grupo principal. Essa conexão, desenhada intencionalmente nessa representação visual das ramificações, faz alusão à constituição do grupo principal como um “guarda-chuva” para as outras seções da comunidade. Isso não significa que o grupo principal seja mais importante que os outros (uma vez que quem atribui a importância que o grupo tem são os próprios membros), mas que essas conexões, articuladas pelo grupo principal, configuram a especificidade desse arranjo.

Figura 29 - Ramificações do grupo⁶²

Fonte: acervo do autor.

Os grupos são:

Music To Watch LDRV: grupo para compartilhar conteúdos sobre música

Ainda que o volume de interações seja irrisório (quando comparado ao LDRV), percebo que o intuito desse grupo – de buscar e compartilhar produtos musicais – se efetiva. Não há um julgamento de gostos, mas uma conversação basicamente em torno de lançamentos e também de “descobertas”.

⁶² A imagem pode ser acessada com mais qualidade no link a seguir: <<https://bit.ly/2EexF3Y>>.

Figura 30 - Subgrupo Music To Watch LDRV

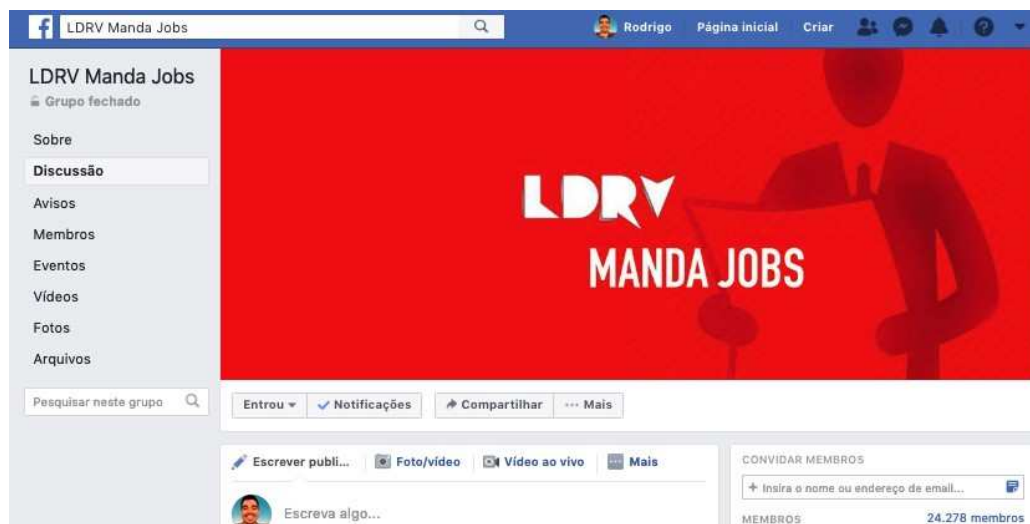


Fonte: acervo do autor.

LDRV Manda Jobs: grupo para compartilhar e/ou procurar vagas de emprego

O que posso inferir a partir desse grupo é que existe uma preocupação em compartilhar vagas com outros atores sociais inseridos na comunidade LDRV. É de conhecimento comum que existem inúmeros grupos no Facebook com a finalidade de divulgar e compartilhar vagas de emprego, porém, ao se ter uma comunidade fechada para membros que já tem algo compartilhado, parece existir um reconhecimento de um certo vínculo já existente, que une esses atores em torno dos sentidos que se criam sob o grupo principal.

Figura 31 - Subgrupo LDRV Manda Jobs



Fonte: acervo do autor.

Esse não é o ldrv *shitposting*: grupo de *shitpost*

“*Shitpost*” é um tipo de conteúdo que utiliza algumas figuras de linguagem, como ironia, sarcasmo, deboche etc. O teor de humor dos *shitposts* normalmente é feito com piadas “ruins” feitas a partir de memes e figuras famosas. Apesar do nome não ser tão popular, essas publicações são bastante recorrentes nas redes e acabam se popularizando pela sua propagação.

Neste grupo temático, por ser específico desse tipo de conteúdo, o humor por si só já tem uma acidez maior, o que já é uma característica evidenciada nas próprias regras do grupo. No geral, a sua especificidade é bastante clara e a sua ligação com o grupo principal também.

Figura 32 - Subgrupo LDRV *shitposting*

Fonte: acervo do autor.

LDRV's MATERIAL GIRLS (Grupo de Vendas): grupo destinado para a venda de produtos

Neste grupo são pessoas vendendo para pessoas. Percebo através das análises que uma de suas características principais é que, nas conversações, aparentemente, todos os membros, de alguma maneira, ou conhecem o grupo principal ou o integram. Há uma proximidade entre este grupo e o LDRV que parece ser profunda. Vejo também que há uma preocupação da administração do grupo em deixar claro que este espaço é totalmente voltado para os próprios membros e não para a loja oficial do grupo.

Figura 33 - Subgrupo LDRV's Material girls



Fonte: acervo do autor.

LDRV of Legends: grupo para jogadores de Lol

“LDRV of Legends” é um trocadilho com o nome “League of Legends” ou LoL. De acordo com o site⁶³ brasileiro do jogo, este é um jogo on-line do gênero *multiplayer battle arena*, que permite jogar na modalidade solo ou em grupos. Muito embora não esteja familiarizado com este universo, de modo geral, noto que o grupo segue o seu propósito de ter discussões em torno do universo *gamer*, especialmente deste jogo.

⁶³ League of Legends. Disponível no link a seguir: <<https://br.leagueoflegends.com/pt/game-info/get-started/what-is-lol/>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

Figura 34 - Subgrupo LDRV of Legends



Fonte: acervo do autor.

VÊNUS EM LDRV: grupo para compartilhar assuntos relacionados a Astrologia

Essa ramificação denota que existe por parte dos atores um interesse em torno do universo de conteúdos sobre astrologia. A tematização da astrologia nas interações no grupo também segue alguns princípios regradores, assim como em todos as outras ramificações.

Figura 35 - Subgrupo Vênus em LDRV

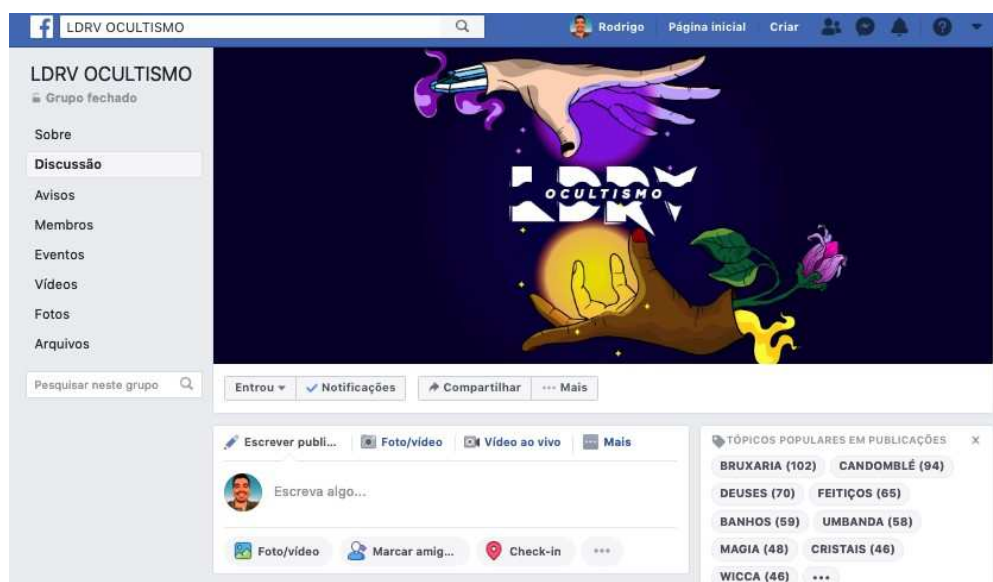


Fonte: acervo do autor.

LDRV OCULTISMO: grupo destinado para estudos místicos

Ter um grupo dedicado para compartilhamento de conteúdos ocultistas/esotéricos indica uma abertura relacionada a crenças, aceitando e suscitando a discussão, neste caso, sobre estudos, dúvidas e curiosidades relacionados ao ocultismo/esoterismo. Neste sentido, entendo que há uma abertura para a discussão e aceitação de “outras verdades” não tomando nenhuma crença/religião como dada e absoluta. Para fins a que se destina essa observação, compreendo que o ocultismo em si possui várias vertentes, derivando em inúmeras características dos seus praticantes.

Figura 36 - Subgrupo LDRV Ocultismo



Fonte: acervo do autor.

MAD FAT GEEKS LDRV: grupo dedicado para compartilhar e interagir em torno de conteúdos destinados à comunidade *Geek*

De acordo com reportagem do CanalTech (2013), o conceito de *Geek* é referente a pessoas que se interessam especialmente por alguns produtos como quadrinhos, coleções, *cosplay*, além de *games*, filmes, livros etc. Dedicado para essa temática, as interações claramente estão alinhadas com o propósito da comunidade, mostrando como esse grupo temático é, de fato, importante para os membros.

Figura 37 - Subgrupo Mad Fat Geeks LDRV



Fonte: acervo do autor.

Ultra Alolan LDRV: grupo destinado a fãs de Pokémon

O produto Pokémon faz parte de uma série de produtos midiáticos que pertence a Pokémon Company⁶⁴. Atualmente essa franquia responde a diversos produtos, como séries de televisão, games, filmes, mangás e brinquedos. O grupo, por sua vez, reúne atores sociais interessados sobre os produtos dessa franquia, viabilizando uma conversação e troca de conteúdos pertinentes entre os mesmos.

⁶⁴ Site da empresa disponível no link a seguir: <<https://www.pokemon.com/br/sobre-pokemon/>>. Acesso em: 28 fev. 2019.

Figura 38 - Subgrupo Ultra Alolan LDRV



Fonte: acervo do autor.

LDRV NA GRINGA: grupo destinado para compartilhar experiências de viagens e/ou moradia fora do Brasil

Esse grupo visa aproximar, através do LDRV, pessoas que estejam morando (ou viajando para) fora do Brasil. O propósito é compartilhar dicas, experiências, tutoriais e práticas de quem vive em ou viaja para diversos lugares do mundo. Além disso, também serve como uma “fonte de informação” para aqueles que ainda não saíram do Brasil, mas desejam ter uma experiência internacional.

Figura 39 - Subgrupo LDRV na gringa

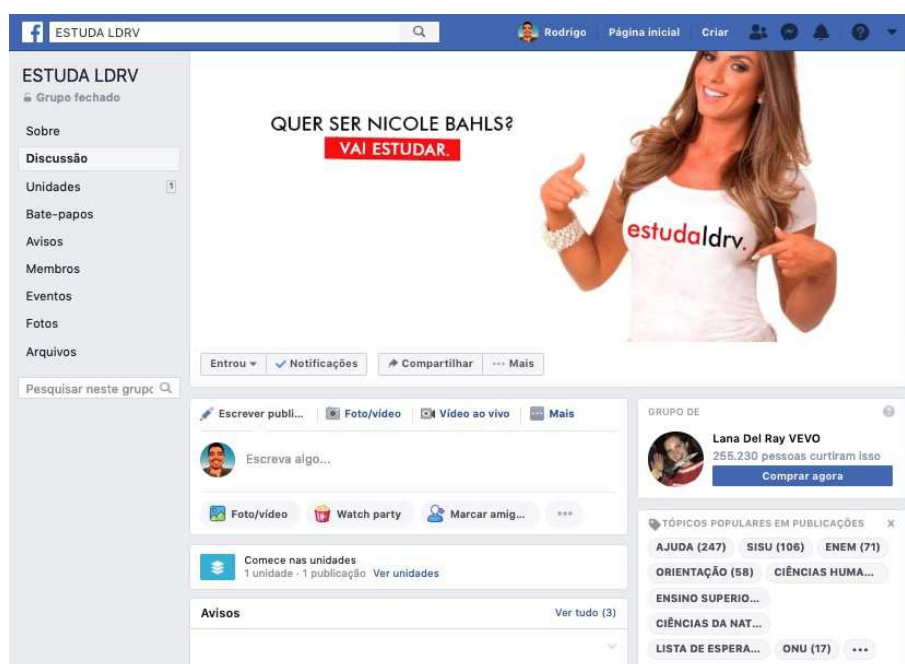


Fonte: acervo do autor.

ESTUDA LDRV: grupo destinado para estudos

Neste grupo há um compartilhamento de conteúdos, dicas e experiências de estudo. A busca pela solução de dúvidas entre membros traz à tona um funcionamento semelhante a um grupo de estudos. Noto que a busca pelo compartilhamento de materiais de estudo, dúvidas, inquietações e problemas move as interações dos membros dessa vertente do LDRV.

Figura 40 - Subgrupo Estuda LDRV



Fonte: acervo do autor.

LDRV SM: grupo destinado para conversação em torno de fetiches e BDSM

Neste grupo há uma abertura no que se refere à conversação sobre intimidade e sexualidade. Embora normalmente sejam assuntos que não seriam tocados tão facilmente, no âmbito desta comunidade são tratados com espontaneidade, pois entende-se que a sexualidade é uma instância presente em todos os sujeitos. Os membros sentem-se à vontade para compartilhar conteúdos, curiosidades, dúvidas, medos e experiências, pois estas são tratadas com muita naturalidade pelos integrantes da comunidade. A minha hipótese é que o sentimento de confiança entre os membros facilita essa conversação.

Figura 41 - Subgrupo LDRV SM



Fonte: acervo do autor.

4.3.2.1 Olhando de perto as lógicas do LDRV MAKEUP e LDRV UPSIDE DOWN: ramificações *by popular demand*

Tendo em vista a tática de abordagem do objeto, essas ramificações foram escolhidas para uma observação mais aprofundada, dentre as ramificações que compõem o conjunto de subgrupos, páginas e perfis do LDRV. Isto porque elas apresentam algumas lógicas e operações bastante interessantes e divergentes, quando comparadas ao grupo principal.

LDRV MAKEUP: grupo destinado a compartilhar conteúdo sobre maquiagem

Este grupo é dedicado para amadores e profissionais compartilharem dicas, tutoriais, resenhas e opiniões sobre produtos, técnicas e novidades sobre maquiagem. Compartilhar suas experimentações é algo bem-vindo, uma vez que o “testemunho” sobre determinado produto ou técnica é algo que pode ajudar outro membro em algum momento. Acredito que ao compartilhar uma experimentação de um certo produto ou técnica, há um latente sentimento de proximidade.

Neste sentido, sazonalmente são propostos pela administração do grupo alguns desafios temáticos para os membros da comunidade, que, após produzirem as suas maquiagens, podem dividir o seu resultado com os membros para o desafio proposto.

Figura 42 - Subgrupo LDRV *MakeUp*



Fonte: acervo do autor.

Por se tratar de um grupo voltado para maquiagens e afins, uma primeira operação que o diferencia do LDRV principal é a construção da identidade que é atravessada por uma construção imagética, especialmente do rosto. Quando se faz uma publicação, seja relacionada a um produto, técnica, aprendizado ou teste, o corpo do membro, especialmente o rosto, passa a ser colocado em circulação no interior da comunidade. Isso quer dizer que, diferentemente do LDRV, nesse grupo as *selfies* não são proibidas; pelo contrário, são estimuladas, desde que utilizadas nos enquadres do grupo.

É interessante fazer uma ponte entre essa característica e o pensamento de Lévinas, situado num contexto de filosofia da alteridade. Para o filósofo, o rosto já se constitui como discurso, algo que se dá no imediatismo do face a face. O rosto é como um discurso primeiro, que determina a participação do outro no próprio episódio. Essa ideia, na filosofia de Lévinas, parte da noção de que o rosto vai além dele mesmo, que alcança a camada do sensível, principalmente da alteridade e que aponta para uma significação que também é da ordem da linguagem (SALES, 2005). O rosto do outro, portanto, estabelece um laço de alteridade entre esses membros, pautado principalmente pela experiência com a exterioridade do outro que está sendo exposta ali.

A lógica do LDRV (principal) de proibir *selfies* ganha outras gramáticas no LDRV MAKEUP. Essas imagens podem ser postas em circulação, desde que atendam ao que é esperado dos membros.

Figura 43 - Imagem colocada em circulação no grupo



Fonte: acervo do autor.

Esse tipo de disrupção nas lógicas é indicadora de como cada pequeno grupo articula as suas características a partir das operações dos atores inseridos nele. Isto é, neste grupo, ao se ter uma produção voltada expressamente ao compartilhamento de saberes, especialmente sobre maquiagem, algumas das lógicas do grupo principal se mantêm (por ex.: rigorosidade em não aceitar publicações que não estejam ligadas ao propósito do grupo) e outras se modificam (por ex.: a construção imagética aqui se passa fortemente por essa circulação do corpo, especialmente a partir de *selfies*, o que no grupo principal não é permitido).

Figura 44 - Aviso da administração do grupo



Fonte: acervo do autor.

Por ser um grupo com temática específica e ter um número menor de membros comparado ao LDRV, evidentemente a questão da administração da comunidade parece ser um pouco menos dificultosa. No entanto, as regras neste local ainda existem como diretrizes importantes. No caso acima, reitera-se que não serão aceitas publicações que não se enquadrem no propósito de compartilhar conteúdos sobre maquiagem.

Quando se enuncia:

[AVISO][UP OU BAN]

Boa tarde, amores. Então, todos os dias eu recebo dezenas de posts com conteúdo religioso (...) e **NADA DISSO SERÁ ACEITO**, pelo simples fato do grupo ser de **maquiagem** (...). (Grifos nossos).

A operação de já explicitar que se trata de um aviso e solicitar o “UP OU BAN”, significa que a moderadora está chamando todos os membros que leram a publicação a comentar “UP”, caso contrário, teoricamente, seriam removidos do grupo. Essa ação é experimental, na tentativa que o algoritmo considere que essa publicação tem um bom engajamento e, conseqüentemente, leve adiante para o maior número de membros. Trata-se de uma maneira de ‘jogar o jogo’ do Facebook, entendendo que é o algoritmo que vai mediar a capacidade desse aviso da moderação a efetivamente chegar aos membros do grupo. Mas, além disso, ao se reiterar que nenhum tema que se localize fora da proposta do grupo será aceito, estão sendo transportadas algumas operações de administração do grupo LDRV para a especificidade desse outro grupo.

Essas transferências do LDRV para o LDRV MAKEUP nos modos internos de articulação da comunidade são interessantes, pois percebo que não se trata de um grupo que é um subproduto do grupo principal. Ele é um grupo outro que, mesmo mantendo um sentido já compartilhado sobre o LDRV, constitui-se a partir de suas regras, lógicas e configurações próprias.

O que parece acontecer é que o LDRV vai ganhando prolongamentos e permanências. Ele se recria ao se desdobrar, na tentativa de se presentificar nesta ramificação. Assim, o sentido do que é o LDRV é partilhado neste outro grupo, ao mesmo tempo que se tem alguns aspectos que acabam diferenciando um do outro.

LDRV: UPSIDE DOWN: grupo destinado para compartilhamento de teorias conspiratórias, creepy-pastas⁶⁵ e histórias do mesmo cunho

Esse subgrupo, assim como o caso anterior, foi selecionado para uma análise mais aprofundada. Essa escolha se deu em função de sua temática e das diferenças nas lógicas internas, quando comparado ao LDRV e ao próprio LDRV MAKEUP. Essas mudanças se apresentam como elementos pujantes sobre a diversidade dentre o próprio conjunto de extensões do grupo e, principalmente, sobre pluralidade de interesses em interações entre os membros.

Nessa ramificação há um intuito de conversar sobre histórias que, de alguma maneira, sejam curiosas, causem espanto e que acabam prendendo os leitores justamente pelo seu tom

⁶⁵ Termo que designa histórias de natureza lenda urbana, terror e semelhantes, que normalmente são divulgadas e viralizam em fóruns na internet.

sutil de entrelaçar realidade e fantasia. Não há uma intenção em debater sobre fatos verídicos, tampouco sobre comprovações científicas, mas sim sobre boatos e suposições. Assim, o que o grupo propõe é a possibilidade de compartilhar e comentar com outros sujeitos, que também se interessem sobre esse tipo de narrativas, histórias de terror, teorias conspiratórias etc.

Figura 45 - Subgrupo LDRV UPSIDE DOWN⁶⁶



Fonte: Acervo do autor.

Percebo um aspecto interessante nessa ramificação que a diferencia do grupo principal: a sua natureza. Por ser um grupo voltado a compartilhar histórias de terror/*creepypastas* existe a possibilidade de se tocar em assuntos delicados, que podem acionar traumas e experiências sensíveis dos membros. Assim, diferentemente do grupo principal, no qual existe uma preocupação de não se ter uma exposição de negatividades, sejam elas traumas e experiências sensíveis de qualquer ordem (uma vez que se preza pela saúde mental dos membros), no LDRV UPSIDE DOWN essa preocupação se finda, justamente pela natureza do grupo. Seja nas regras, na apresentação e nos lembretes dos administradores, fica claro que o objetivo do grupo é ser justamente sombrio, o que o singulariza em relação ao grupo principal.

⁶⁶ A foto de capa com a imagem da cantora canadense Avril Lavigne faz alusão a fanfiction de que a cantora morreu e foi substituída.

Figura 46 - Regras LDRV UPSIDE DOWN

Regras do grupo dos administradores		
1	Toda história precisa de um título. Tudo que é postado sem um título ou palavra chave no cabeçalho do post será apagado.	***
2	Somos um grande livro de terror. Não fuja do tema e nem pise na batatinha ao ler as histórias postadas aqui, até mesmo quando forem reais. O nosso principal objetivo jamais será expor, debater ou disseminar fatos concretos.	***
3	Algumas histórias podem ser problemáticas. Muito do que será contado aqui tem cunho de ficção, não leve a sério estereótipos, rituais e atributos falsos. Se imagine vendo séries bobas dos anos 90 ou lendo um livro de contos, é esse o conceito.	***
4	Não queremos seus relatos e experiências. Se o caso supostamente aconteceu com você, ninguém do grupo deve saber disso. Comentários e posts com histórias pessoais serão vetados sob punição.	***
5	Não somos responsáveis pelos seus traumas. O intuito desse grupo é justamente ser tenebroso, portanto podem relatadas aqui histórias e conteúdos considerados desagradáveis e de possíveis gatilhos psicológicos. Tenha ciência disso.	***
6	Cuidado com as imagens sensíveis. Conteúdo visual de GORE e NUDEZ serão vetados. Se sua história contém isso, capriche na descrição para não precisar ilustrar.	***
7	Respeito mútuo é essencial. Este grupo é uma extensão do LDRV, portanto, não serão tolerados racismo, machismo, gordofobia, LGBTQfobia e qualquer tipo de desrespeito entre membros. Foquem em criar e comentar casos.	***
8	Sempre credite aquilo que você não escreve. Conteúdo copiado na íntegra precisa sempre ser ter os créditos de origem. Caso você escreva com suas palavras algo que viu, não precisa se preocupar, isso só se aplica com as doidas do CTRL + C.	***
9	Não deboche! É proibido debochar, desmerecer o post do coleguinha, dar nota de fic, avaliação, etc. É passível de silenciamento até banimento dependendo do comentário.	***

Fonte: acervo do autor.

Ainda que seja sombrio, o grupo tende a ter um certo tom ficcional, e isso também o desloca. Não se trata daquilo que o sujeito que está compartilhando viveu, da ordem da dor pessoal, mas de um tipo de literatura de ficção em que tais temas já são esperados.

A preocupação com gatilhos emocionais, presente nas regras três e quatro, mas mais explicitada na quinta regra, parece ser uma preocupação que perambula pelo conjunto, tanto dessa ramificação quanto do LDRV. Ainda assim, o seu tratamento se diferencia, uma vez que nesse grupo o que se comunica é que quem está fazendo parte da comunidade deve ter ciência dessa possibilidade.

Por ser um grupo voltado para um tema tão diferente do LDRV principal, algumas lógicas acabam sendo redimensionadas para a sua especificidade. Quando se enuncia na sétima regra que *“Este grupo é uma extensão do LDRV, portanto não serão tolerados racismo, machismo, gordofobia, LGBTQfobia e qualquer tipo de desrespeito entre membros. Foquem em criar e comentar casos”* é realizada uma ação de manutenção de algumas das operações do LDRV, sobretudo no que diz respeito à organização do grupo, no entanto, outras acabam sendo abandonadas. Isto é, a preocupação em ser um lugar expressamente de humor se dissipa nesta ramificação, e em seu lugar assume-se outro escopo. Ainda assim, a ideia de fugir da realidade – derivada do propósito do grupo principal – é preservada.

Uma operação importante na constituição dessa ramificação são as narrativas expressas em textos, que variam de pequenos contos até leituras que podem se dividir em várias publicações. Essa característica de discursos textuais longos, mesmo aparecendo no LDRV, aqui se configura como um dos aspectos centrais (e mais interessantes) do grupo, pois é através dessa operação discursiva que se corporificam as narrativas de terror. Nesse sentido, a sexta regra é enfática quando pede aos membros para ter uma descrição rica ao invés de utilizar imagens que contenham algum tipo de conteúdo pesado.

“Cuidado com imagens sensíveis.

Conteúdo visual de GORE e NUDEZ serão vetados. Se sua história contém isso, **capriche na descrição para não precisar ilustrar”**.

Diferentemente do LDRV, no qual se tem um desfrute por imagens que potencializem o sentido de humor nas publicações, neste subgrupo há uma certa diferença, enquanto a valoração maior passa a ser do texto escrito, não mais do visual (ainda que continue fortemente presente). Essa diferença parece ser sutil, mas lida com a noção de imaginação dos membros – preenche os sentidos na falta de imagens materiais – e é uma importante operação de transferência das lógicas do LDRV para o LDRV UPSIDE DOWN, tendo em vista a sua especificidade.

Além disso, parece existir uma certa didatização sobre como postar as histórias de terror. Estar enquadrado, segundo as gramáticas do grupo, significa emoldurar a narrativa à matriz do que se espera nesta comunidade. Ter um título, não ser um relato pessoal (ou pelo

menos não o explicitar como pessoal), cuidado com imagens sensíveis, crédito ao autor (quando for uma reprodução) são alguns dos critérios indicados nas regras do grupo. Uma diferença entre as lógicas (quando comparado com o LDRV) é justamente esses enquadres explicitados nas normas ‘do que ter ou não ter’ nas histórias, enquanto no grupo principal se têm regras explícitas voltadas para as práticas interacionais e, mais especificamente, o que não se pode fazer. Em outras palavras, no LDRV não há indicativos ‘do que precisa ter’ nos *posts*, enquanto neste subgrupo existem algumas predisposições para as publicações, listadas nas regras.

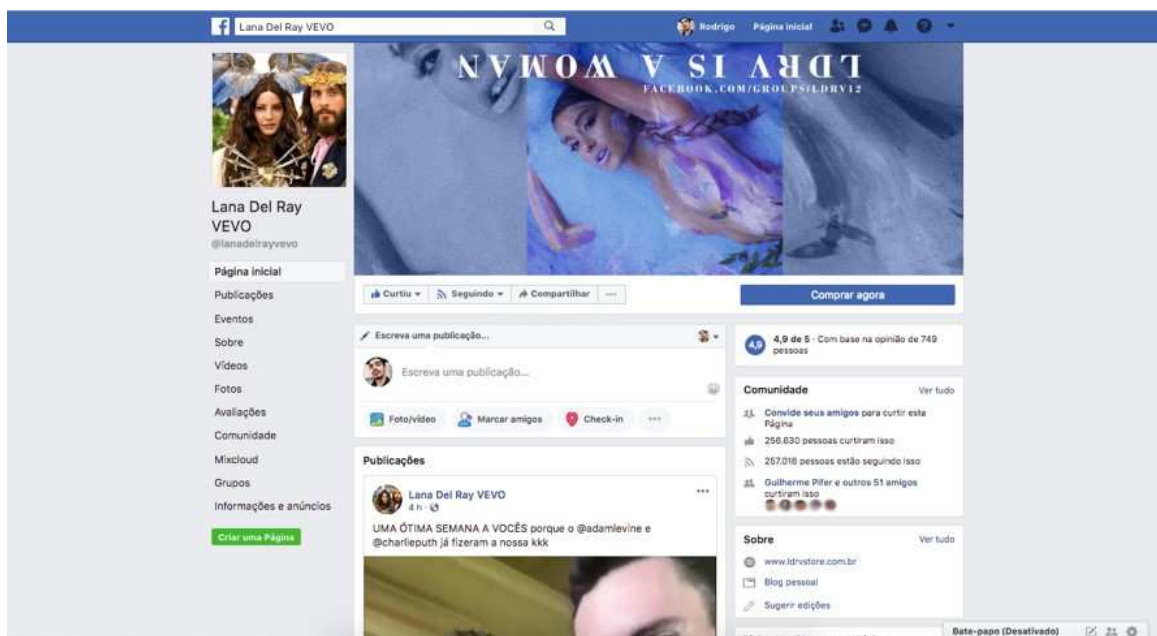
4.3.2.2 Ramificações em páginas e perfis no Facebook, Twitter, Instagram e LinkedIn: interfaces com o que está fora do grupo

Além das ramificações em outros grupos, também existem páginas que são ligadas ao grupo principal. Essas páginas subdividem-se em quatro: a página oficial do LDRV, a página de eventos, página de produtos e a página que funciona como um atendimento aos membros do grupo. Todas funcionam de modo independente, mas ainda assim possuem conexão com o grupo LDRV principal. No entanto, a ‘reclama LDRV’ é a que mais chamou atenção nas análises. Vejo nela um aspecto tentativo de organização do grupo, uma espécie de um outro lugar de fala, para além da administração/moderação interna da comunidade.

Lana Del Ray VEVO: página oficial do grupo

Voltada para publicações de cunho informativo, promocionais e parcerias, ela é principalmente usada para compartilhar conteúdos que de alguma forma expressem o que se discute internamente no grupo e, para isso, traz *posts* característicos da comunidade. Percebo que nela não há um engajamento tão grande quanto internamente no grupo (tratando-se de indicadores numéricos); bem pelo contrário. O número de interações é quase irrisório, tendo em vista uma comparação com a quantidade diária de conteúdos que circulam e interações produzidas no interior do grupo principal.

Figura 47 - Página oficial do grupo



Fonte: acervo do autor.

LDRV Party: página das festas do grupo

Nesta página, divulgam-se os principais eventos relacionados ao grupo. São eventos que acontecem em diversas localidades do país e que carregam temáticas pertinentes ao grupo. Normalmente são festas em clubes, com temas envolvendo o universo de cultura pop.

Figura 48 - LDRV Party



Fonte: acervo do autor.

LDRV Store: página em que divulgam-se alguns produtos que podem ser encontrados no site oficial do grupo

Nesta seção divulgam-se produtos com expressões, termos, piadas e memes que fazem parte do universo do grupo, transformadas em produtos para serem adquiridos.

Figura 49 - LDRV Store



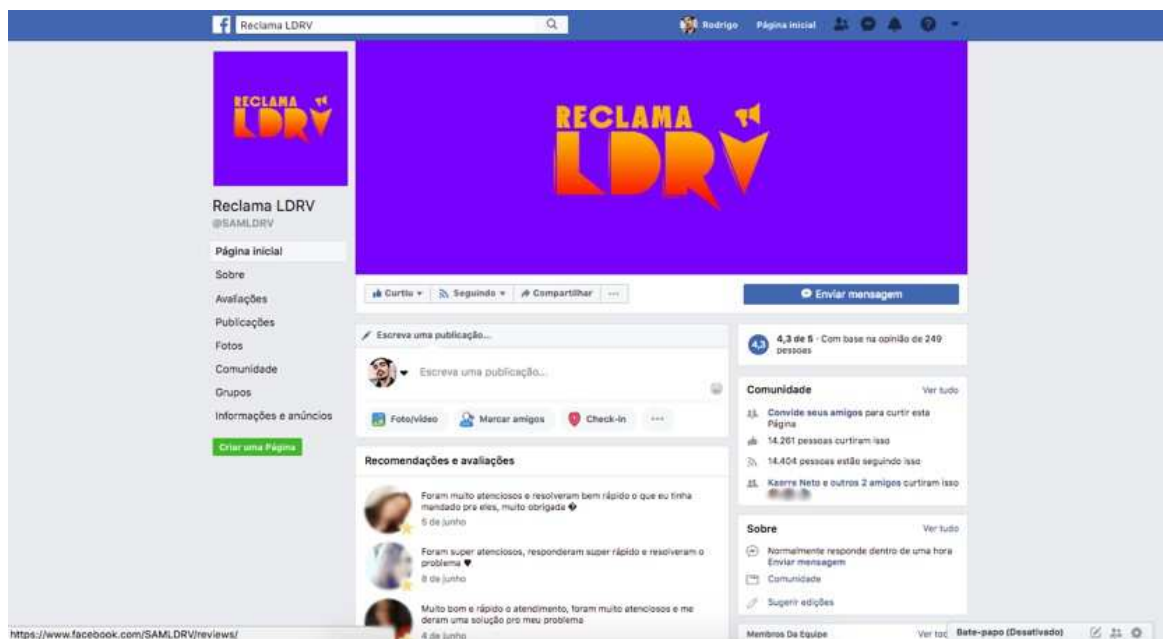
Fonte: acervo do autor.

Reclama LDRV: “Serviço de atendimento ao membro LDRV”

Esta página funciona como um portal de atendimento aos membros do grupo e traz informações “institucionais” sobre a comunidade. Sobretudo, assume a função de ser um canal para realizar reclamações (seja por comportamento, infrações, banimentos etc.).

Curiosamente, por ser um canal de atendimento ao membro que busca resolver problemas de quem está no grupo, há uma tentativa de organizar e institucionalizar a comunidade. Por outro lado, também se mostra uma abertura de conversação com os membros, para além dos administradores e moderadores. Sendo um meio de informação e dedicado aos membros, essa página apresenta relevância para entender como o grupo foi criando maneiras para atender as demandas internas.

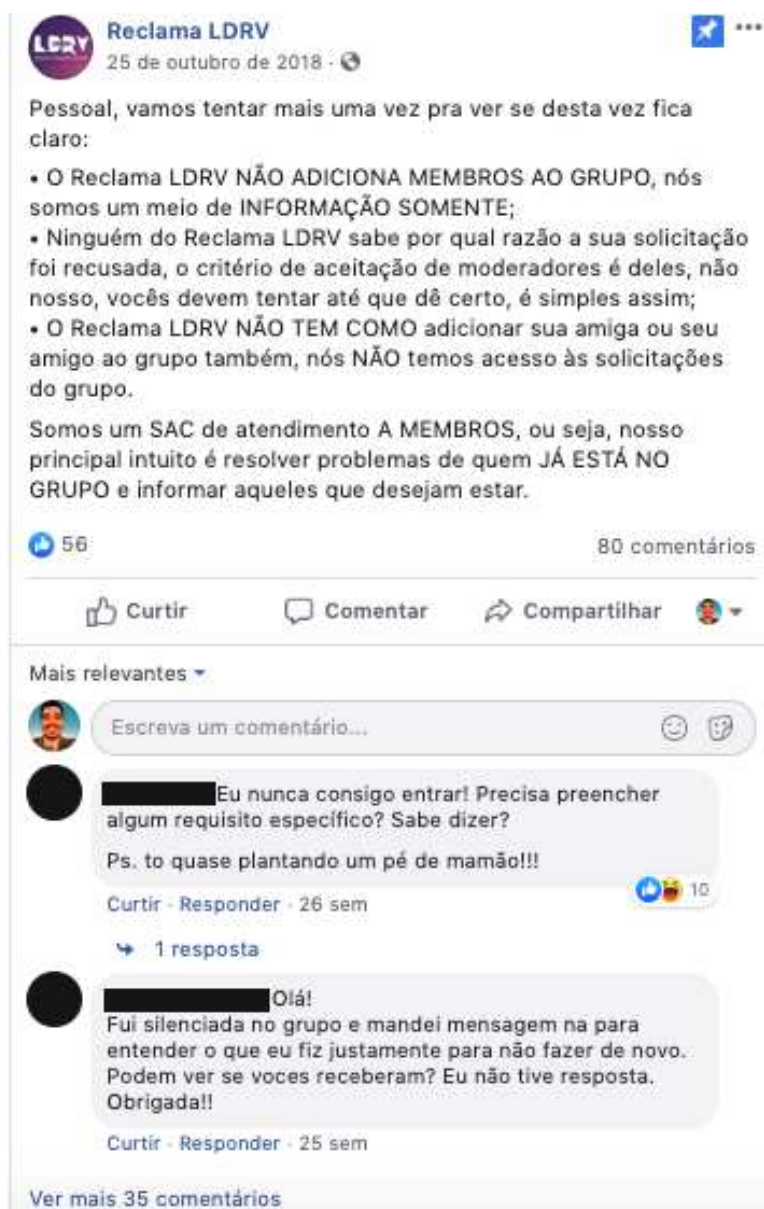
Figura 50 - Reclama LDRV



Fonte: acervo do autor.

Contudo, nas análises notei que não há um grande engajamento nas publicações da página (caso comparemos ao número de membros da comunidade) e, também, há uma necessidade rotineira de esclarecer o serviço que a página presta aos membros. Aparentemente há uma confusão sobre a página ser dedicada aos já membros do grupo ou pessoas que tiveram problemas para entrar no grupo.

Figura 51 - Publicação da página Reclama LDRV



Fonte: acervo do autor.

No exemplo acima, a página tem a necessidade de explicitar que não serve de canal para adicionar membros ao grupo e não atende a pedidos de sujeitos que ainda não estejam (ou queiram estar) na comunidade. Funciona como um serviço que é preocupado justamente em resolver os problemas de quem já está no grupo, logo, a sua preocupação é com a comunidade em si. A existência desse meio de resolução de problemas dos membros revela uma tentativa da comunidade em se organizar para resolver os embates e necessidades internas.

Além destas ramificações em formatos de grupos e páginas, existem perfis em outros sites de redes sociais que continuam sendo ligados à comunidade. É o caso dos perfis no Instagram, Twitter e LinkedIn (conforme apresentados nas figuras 52, 53, 54 e 55).

@ldrvstore: é um perfil na rede social Instagram dedicado aos produtos da loja oficial do grupo. Nele são publicadas fotos promocionais e também de atores sociais que adquiriram os produtos.

Figura 52 - Perfil no Instagram LDRV Store



Fonte: acervo do autor

@grupoldrv: é considerado o perfil oficial do grupo no Instagram. Nele são publicados *posts* que “vingaram” no grupo do Facebook. Observo de maneira geral uma adaptação do conteúdo para um formato mais visual, o que é esperado, tendo em vista as características desse site de rede social. Normalmente essa “remodelagem” é feita através de uma montagem imagética, sobrepondo o texto da publicação sobre a imagem utilizada.

Figura 53 - Perfil no Instagram LDRV



Fonte: acervo do autor

Além das ramificações no Instagram, existe um perfil oficial do grupo no Twitter: @ldrvgroup. Nele, são feitas publicações com produtos de humor (normalmente de cunho satírico ou debochado), geralmente atrelado à cultura pop e utilizando memes/gifs da internet que façam parte do repertório da comunidade.

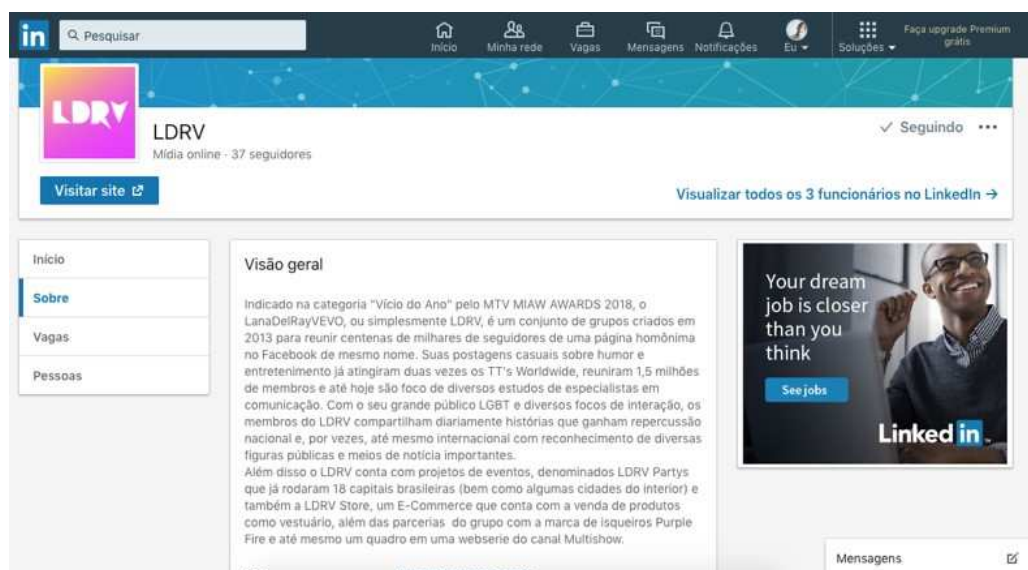
Figura 54 - Perfil no Twitter LDRV



Fonte: acervo do autor.

O perfil no LinkedIn da comunidade apresenta de forma bastante sintetizada o grupo e suas ramificações. Enquadra-o numa categoria de mídia on-line e também evidencia uma organização preocupada em ser bastante profissionalizada, tendo em vista que a proposta dessa rede social é ser justamente um lugar onde profissionais e empresas possam interagir a respeito de parcerias e oportunidades de negócio e emprego.

Figura 55 - Perfil no LinkedIn LDRV



Fonte: acervo do autor.

Constato, através destas ramificações, que existe uma preocupação por parte dos administradores e moderadores em manter uma organização a respeito das temáticas tratadas em cada um dos grupos, bem como no grupo principal.

Neste caminho, aponto como uma evidência a necessidade de responder a questionários para fazer parte desses grupos (logo no ato de solicitar participação), o que significa que as respostas são avaliadas antes da possível entrada. Esses questionários se diferem de um grupo para outro, mas normalmente procuram evidenciar o propósito, regras de comportamento e como é o funcionamento do grupo. A análise de respostas por si só já demonstra que há uma certa “peneira” de quem pode ou não entrar, tendo em vista que não há interesse em adicionar membros que não estejam de acordo com as características de cada grupo. Cada ramificação aciona lógicas próprias, regidas pelo seu eixo-temático e também pela cultura de participação dos membros, diferenciando-se umas das outras.

Ser membro do grupo principal não significa fazer parte de todos os *spin-offs* (ou ser aceito em). Assim como, fazer parte de um *spin-off* não significa fazer parte do grupo principal. Existe aí uma diversidade entre os próprios membros, que não se reduzem a uma ou outra característica. Para o arranjo LDRV essa riqueza interna é de extrema importância, pois mostra como a comunicação entre sujeitos tão diversos é o elemento que aciona um eixo articulador nessas idiosincrasias.

Constituir-se como algo ramificado, distribuído conforme a sua grandeza e diversidade de indivíduos é, na verdade, uma maneira de se organizar como um espaço aberto às singularidades e interesses. A lógica de ter subgrupos, nesse sentido, é uma forma de garantir a existência múltipla e evitar uma estereotipia ou homogeneização dos sujeitos.

Mas como essas ramificações agregam na constituição do arranjo? Essa lógica de subdivisão contribui para a configuração na medida em que possibilita a construção de um outro espaço, que se situa entre o grupo principal e absoluta farofa das redes, sendo uma saída para discussões específicas sobre o que os sujeitos se interessam, mas ainda numa matriz comunicacional ao LDRV. Isso quer dizer que esses grupos temáticos se constituem a partir de uma experimentação, essencialmente comunicacional, em lidar com a diversidade de características dos membros da comunidade.

4.3.3 A galáxia LDRV: mundos diversos em interação

Esse conjunto de extensões do LDRV por si só já revela a divergência de interesses que os atores têm dentro do grupo. Por existirem questões reivindicadas tão distintas, aparece a necessidade de dar vazão ao que tais interesses buscam. Essa ação poderia resultar numa simples exclusão dos gostos que não seriam tão interessantes para o LDRV, entretanto, o que se observa é um ajustamento entre as dessemelhanças. Esse ajustamento, diferente de uma exclusão, se configura a partir de uma inclusão dos interesses diversos, materializados nas ramificações do grupo.

A criação de páginas públicas e perfis em outros sites de redes sociais (como Instagram, Twitter, LinkedIn) parece ser uma operação de interface da intimidade do grupo com o contexto das redes. Nesse caso, mesmo os contratos estabelecidos não são capazes de dar conta do resguardo do que acontece internamente no grupo.

O que fica evidente é que mesmo nesse conjunto de atores com interesses em comum existem discrepâncias. Isto é, mesmo dentro do grupo principal, onde inicialmente se compartilham interesses em comum, existem divergências. São diferenças que se revelam nas configurações de subgrupos tão diversos.

Esse conjunto de processos, construídos a partir das operações e que dão a ver as lógicas do grupo de se ramificar, abrem espaço para um local bastante profícuo para exercício da individualidade de pequenos coletivos, mesmo dentro do conjunto maior do LDRV, e isso é bastante importante, tendo em vista o atual contexto social brasileiro. Esses espaços funcionam como elemento estimulador para que as várias características desses sujeitos não sejam reduzidas, bem pelo contrário, celebradas. Articulá-las, no arranjo interacional do LDRV, significa criar uma política de reconhecimento da pluralidade de interesses dentro do próprio grupo.

Se olharmos para o cenário brasileiro de polarização, extrema hostilização e brutal violência moral e física contra as minorias sociais (LGBTQ+, negros, mulheres etc.), o que essa lógica faz é estabelecer uma relação que se opõe a essa conjuntura, caracterizando-se como um comportamento ativista dos direitos desses sujeitos. Mesmo caracterizada em não-dizeres, essas ações não são neutras, e configuram como essa política do LDRV é, de fato, praticante do reconhecimento da diversidade, abraçando-a.

O que o grupo faz é essencialmente a ação contrária de uma estrutura polarizante: reconhece os membros pela sua extensão de características. Não há uma redução do outro, mas

um arranjo entre as diferenças, fruto da ação comunicacional. E é esse tipo de trabalho que põe o grupo numa relação curiosa com o contexto social brasileiro, uma vez que não se recusa a diversidade. Essa não recusa acaba se concretizando em ramificações do LDRV, que, com lógicas próprias, muitas vezes se diferenciam drasticamente do grupo ao qual se derivaram.

Nesse sentido, o próprio grupo se constitui como uma experimentação que é, em parte, política. Ao se configurar de tal maneira, esse conjunto de extensões do LDRV ensaiam um tipo de estrutura interacional que foge à curva de comportamentos que vão se consolidando à medida que são protagonizados por um grande conjunto de pessoas no contexto social. Essa característica experimental, no entanto, não prefigurou de um dia para o outro, mas está atrelada ao desenvolvimento ensaístico das gerações do grupo.

É evidente que o LDRV não se constitui como um grupo ativista que tem como propósito único discutir sobre os direitos dos sujeitos LGBTQ+. Porém, essas ações contêm uma força simbólica representativa que ultrapassa o que, às vezes, somente fica no dito. E é por isso que abraçar a heterogeneidade dos membros, criando grupos temáticos, prefigura-se como uma prática ativista de exercício das identidades.

Esse arranjo nodal, composto por pequenos mundos em interface, é resultante justamente da experimentação do dispositivo. Isso quer dizer que a estrutura de polarização social, tão visível no contexto brasileiro, nesse arranjo não é estruturante das interações, uma vez que a ação comunicacional é engendrante das diferenças entre esses indivíduos.

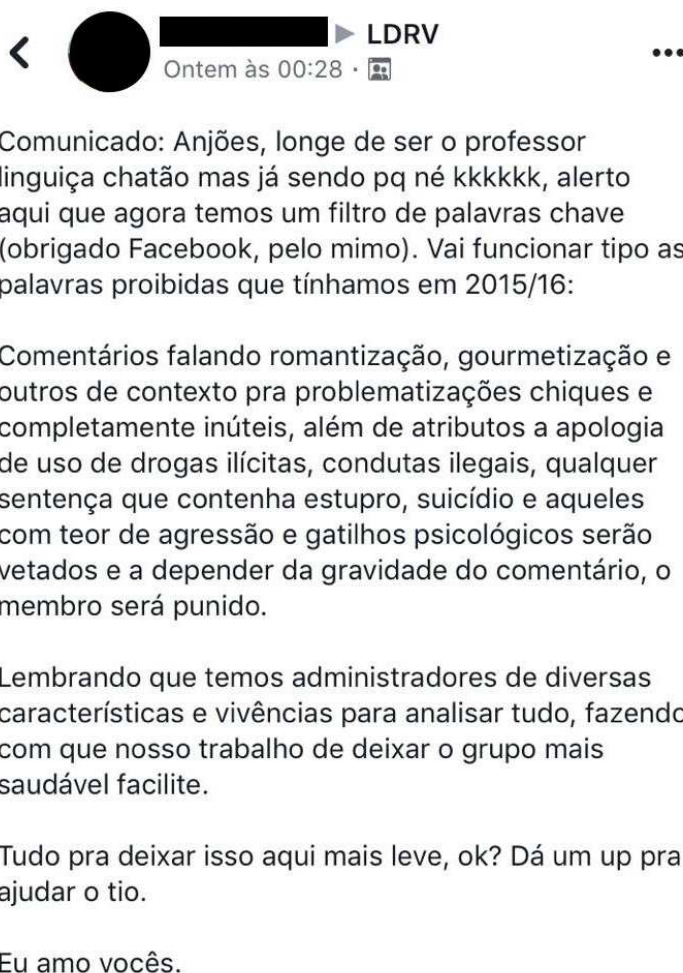
As lógicas interacionais destes subgrupos com o grupo principal não são unidirecionais, isto é, não partem exclusivamente do grupo principal em direção aos subgrupos. Existem também operações nestes subgrupos que acabam afetando ao grupo principal ou, até, outras ramificações. Esse é o caso de algumas *tours*, publicadas em ramificações do LDRV, que acabam sendo trazidas para o grupo principal ou para a página oficial do grupo no Facebook/perfil no Instagram por serem engraçadas, ainda que estejam atreladas a temática específica do subgrupo em que foi originalmente postada.

4.4 O MEIO FACEBOOK QUE CONSOME O GRUPO

Durante o trabalho, tentei expor e mostrar a apropriação que os sujeitos fazem sobre a ferramenta Facebook. Porém, no decorrer de escrita da dissertação, durante as observações, também notei um sintoma que se mostrava como algo importante a se trazer para as análises,

que é algo da ordem da própria plataforma tentando consumir (ou se apropriar?) do que os atores sociais fazem.

Figura 56 - Post de criador do grupo



Fonte: acervo do autor.

A imagem acima é de um *post* publicado pelo criador do grupo, descrevendo que agora (em 2019) a plataforma Facebook está implementando, em fase de testes (no próprio grupo), uma ferramenta que faz algo parecido com o que o grupo já fazia em meados de 2015/2016. A ferramenta em questão é um filtro de palavras-chave, que consiste em dar aos administradores o poder de ver em tempo real palavras que forem proibidas sendo enunciadas no interior do grupo. O que muda com essa ferramenta, basicamente, é que podem ser acompanhadas, em tempo real, interações que tragam esses enunciados proibidos, e assim o administrador pode avaliar que atitude tomar em relação àquilo que foi dito.

Essa ferramenta, evidentemente nova dentro das possibilidades técnicas de administração de grupos no Facebook, parece tomar emprestado algo que já era realizado pelo próprio grupo LDRV. A utilização de “palavras proibidas” já era uma tática realizada pela administração da comunidade em 2015/2016, embora executada manualmente, era utilizada para perceber e avaliar quando algumas publicações/interações seriam permitidas ou não. A proibição dessas palavras não acontecia por um simples capricho, mas sim por entender que a sua utilização (levando em consideração o contexto), não estaria de acordo com o propósito da comunidade. Procurar por palavras-chave era uma operação para detectar mais facilmente quando estariam acontecendo interações que não se enquadram ao que é esperado no grupo.

Esse teste que o Facebook está fazendo no LDRV faz parte de uma série de atualizações e adaptações da plataforma como um todo. Desde que anunciou o seu reposicionamento, trazendo centralidade para os grupos na plataforma, o Facebook vem fomentando um diálogo sobre espaços privados e públicos, entendendo os grupos como espaços que oferecem certa privacidade e proximidade aos usuários do site de rede social. Esse remodelamento da plataforma vai desde a criptografia dos dados até diretrizes morais de tratamento dos dados pelos próprios desenvolvedores, mas o que interessa aqui, para além das novas funcionalidades que são agregadas, é justamente aquilo que o Facebook “vê” os usuários fazendo e se apropria disso.

Esse tipo de atualização é comentada em conferência, transmitida em vídeo na página *Facebook for Developers* (2019) no Facebook, por Mark Zuckerberg (um dos fundadores da plataforma), em que anuncia que o “futuro é privado”. Essa frase é bastante emblemática na medida em que relembra as já tão difundidas críticas sobre a posse que o site de rede social tem sobre os dados de seus usuários. Mas o que Mark anuncia é um tipo de visão para a empresa que também esteja focado em trazer, em alguma medida, privacidade para os usuários, o que acaba implicando principalmente nos grupos, uma vez que agora eles estão no centro da plataforma. Essa relação é interessante, uma vez que se fala em privacidade numa lógica de visibilidade plena.

Corroborando com as falas de Mark, Fidji Simo, chefe do aplicativo do Facebook, na mesma conferência diz:

Comunidades diferentes têm necessidades diferentes. De comunidades construídas sobre circunstâncias específicas, como condições de casa, ou interesses como jogos, ou sobre um bairro, ou até um propósito comum, tipo achar um emprego ou fazer compras. Necessidades diferentes para comunidades diferentes.

(...)

Nos últimos anos, também vimos **usos criativos** que as pessoas fizeram tanto de grupos de compra e venda como do Facebook Live para vender itens. Então para facilitar, vamos explorar maneiras de permitir que os compradores façam perguntas ou até encomendas no *stream* ao vivo. (F8 2019 Day 1 Keynote, 2019, grifos nossos).

Acho interessante trazer para o diálogo essa fala de Fidji, pois nela percebo a importância dos usos sociais para a própria plataforma se adaptar. Sabendo que as comunidades têm necessidades diferentes (por serem diferentes), e que as pessoas fazem usos criativos das ferramentas da plataforma, fica claro como a incorporação de algumas dessas apropriações é valiosa para o Facebook, uma vez que vai tornando-o cada vez mais “refinado”.

Isso se concretiza no LDRV, quando é perceptível que o que era feito antes manualmente, agora a plataforma se apropria, e procura trazer para as suas próprias lógicas. Há aí um consumo das apropriações que os sujeitos fizeram, revelando uma preocupação do próprio Facebook em tentar absorver aquilo que muito diversificadamente a sociedade faz sobre ele.

Essa pista que obtive me levava a uma pergunta latente: quem se apropria de quem? Como heurística, essa pergunta não fazia pensar sobre o que constatava, uma vez que poderia chegar numa tautologia de tentar “descobrir quem veio antes” (aqueles que se apropriam do Facebook ou o próprio Facebook que se apropria daquilo que fazem dele?). Mas, ultrapassando essa reflexão primeira, compreendi que aqui se desvelava justamente a circulação, numa perspectiva diferente. Se antes comentei que a natureza da circulação é justamente os meios serem absorvidos pouco a pouco pelo tecido social, aqui o meio, sabendo que será consumido, se adapta e traz para si algumas das apropriações feitas pelos atores sociais. Isso significa que, tendo em vista a própria sobrevivência e manutenção do meio, há uma adaptação aos modos variados que a trama social se apropria do Facebook. Essa adaptação leva em conta uma gama de *feedbacks* feitos sobre os usos e apropriações como, por exemplo, neste caso, dos membros do LDRV. Assim, o próprio Facebook toma posse e experimenta o que já foi feito sobre ele e torna mais “refinada” a sua ferramenta grupos. Fausto Neto (2018) aponta que uma característica da circulação é que ela é lócus de engendramentos de macro e microprocessos, o que inclui as transformações sociotécnicas, como é este caso. As transformações sociotécnicas, segundo o autor, são um dos marcos do funcionamento transversal da midiaticização em processo.

Esse movimento estratégico, de observar os usos criativos feitos sob a plataforma e se apropriar disso, traz à tona marcas do processo de fagia midiática (ROSA, 2016b). Diante disso, o meio Facebook deixa de lado um lugar onde apenas ele é apropriado e, na medida em que consegue entender o fazer social, se adapta. Aqui, esse meio começa a “devorar” o que é realizado sobre ele, ação essa que permite uma certa manutenção na sua capacidade inovativa ou, também, uma quebra com padrões de distanciamento entre o fazer social e os avanços sociotécnicos. A fagia midiática é o próprio meio consumindo e digerindo aquilo que os atores sociais midiaticizados produzem no espaço coletivo do grupo (ROSA, 2016b).

Ainda sobre a pista anterior coletada, dentre a grande maioria de comentários que concordavam com a publicação, um se destacou nas análises pela sua criticidade:

Figura 57 - Comentário



Fonte: acervo do autor.

O comentário faz alusão ao contexto político, em que diversas atitudes do atual presidente Jair Bolsonaro são comparadas ao período de ditadura militar. Dizer que “*se fosse o Bolsonaro vocês estariam chamando de ditadura*” é comparar essa ação da administração do grupo a uma arbitrariedade típica de regimes ditatoriais. Utilizar “*bol sonario*” como exemplo é aludir as já tão difundidas críticas ao governo. A réplica à resposta, por sua vez, é direta quando diz: “*ué vaza então*”, esclarecendo que, caso não esteja satisfeito(a) com as regras do grupo, o(a) membro pode deixar a comunidade a qualquer momento.

Esse episódio parece estar relacionado à noção de não suficiência dos códigos compartilhados, apontada por Braga (2013). Isso quer dizer que, embora exista um arsenal de regras, regularidades e práticas que possibilitem uma mútua compreensão e, possivelmente, ação comum entre os membros do grupo, ainda há uma lacuna de imprecisão dos códigos, o

que abre espaço para reinterpretações desses processos compartilhados, como neste caso, da possibilidade de se ter novos recursos técnicos à serviço das regras já postas no grupo. O autor sinaliza que “há sempre uma regra externa que pode ser requerida para a interação” (BRAGA, 2013, p. 161), indicando que nem sempre o compartilhamento de códigos acontece em equilíbrio entre os participantes dos episódios interacionais.

Mas esse tensionamento abre um debate instigante para as análises dos observáveis. A crítica para a possibilidade dos administradores de filtrarem palavras-chave e acompanharem aquilo que os membros enunciam se funda numa perspectiva bastante difundida de absoluta horizontalidade em ambientes digitais e que, portanto, não existiriam (ou deveriam existir) sujeitos com mais ferramentas do que outros.

Essa possível horizontalidade (todos-todos) já foi tema largamente estudado e debatido nos primeiros estudos sobre a internet. Habitava aí uma certa utopia de tendência à democratização, no sentido de que a partir da capacidade de todos produzirem conteúdos, discursos etc. haveria um pé de igualdade entre os sujeitos. Entretanto, o que se vê é que essas mesmas condições que norteiam os sujeitos para um ilusório nivelamento constituem uma realidade propícia para a disseminação de discursos anti-igualitários, de ódio e notícias falsas. O que grupos como o LDRV mostram é que mesmo em ambientes que prezam por valores de respeito, direitos humanos etc., é preciso que haja regras (verticalidade) para que a comunidade possa se manter.

Assim, proibir sentenças através dessa nova ferramenta técnica (mas que já era uma estratégia dos administradores) que façam apologia a drogas ilícitas, condutas ilegais, estupro, suicídio, teor de agressão e/ou gatilhos psicológicos é bastante justificável, tendo em vista o propósito da comunidade. O que também chama atenção nessa atividade da administração é a noção de “problematização chique” - que através das palavras “romantização” ou “gourmetização”, indica um combate a problematizações consideradas desnecessárias.

A “problematização chique”⁶⁷ é uma crítica às exacerbações dentro movimentos de luta por reconhecimento (sejam LGBTQ+, negros, mulheres etc.), ou, das apropriações que se fazem sobre esses movimentos. Se, por um lado, existe a necessidade cada vez mais evidente de protestar e lutar pelos direitos desses sujeitos, por outro, o grupo entende que existem problemas internos nesses movimentos. “Romantização” ou “gourmetização” são palavras

⁶⁷ Sobre isso, a página no Facebook “problematizações chiques” traz alguns exemplos de publicações desse tipo. Disponível no link: <<https://www.facebook.com/problematizacoeschiques/>>. Acesso em: 19 out. 2019.

usadas normalmente para produzir algum tipo de complexificação entendida como desnecessária, de ordem pequena e pontual. Longe de negar a diversidade dentro do próprio movimento ou a veracidade de cada grupo lutar por suas diretrizes, essa crítica é enfática quando entende que, mesmo dentro dessas lutas, existem excessos desnecessários, tendo em vista que aqueles que estão ali já são politizados sobre as lutas desse grupo social.

O fato é que o processo social de se apropriar do meio não é somente estruturado pelas agências técnicas das ferramentas do Facebook, mas é também estruturante da plataforma, na medida em que o próprio meio percebe e se adapta aos modos criativos que os usuários acionam as suas inteligibilidades.

4.5 DESFECHO DA *TOUR*: AS LÓGICAS ESPECÍFICAS DE MEDIATEZAÇÃO E O EXERCÍCIO DO ARRANJO

Longe de ser um capítulo de conclusão, esse momento do trabalho é uma tentativa de tecer algumas considerações transversais sobre o caso investigado. A pesquisa não se conclui nestas linhas, uma vez que os saberes e dúvidas extravasam este texto. Mas o objetivo, aqui, é extrair apontamentos de conjunto, resultantes do esforço de reflexão.

Ter a mediação como orientação teórico-epistêmica para pensar o cenário de transformações sociais significa perceber que as suas lógicas passam a atravessar a performance de tais práticas o que, inclusive, envolve as diversas experimentações emergentes tanto de saberes já institucionalizados quanto dos atores sociais mediados (XAVIER, 2014). Isso significa que é no seio dessas transformações que as lógicas de mediação se dão a ver, uma vez que são elas as novas dinâmicas de inteligibilidade que, de uma forma ou de outra, estruturam esse novo modo de se perceber no mundo (GOMES, 2017).

As lógicas de mediação, para Braga (2015) são, por natureza, processos tentativos, uma vez que as lógicas já instituídas são as da mídia. Estas, já fixadas, derivam de um longo processo temporal de práticas que geraram padrões institucionalizados no campo dos media, configurado em grande parte como processo econômico-empresarial. Processos tecnológicos se encontram aí como parte elementar, uma vez que definem, em alguma medida, ações e práticas que se fazem através de seus recursos.

Contudo, as lógicas de mediação não se reduzem a tais processos. O desenvolvimento de lógicas outras, através de processos experimentais, por diversos setores

sociais – que em muitos casos podem até mesmo se opor às lógicas da mídia já instituídas – fazem parte do processo de mediação. Nessa perspectiva de Braga (2015), é preciso ter em mente que as lógicas de mediação são mais plurais, diversas e múltiplas do que as lógicas da mídia. Ainda assim, não significa ter uma recusa da presença das lógicas midiáticas, pelo contrário. Sabe-se muito bem da duração e impacto de tais lógicas, uma vez que elas também podem ser apropriadas nas experimentações das lógicas de mediação. Há, sim, uma forte incidência, no entanto, não é ela que caracteriza a completude desse fenômeno.

Sobretudo, o que aparece como característica mais pujante é o caráter tentativo das lógicas de mediação. Isto é, o processo de invenção, teste, descoberta e criação de lógicas outras, que podem se opor, se apropriar ou redesenhar as já midiaticamente instituídas, na verdade parece ser um modo de funcionamento do próprio fenômeno de mediação.

Assim, a investida de buscar compreender as lógicas específicas de mediação em experimentações no arranjo interacional constituído no grupo LDRV não é em vão: entender sobre o funcionamento desse sistema de inteligibilidade é também uma maneira de compreensão sobre como a própria sociedade está se reorganizando. Dinâmica essa que supera a necessidade de um debate de diferenciação entre o que é considerado um ambiente off-line ou on-line, porque esse tipo de invenção social mostra como a própria sociedade já está permeada por diversas experiências sociais em que esse tipo de distinção já nem se configura como um ponto importante de discussão, justamente pela intensificação do processo de mediação. Olhar para esse grupo vai além do que apenas considerar os usos dos meios, antes, serve como uma lente para ver aspectos de sociabilidade contemporâneos – como nos comportamos em sociedade – e o próprio atravessamento da mediação na remodelação da cultura. Nesse cenário, os dispositivos interacionais mediados condensam algumas maneiras que a sociedade encontra para “dizer sobre si” (XAVIER, 2014) e também dão a ver sobre a própria comunicação. Logo se mostram como marcas peculiares dessa ambiência.

O funcionamento do LDRV, como pode ser visto, se dá no enfrentamento de três grandes desafios. O primeiro se centra na articulação das variedades entre os sujeitos, sendo que é esta negociação entre as diferenças que permite que, apesar de existir uma série de idiosincrasias, elas não sejam desordenadas. Embora cada sujeito tenha um conjunto de características particulares, é o comum interesse em fazer parte do arranjo que permite uma articulação entre os atores.

O segundo é próximo ao primeiro, mas trata-se de uma busca por relativa estabilização na articulação entre regras, regularidades e estratégias, compondo um jogo social favorecedor de um espaço criativo. É interessante nesse desafio que o que se desvela não é uma mediação

feita pelos administradores pautada por uma autoridade antidemocrática e absolutista, mas sim, um processo relacional entre dependência e independência, liberdade e contenção, criação e subversão. Essa relação não se explica unicamente pela possibilidade mediadora que os atores da administração e moderação do grupo possuem, tampouco pelo agenciamento técnico. É preciso levar em consideração o processo interacional como gerador de espaços de comum acordo, tendo em vista o propósito e situação em que é objetivado.

O terceiro desafio enfrentado é a articulação do grupo com o contexto que está inserido. O LDRV não é descolado da realidade e por isso é preciso saber se comunicar para além de sua própria organização interna, o que exige que a comunidade estabeleça interfaces com outras formas de inteligibilidades sociais. Assim, acabam se constituindo relações bastante curiosas, que vão desde ações de interface do grupo com o que está fora dele (como, por exemplo, as páginas e perfis oficiais do grupo no Facebook e fora dele), até operações de firmamento das práticas do grupo em relação as que já são conhecidas e estabilizadas nos ambientes de rede.

Nesse sentido, é importante dar atenção ao modo de relacionamento que este grupo estabelece com o cenário social em que está inserido. O conjunto de relações que o grupo assume com aquilo que está ao seu entorno, mesmo não sendo intencionais, acabam dando a ver uma certa forma de pensar a própria comunicação do arranjo. Isto é, o contexto de hostilidade com as diferenças⁶⁸ não se reflete na estrutura desse grupo, e acaba se constituindo de forma diferente. Isso quer dizer que o grupo não se polariza frente a outras estruturas, portanto, não busca se constituir através de uma única característica, e exatamente por isso que é importante compreender como a realidade específica do LDRV se articula com a ambiência geral da sociedade.

A relação do arranjo com essa ambiência polarizadora não é pautada por uma “medição de forças”. É através do humor que esses sujeitos encaram a realidade de outra maneira, não sendo submetidos ao jogo polarizador. É bem verdade que não se pode dizer que esses atores conseguem efetivamente “escapar da realidade” uma vez que o próprio grupo está imerso nesse caldo cultural, mas é curioso pensar que mesmo submerso é possível encontrar inteligibilidades que não são reflexo direto do contexto em que estão.

Por outro lado, as trocas do arranjo com o ambiente se caracterizam em grande parte num fluxo que sai do grupo e emerge no contexto de redes. Isso significa que o que sai de um contexto de redes e vai para o grupo (fluxo contrário, portanto) acaba não tendo uma certa

⁶⁸ Esse contexto, em grande parte político, é de comum conhecimento. Trata-se de um cenário de violências simbólicas, estruturais, físicas e psicológicas contra tudo aquilo que é “diferente”.

característica única do LDRV (no sentido de ser algo peculiar, do grupo), por isso, pode-se dizer que há uma maior ‘exportação’ do que ‘importação’ de conteúdos. O grupo parece desempenhar um papel essencialmente gerador e não de replicação, o que o faz, inegavelmente, fugir da lógica do consumo fágico.

A estrutura do meio que sedia o grupo desempenha um papel chave para a comunidade. É ela que agencia a possibilidade desse grupo se constituir naquele espaço, porém, o arranjo interacional não se restringe a isso. O meio possui lógicas próprias e, nesse sentido, não é neutro enquanto estrutura. É importante esclarecer que a tecnologia tem seu lugar na constituição desse dispositivo, mas não se estabelece como direcionador único em sua composição.

As lógicas específicas do dispositivo LDRV emergem de uma relação entre os componentes que fazem parte desse conjunto. Atores, regras, propósito, códigos, debates e a própria forma do grupo se posicionar são elementos que dão corpo ao sistema, à matriz relacional desse arranjo. O caráter experimental dessas lógicas aponta para algumas características:

- a) O que torna o LDRV diferente de todos os outros grupos do Facebook (e que está atrelado a sua potência de gerar interesse em fazer parte do grupo) é a sua capacidade experimental. O objetivo das experimentações pode mudar de tempos em tempos (certamente mudou com o passar dos anos e irá continuar mudando), mas a intenção é sempre mesma: manter o sentido do jogo e o interesse dos participantes do arranjo. Isso significa que a força da matriz comunicacional desse grupo está justamente em não estar pronta, mas em ser continuamente negociada. Curioso isso: pensar que possivelmente o grupo só sobreviveu (e se aperfeiçoou) desde 2013 (quando nasceu) porque está constantemente experimentando maneiras de continuar fiel ao seu propósito sem que caia na repetição das redes.
- b) O exercício do arranjo parece ser inclusivo, neste caso. Mesmo a divergência é abraçada. As diferentes características de pequenos grupos dentro do grande conjunto do LDRV são articuladas, de modo que não se produzam estereótipos sobre quem são ou sobre em que se interessam os membros do grupo. Essa ação de não enquadrar o outro, pelos seus mais diversos interesses, é fundamental para o arranjo não acabar se estruturando como um lugar onde a polarização social incida diretamente.

- c) O humor também tem seu lugar nesse processo de experimentação. Por ser um lugar voltado para a descontração, que conseqüentemente gera um contra discurso, o grupo acaba criando lógicas em que a produção de humor e sátira sejam centrais. A originalidade desse tipo produção do LDRV é fruto justamente das experiências que são feitas sobre como produzir algo engraçado para a comunidade.
- d) As operações de apropriação são fundamentais para as experimentações. Isto é, a partir do momento que são tecidas lógicas que desafiam continuamente os participantes a criar/subverter ou se apropriar de códigos/lógicas do meio, para se criarem estratégias tentativas, é que as experimentações ganham corpo. A ação de se apropriar cruza diversas características do dispositivo: vai desde as regras (que sazonalmente podem se contrariar às lógicas do meio), até as operações de ramificação do grupo (que criam uma lógica de organização dos grupos que não é esperada pela própria plataforma). É nessa capacidade de subversão e criação que existe uma riqueza inventiva, de um fazer que não se condiciona por aquilo que está dado.

Essas características das lógicas (que mesmo listadas não tem a pretensão de abranger todas as perspectivas do objeto) não são distantes do desempenho do arranjo; pelo contrário, são elas que o fazem funcionar de tal maneira. O exercício não se resume a uma ou outra operação realizada separadamente, mas sim, ao conjunto: a matriz relacional que é estabelecida.

O LDRV, numa ambiência de redes, parece brincar com as lógicas midiáticas. Nesse sentido, o grupo assume uma capacidade de tomar para si e produzir as suas próprias lógicas, tendo em vista o que é proveitoso para a comunidade a partir delas. Isso significa que no interior do grupo existem interessantes ressignificações no que diz respeito a algumas práticas já consolidadas na cultura digital.

O objetivo de construir um lugar propício para a descontração encontra um desafio: a grande repetição de ‘produtos de humor’ nas redes. Partindo da perspectiva que ser engraçado é – também – ser original, faz pensar que, assumida tal problemática, se produz um jogo social, estruturado por uma série de regras e estratégias, que dão a ver as lógicas desse modo específico de construção do humor. Assim o grupo LDRV desenvolve um conjunto de táticas próprias para a construção de humor singular. O que é tentado, via processos comunicacionais, é um

exercício de estimulação criativa, que pode ou não aproximar os sujeitos via sentidos postos em circulação. A singularidade dessa elaboração criativa, expressa em *tours*, memes, comentários e tantas ações é resultado de um processo que é em grande parte inferencial. Estruturando-se à margem de padrões um tanto quanto estabelecidos nos sites de redes sociais – no que diz respeito a modos de construção do humor – o arranjo LDRV gera princípios de criatividade dentre os seus membros.

Pensar sobre essas características extraídas do conjunto e, principalmente, problematizar as operações a partir dos eixos analisados, ajuda efetivamente a enxergar algumas lógicas em processo que se tornam essenciais na constituição do arranjo. Já expus que um dos grandes desafios do LDRV é conseguir se constituir como um lugar que foge à curva, no sentido de fomentar a originalidade e negar a repetição. Enquanto lógica que se instala, essencialmente através das operações, esse processo busca criar uma ‘cultura’ de contra repetição no grupo.

Embora já tenha sinalizado sobre essa lógica em inferências pontuais na construção do caso de pesquisa, agora me parece que a percepção sobre ela está mais afinada. Entendo que ela se atualiza à medida que novas demandas do grupo vão surgindo. Isso quer dizer que, mesmo que os membros do grupo mudem ou que novos modos de construção de humor se instalem, ainda é necessário que se combata a repetição dos conteúdos, logo, essa lógica provavelmente vem sendo experimentada desde a primeira geração do grupo. Isso se dá em função de que conseguir construir esse lugar para ‘fugir da realidade dos tormentos cotidianos’ envolve se diferenciar das lógicas já instaladas, neste caso, as do próprio meio, onde a propagação repetitiva é altamente pregnante (no sentido de espalhamento, dos produtos que circulam repetitivamente). Por outro lado, para que as publicações sejam efetivamente engraçadas, demanda-se que algumas marcas de humor sejam abandonadas e outras sejam incorporadas em seu lugar. Ex.: frases escrachadas e repetidas não fazem sentido no grupo, uma vez que não há nenhum tipo de surpresa (e identificação) aí, apenas a previsibilidade. Conseguir extrair uma narrativa do cotidiano de forma satírica ou debochada, que gere algum tipo de identificação por parte daqueles que irão ter contato com a história, faz parte dessa lógica, porque é esse tipo de história – tão única – que normalmente não se encontra num ambiente de pura repetição – ou, nas palavras do grupo: na farofa.

A operação que parece ser mais evidente quando se trata dessa lógica é a ação de se ramificar, no eixo de experimentações do grupo. Isto é, ao se criarem pequenos outros grupos, justamente por saberem que são assuntos recorrentes (possivelmente repetitivos) e de interesse dos sujeitos, o grupo experimenta como reagir a algo que iria contra ao seu interesse. Soma-se

a isso, a operação de regramento que explicita o ‘*flood* do grupo’ como algo refutado pela comunidade. Nessas experimentações, instala-se essa lógica de combater a repetição, que inclusive também está ligada ao próprio processo geracional da comunidade.

É essa experiência de estar em contato com algo engraçado, mas ao mesmo tempo único, que é o objetivo dessa lógica. Instituir uma processualidade que seja contra repetição é favorecer um ambiente de criação e, ao mesmo tempo, dificultar a dispersão da comunidade em relação ao seu propósito.

Vale comentar também que ainda que o grupo negue a repetição, ele mesmo acaba se tornando alvo de esquemas repetitivos. O seu fazer acaba de alguma forma instalando regularidades em outras lógicas, que podem ser, inclusive, comerciais. Esse é o caso de campanhas publicitárias que buscam inspirações nos fazeres da comunidade, replicando de diversas formas e enquadramentos do que é feito no e para o grupo.

No eixo de gestão do grupo, percebi que algumas operações são essenciais para o exercício de governar o grupo: as regras que são instituídas e as práticas da administração da comunidade. Neste conjunto, o que emerge é uma lógica de negociação, que parte do que é instituído por aqueles que administram o LDRV, mas também é configurada a partir das estratégias tentativas dos membros. Isto é, esse constante ajuste se constitui como um processo em aberto e que, por isso, dá a ver uma lógica, por ter certa linearidade, no que diz respeito a sua forma de ser engendrada.

Mesmo ela sendo multiforme e complexa, à medida que o grupo foi se aperfeiçoando (através das suas gerações e também do que era experimentado) esse processo foi ganhando uma certa sequência. Em outras palavras: mesmo não sendo planejada/premeditada ela possui algum aspecto de linearidade/coerência no conjunto.

Essa lógica de negociação, percebida no eixo de gestão do grupo, pode ser vista em funcionamento nas operações de regramento e práticas da administração. Enquanto a lógica de combater a repetição se desenha mais num plano idealizado (no sentido de que é impossível conseguir tomar conta do que todos os sujeitos fazem no grupo, e em algum momento haverá repetição) a lógica de negociação é mais prática, porque é importante que as regras sejam explicitadas, enunciadas e colocadas em ação, assim como, adaptadas ao que os membros fazem. A lógica de negociação é o termômetro que mede quando uma nova regra precisa ser criada, uma antiga atualizada ou transformada, porque é através desse processo que o grupo vai sobrevivendo.

É importante também revisitar as análises do eixo das operações dos membros para entender que tipo de processo emerge daí. O que aparece como lógica é a forma de apropriação

sobre alguns códigos, a partir de sua reelaboração e ressignificação, para que estejam nas regras do grupo. Isto é, essa lógica de apropriação não é configurada por ações ocasionais ou dispersas, mas tecida por um certo modo de fazer que, por ser pertinente para o ambiente do grupo, acaba se instalando à medida que se torna frequente.

As operações de apropriação dos membros (que instalam uma lógica de apropriação), na verdade estão intimamente ligadas à lógica de contra repetição, uma vez que a própria existência de uma negação da repetição já indica que em alguma medida os sujeitos terão de se apropriar sobre algo para criar algo novo, quando já não o fazem do ‘zero’.

Ainda que nem todos os sujeitos efetivamente se apropriem para criar algo novo (certamente existem meras replicações, por exemplo), essa lógica é essencial para o funcionamento do arranjo, porque ela está atrelada diretamente à capacidade criativa dos atores. As marcas desses processos de apropriação ou subversão são resultadas das experimentações do grupo em como conseguir ‘ser único’ em meio a tantos outros grupos no Facebook.

Essas lógicas por si só são de mediação, uma vez que elas existem por conta dessa ambiência. Mas, além disso, elas se configuram como marcas da potência desse fenômeno, porque através delas é possível pensar sobre como diversos arranjos – das mais variadas ordens – estão sendo gerados, e como a questão comunicacional se coloca nas especificidades de cada situação.

É importante reforçar que as lógicas que são tecidas no LDRV evidenciam a própria mediação. Ao passo que olho para as lógicas enquanto processos, percebo que algumas características dão pistas sobre os modos de funcionamento desse fenômeno. Por exemplo: quando analiso o eixo de gestão do grupo, a lógica de negociação entre os atores envolvidos mostra como esse novo modo de se constituir enquanto grupo ou comunidade é engendrado na complexidade dessa nova ambiência. É bem verdade que desde o surgimento da internet comunidades não precisam mais necessariamente conviver no mesmo espaço físico para existirem, porém, não basta ser um *integrado* e apenas dizer que a tecnologia encurtou as distâncias; ou *apocalíptico* e se manter na constatação das comunidades que eram físicas e agora são transformadas pelos ambientes digitais, utilizando as expressões de Umberto Eco (2015). O fato é que existe uma dinâmica interacional que não só aproxima ou transforma, mas coloca esses sujeitos num trabalho de constante aperfeiçoamento dos acordos tácitos que são estabelecidos nesses modos de convívio em grupo. É na mediação que é possível enxergar como a formação desse agrupamento, por exemplo, não se dá apenas por uma questão de acesso, mas pelo processo de elaboração desse arranjo social.

Além das questões já expostas, é interessante comentar que a invenção desse arranjo interacional parece ser fruto, ou melhor, resultado, de certas questões que aparecem especificamente nesse momento histórico que estamos vivendo. O acirrado (e violento) contexto brasileiro com a diversidade, num primeiro momento não tem relação diretamente perceptível, mas as demandas e anseios dos atores envolvidos revelam que não só são tecidas relações, como também as próprias dinâmicas interacionais, acabam criando uma certa maneira própria de ‘ver o mundo’. Além disso, esse lugar, ancorado nessa tentativa utópica de se constituir como um ambiente onde é possível ‘esquecer os tormentos cotidianos’, também se configura numa dimensão em que o engraçado, o estranho e o diferente são horizontes que possibilitariam a concretização desse propósito. Se olharmos para uma ambiência de sociedade dos meios, é difícil imaginar a sobrevivência de um arranjo como esse, não só pelas diferenças tecnológicas entre um contexto e outro, antes porque nesse arranjo os atores são peritos em acionar uma série de lógicas midiáticas e colocar a trabalho de suas próprias experimentações, o que é uma marca bem evidente da midiatização em funcionamento. Isto é, a midiatização não é só contexto, mas é a própria desencadeadora desses modos de experimentar nas dinâmicas interacionais.

Transversalmente, essas lógicas específicas, que são produtos diretos das experimentações, revelam que o LDRV não se trata de apenas um grupo no Facebook. Trata-se de um arranjo interacional em constante formação que, apesar de ser arquitetado nas redes e, portanto, mobilizar a esfera tecnológica, não é sustentado por ela, mas por um processo social que tenta preencher uma brecha na vida dos sujeitos LGBTQ+⁶⁹: o de um lugar onde possam ‘fugir da realidade’ e rir com os seus. Isso dá um tom de proximidade, caracteriza esse arranjo quase como uma extensão da vida corriqueira, íntima, dos sujeitos.

Finalmente, a singularidade não parece estar na elaboração de uma atmosfera criativa – ela é quase uma consequência – mas no constante processo de reinvenção do jogo social e do espaço de comum acordo que acaba sendo construído no LDRV. O que se mostra é que esse é um exemplo claro de processo social atravessado pelas operações de midiatização que, comunicacionalmente, viabiliza o desenvolvimento de um arranjo interacional, ancorado em lógicas específicas.

⁶⁹ Ainda que existam também heterossexuais no grupo.

5. UM ÚLTIMO EDIT DA *TOUR*: PALAVRAS FINAIS

Mesmo nessa reta-final, depois de tantas páginas, parágrafos e linhas, acho importante fazer alguns comentários. O desafio, sobretudo nesse momento do trabalho, é traduzir em texto algo que é irrecuperável: a experiência com o objeto e aquilo que foi pensado a partir dela. Algumas questões certamente escapam, outras se materializam em inquietações que surgiram durante o processo – naturais, claro, tendo em vista que a pesquisa nasce dessas formulações e não de uma receita preparada – e, ainda, existem aquelas que ficam em aberto.

O desafio duplo de lidar com a complexidade da mediação e a do próprio objeto empírico não parece ser novidade se levar em consideração que nenhum outro caso de pesquisa nessa ambiência é simples. Mas, o que posso afirmar, é que a dinamicidade foi certamente um dos grandes desafios do caso de pesquisa mediado, porque o esforço de olhar para esse processo de invenção social em curso recai sobre escolhas e delimitações metodológicas, que evocam uma certa capacidade de se distanciar e se aproximar constantemente do objeto empírico e do problema de pesquisa. Ou seja, existe um trabalho criativo que é demandado pelo fazer da pesquisa.

É interessante retomar a proposta de problema de pesquisa, não para trazer uma resposta objetiva – o que não seria nada produtivo – mas para observar o quão aprofundada ela pode ter sido durante o trajeto da dissertação. A pergunta “de que forma as experimentações sociais, expressas em operações e códigos, dão a ver lógicas específicas de mediação no grupo LDRV formado no Facebook?” traz à tona que, a partir da preocupação com a especificidade das lógicas desse objeto, permitiu-se uma problematização do próprio engendramento da mediação. Em outras palavras, entender a especificidade possibilitou a produção de inferências sobre a própria tessitura desse fenômeno em circunstâncias que não envolvem a mídia de massa ou processos já culturalmente instituídos.

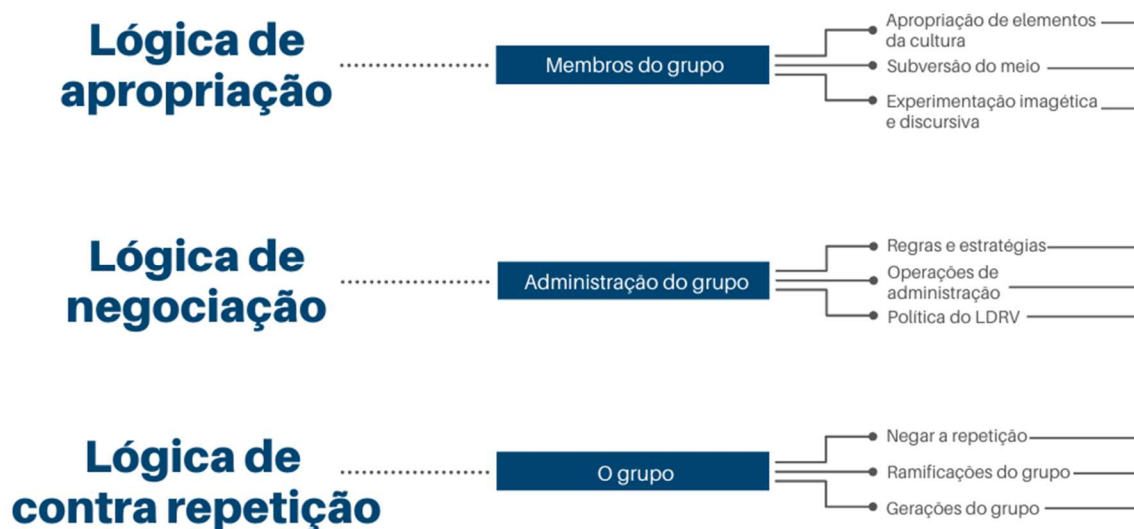
O que fiz, então, foi analisar três eixos do grupo LDRV, onde percebi que algumas lógicas processuais são essencialmente fruto de experimentações comunicacionais. Nesses conjuntos, constatei que uma série de operações e códigos são acionados tentativamente através de usos e apropriações e, através destas formas de experimentar, são compostas algumas lógicas que são fundamentais para o trabalho do arranjo.

Com essa tática metodológica o problema enfrentado foi, como já descrevi anteriormente, entender de que forma as lógicas de mediação se desenhavam nas experimentações da realidade específica desse arranjo. É verdade que termino esse ‘ataque’ ao objeto com uma certa capacidade de sistematização a partir dos procedimentos de análise que,

em alguma medida, possibilita enxergar que as lógicas de mediação não são pano de fundo, tampouco contexto descolado, mas as próprias provocadoras do desenvolvimento das maneiras de sociabilidade que esses sujeitos criam. As operações de mediação, mais concretamente, podem ser vistas na lógica de negociação, por exemplo, como uma interessante dinâmica interacional que constantemente elabora e reelabora os jogos sociais entre os atores. Já na lógica de apropriação, há que se levar em consideração como operação de mediação e, também, como próprio sintoma da circulação, o consumo que esses sujeitos fazem das lógicas do meio e da própria esfera tecnológica. Quando atento o olhar para as operações engendradas na logicidade de contra repetição, percebo que essa é uma maneira de efetivamente estabelecer esse lugar que foge à curva, o que significa que o grupo se diferencia ao negar lógicas do próprio lugar que sedia a comunidade.

Apresento a seguir um esquema que representa visualmente o engendramento das lógicas específicas do LDRV:

Gráfico 04 - desenho das lógicas⁷⁰



Fonte: acervo do autor.

Não há como dizer o que distingue uma lógica da outra, concretamente, porque na prática elas se misturam, se realizam concomitantemente, uma vez que, enquanto processos em aberto, não são realizados estrategicamente de modo a se distanciar e ser possível,

⁷⁰ Ainda que visualmente o gráfico acima possa atribuir um certo sentido de separação às lógicas, reitero que definitivamente não as vejo dessa forma. Enquanto processos em aberto, é no conjunto que há um aspecto linear, de logicidade. Mesmo nesse desenho condensador, algumas características ficam de fora, por ex.: olhar do outro / imaginário sobre grupo / características gerais do arranjo.

cirurgicamente, entendê-las separadamente. É no conjunto de relações do arranjo que as lógicas ganham sentido.

É possível, inclusive, a partir das especificidades desse arranjo – já explicitadas durante todo o trabalho – olhar para as lógicas desse grupo e pensar aspectos culturais sobre os próprios modos de ser e viver em sociedade, tendo como horizonte algum tipo de generalização. Ainda que desenvolver uma possível generalização não seja o objetivo central do trabalho, é produtivo extrair um certo tipo de abstração que consiga ser mobilizadora de perguntas e discussões sobre outros grupos.

Na medida em que outros grupos no Facebook desenvolvem as suas próprias lógicas, algumas das que foram vistas no LDRV, de alguma forma, podem estar presentes. A lógica de negociação, por exemplo, é bastante emblemática – mesmo se formos pensar em modos de convívios em comunidades físicas, que ultrapassam os grupos de Facebook – porque envolve, diretamente, adaptações/ajustes de convívio (que podem ser mais ou menos flexíveis, haja vista a especificidade de cada comunidade). Isto é, negociar é uma ação que possivelmente (e digo mais, provavelmente) está presente em outros grupos, como sendo uma estratégia que é fundamental para que tais conjuntos, das mais diversas ordens, consigam ‘sobreviver’ na ambiência de mediação.

Esse tipo de inferência faz avançar, também, para um possível olhar de abstração a partir das outras lógicas específicas desse arranjo. É pouco produtivo considerar que elas seriam transferidas tal qual para outros ambientes interacionais, entretanto, as logicidades de contra repetição e de apropriação encontram um certo eco na própria cultura digital – que inclui as práticas de grupos e páginas do Facebook. Traduzindo: ainda que não sejam engendradas de uma mesma maneira em outros coletivos, as operações que sustentam essas lógicas parecem tentar resolver necessidades que também eclodem em outros lugares. Não querer repetição ou se apropriar para oferecer algo para o convívio em grupo são características que emergem mesmo da cultura digital, na qual o bombardeamento de conteúdos repetitivos e a farofa das redes talvez já não supram aspectos de sociabilidade que os atores sociais buscam nos sites de redes sociais⁷¹.

Grupos de Facebook são indiscutivelmente atravessados por lógicas de mediação. Códigos, operações, usos, apropriações e experimentações são potencializados a todo

⁷¹ Essas inferências não significam, em absoluto, que existe um aspecto generalizador de todos os grupos no Facebook. Serve, na verdade, como uma tentativa especulativa de pensar sobre o lugar da idiosincrasia desse grupo em relação ao contexto onde ele está inserido.

momento. Isso envolve, inclusive, a emergência de um imaginário de grupo – o que é ser grupo? – que entra em embate, na circulação, com os imaginários sociais. Tal embate não é o conflito puro, mas de acolhimento, revisão, reorganização, em que o próprio grupo passa a ter uma força pregnante. Especificamente, uma situação é o imaginário que o grupo LDRV tem internamente, outra é o imaginário circulante sobre o grupo. Ambas perambulam e ao mesmo tempo abastecem o que se pensa sobre o LDRV.

A partir da incursão nas análises do objeto, tendo a pensar a circulação como um processo que está diretamente ligado às experimentações, uma vez que a partir da própria disputa de sentidos (FAUSTO NETO, 2018; ROSA, 2019) sobre o que é ‘ser um grupo’ que potencialmente surjam experimentações de diversos conjuntos com características e propósitos singulares.

Ainda assim me pergunto: qual o futuro desse arranjo? O que é necessário para que o potencial de tateamento e de experimentação desse arranjo também sejam desenvolvidos em outros lugares? O que as lacunas do próprio arranjo dão a ver? E, ainda, existem bordas-limites para a invenção social? Esse debate, evidentemente profundo, por ora não consigo desenvolver, mas em alguma medida mobiliza uma reflexão sobre a potência desses sujeitos no desenvolvimento desse arranjo. Nesse contexto de sociedade sendo atravessada pela midiaticização, que é significativamente complexo, é possível perceber como uma série de processos essencialmente estratégicos são construídos e colocados em prática para as mais diversas finalidades, como é o caso visto no LDRV.

Nesse sentido, uma impressão importante que emerge a partir das análises, é a do LDRV como um microambiente dentro da ambiência da sociedade contemporânea. Um certo refúgio protegido pelo código, acionado pelo “sistema”, mas criativo a partir de lógicas próprias configuradas na interação. Como um mundo à parte – um universo particular – testa/simula coisas que poderão ou não extravasarem o grupo e serem incorporadas em outros arranjos/dispositivos na sociedade como um todo. Existem aí duas situações: a) atores produzem voluntariamente suas criações subvertendo padrões e b) acabam, apesar disso, sendo tragados para o sistema que refutam como coparticipes no esquema tradicional da indústria cultural onde conglomerados como o Facebook ou a publicidade “consomem” suas criações e os enquadram para usos pensados no capital econômico – exemplo disso são as campanhas publicitárias de marcas como Skol e Grindr, trazidas anteriormente. Isto é, apesar do grupo tentar se blindar em suas regras/contratos, criar interfaces mediando o contexto das redes com o seu espaço interno e manter um sistema próprio de comunidade ele, ainda assim, tem seu

microambiente vazado, porque está na macroambiência da midiatização, onde a porosidade é marca.

Mesmo que se criem estratégias tentativas de, por exemplo, subversão do meio, diferenciação do arranjo em relação aonde ele está sediado etc., ele é estruturado pelo contexto cultural. Isso significa que, embora o universo particular LDRV tenha as suas lógicas próprias (específicas do seu próprio arranjo), ele é devorado pela macroestrutura social. Dizem: “o LDRV sustenta o Facebook”, entretanto o Facebook ainda é necessário para acessar o LDRV. Mesmo que o *flood*, fruto da repetição, seja negado, o grupo é tema de campanhas publicitárias que inegavelmente vão ser replicadas tantas e tantas vezes nas redes.

O fato é que essa microambiência que o grupo cria está inserida numa macroambiência da midiatização. Dizer isso não é sinônimo de que esse espaço é isolado do mundo e que nada o atinge; antes, refere-se ao fato de que esse microambiente – de reinvenção contínua do jogo social ali desenvolvido – é fechado e, ao mesmo tempo, vazado ao macroambiente de midiatização. Ou seja, o arranjo é micro (tem suas próprias lógicas, características, ações e conjuntos) mas ele é também macro, no sentido de ser uma materialização da ambiência.

Essa impressão é na verdade um diálogo com a ideia de ambiência de Gomes (2017). Quando o autor sustenta a noção de que estamos vivendo num contexto em que o fenômeno de midiatização afeta transversalmente a sociedade, ele está reconhecendo uma virada fundamental nos modos de ‘ser e atuar’ em sociedade. Entretanto, parece que essa ambiência transversal acaba, de uma forma ou outra, se concretizando em microambientes, os quais, por sua vez, são tecidos por experimentações comunicacionais – à exemplo do próprio arranjo formado no grupo LDRV.

Isso significa dizer que a ambiência macro da midiatização se concretiza na microambiência do arranjo. A arquitetura desse microambiente interacional – que é tentativa – é o próprio corpo da midiatização *in loco*, no sentido de ser um tipo de articulação que é fruto direto da cultura e das novas dinâmicas interacionais. Tal olhar implica em entender que experimentar comunicacionalmente é uma evidência direta da ambiência da midiatização.

Entretanto, dizer que a macroambiência estrutura o arranjo não significa dizer que o arranjo é passivo ao ambiente. Esses microambientes são, antes de tudo, estruturantes da própria ambiência de midiatização. A cultura é tecida nesses grupos de Facebook e, sobretudo, isso faz pensar que tais conjuntos não se tratam de meros agrupamentos para falar de amenidades cotidianas, por exemplo. Mesmo que sejam utilizados para tais fins, eles são na verdade lugares – e essa expressão é aqui utilizada para se referir aos ambientes interacionais,

que podem ou não ser digitais – que moldam e dão corpo à cultura contemporânea de experimentação.

Dessa cultura em mediação, em que práticas e instituições historicamente estabelecidas vão sendo afetadas, deriva uma leitura potencial do microcosmos dos grupos de Facebook e afins. Trata-se de considerar estes espaços como lócus para o exercício da inventividade. Quer dizer, a capacidade de experimentar – sobretudo comunicacionalmente – que parece ser amplificada nesses ambientes subterrâneos da macroestrutura social, que negociam com (ou tencionam) práticas instituídas, é, afinal, o que arranja a própria cultura.

REFERÊNCIAS:

- AMARAL, Adriana. Manifestações da performatização do gosto nos sites de redes sociais: uma proposta pelo olhar da cultura pop. **Revista Eco Pós**, v. 17, n. 3, 2014. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1769/pdf_51>. Acesso em: 01 jan. 2020.
- BATISTA, Micheline Dayse Gomes. **Entre a rede e a comunidade: interação e comunicação nos grupos do Facebook—o caso do Direitos Urbanos| Recife**. 2015. 326 p. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2015.
- BECKER, Howard. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BEHS, Micael Vier. **Disrupções e regulações em circuitos e circulações difusas: a construção do caso sobre o boato da bruxa de Guarujá**. 2017. 223 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Cidade: São Paulo. Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Org.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BRAGA, José Luiz. Mediatização como processo interacional de referência. In: MÉDOLA, Ana Silvia; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática** – Encontro da XV Compós. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **Matrizes**, São Paulo, n. 2, p. 73-88, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38193>>. Acesso em: 24 fev. 2018.
- BRAGA, José Luiz. Pesquisando perguntas - um programa de ação no desentranhamento do comunicacional. In: FAUSTO NETTO, Antonio; FERREIRA, Jairo; BRAGA, José Luiz; GOMES, Pedro Gilberto (Org.). **Mediatização e processos sociais: aspectos metodológicos**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2010. v. 1.
- BRAGA, José Luiz. Dispositivos interacionais. **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS**, v. 20, p. 1-15, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2HepIhA>>. Acesso em: 12 out. 2019.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, JADER; JACKS, Nilda Aparecida (Org.). **Mediação e mediatização: Livro Compós 2012**. Salvador/Brasília: UFBA/COMPÓS, 2012.
- BRAGA, José Luiz. “O que a comunicação transforma”. In: BRAGA, José Luiz; FAUSTO NETO, Antonio; FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro Gilberto (Org.) **Dez perguntas para a produção de conhecimento em Comunicação**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2013.

BRAGA, José Luiz. Lógicas Da mídia, lógicas da midiatização. In: FAUSTO NETO, Antonio; ANSELMINO, Natalia Raimondo; GINDIN, Irene Lis (Org.). **CIM – Relatos de Investigaciones sobre mediatizaciones**. Rosário: UNR Editora, 2015.

BRAGA, José Luiz. et al. **Matrizes interacionais**: a comunicação constrói a sociedade. Campina Grande. EDUEPB, 2017.

BRAGA, José Luiz. Interagindo com Foucault: Os arranjos disposicionais e a Comunicação. In: Encontro Anual da Compós, 27., Minas Gerais. **Anais** [...]. PUC – Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 2018a, p. 1-21. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_TUYEGGUY90CMV19NHPB9_27_6300_08_02_2018_10_58_00.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2019.

BRAGA, José Luiz. A prática da teoria na pesquisa em Comunicação. Artigo de circulação interna do PPGCC da Unisinos. 2018b.

BRAGA, José Luiz. Vídeo de transmissão ao vivo do III Seminário Internacional de Midiatização. Mesa “Polarização e Aprendizagens sociais”. **Streaming Unisinos**, 08/05/2019. 3h40min23s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Dr4iXfxw0CU&feature=youtu.be&fbclid=IwAR2XnJ8eeAKHS20HaKQpYwOswXFDwq6Ykw6XwQYKAs7lE1oJAJnIXaFVp4A>>. Acesso em: 27 jul. 2019. Acesso em: 20 out. 2019.

CANAL TECH. Geek ou nerd? Conheça as principais diferenças. 2013. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/entretenimento/Geek-ou-nerd-Descubra-as-principais-diferencas-entre-eles/>>. Acesso em: 24 maio 2019.

CHUN, Wendy Hui Kyong. **Programed Visions: Software and Memory**. Londres. Mit Press, 2011.

COSTANTINO, Fernanda; BARATA, Luiza. Espaços híbridos e ressignificações: o exemplo do grupo de Facebook LDRV. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. INTERCOM, 2017, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<https://bit.ly/2RxVda2>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**. Editora 34, 2001.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Trad. Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva. 2015.

ESTADÃO. Facebook põe grupos no centro da rede. 06 ago. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/2M8cvei>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

FAUSTO NETO, Antonio. Midiatização – Prática social, prática de sentido. Trabalho apresentado no GT Políticas e Estratégias de Comunicação do **XV Encontro Anual da Compós** – UNESP – Bauru, 6 a 9 de junho de 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_544.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2018.

FAUSTO NETO, Antonio. A circulação além das bordas. **Mediatización, Sociedad y Sentido**: Diálogos brasil y Argentina. Rosário: UNR, 2010. P. 2-17. Disponível em:

<<http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3nsociedad-y-sentido.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2018.

FAUSTO NETO, Antonio. Midiatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & midiatização**. EDUFBA, 2012.

FAUSTO NETO, Antonio. Da convergência/divergência à interpenetração. **Operações de midiatização**: das máscaras da convergência às críticas ao tecnodeterminismo. Santa Maria: FACOS – UFSM, 2016a, p. 53-80.

FAUSTO NETO, Antonio. O conceito de recepção na obra de Eliseo Verón: 1968–2013. **Galáxia**, n. 33, p. 63-76, 2016b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/gal/n33/1519-311X-gal-33-0063.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FAUSTO NETO, Antonio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, v. 6, n. 2, p. 08-40, 2018. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma/article/view/13004>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FAUSTO NETO, Antonio. Vídeo de transmissão ao vivo do III Seminário Internacional de Midiatização. Mesa “Nas interfaces da polarização, política e cultura”. **Streaming Unisinos**, 09/05/2019. 3h27min35s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-eUIJeIb3uI>>. Acesso em: 04 set. 2019.

FERREIRA, Jairo. Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos. **Líbero (FACASPER)**, v. 1, p. 1-15, 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2NM0xE5>>. Acesso em: 10 nov. 2019.

FERREIRA, Jairo. Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **E-Compós (Brasília)**, v. 10, p. 1-15, 2007.

FERREIRA, Jairo. O caso como referência do método: possibilidade de integração dialética do silogismo para pensar a pesquisa empírica em comunicação. **In Texto (UFRGS. on-line)**, v. 27, p. 161-172, 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/view/33802/0>>. Acesso em: 24 set. 2018.

FERREIRA, Jairo. As metamorfoses da circulação: fluxos às questões de reconhecimento. In: CASTRO, Paulo Cesar (Org.). **A circulação discursiva**: entre produção e reconhecimento. 1ed. Maceio: EDUFAL, 2017, v. 1, p. 109-124.

FLUSSER, Vilém. **A história do diabo**. Editora Martins. São Paulo, 1965.

F8 2019 Day 1 Keynote. **Facebook for Developers**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/FacebookforDevelopers/videos/422572928569998/>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento: estudo sobre a recepção da TV Canção Nova**. 2009. 459 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de

Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2009.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à Miatização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: UNISINOS, 2017.

HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos miatizados: pesquisa da miatização na era da “mediação de tudo”. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 8. n. 1, Jan/jun/2014. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/82930>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

HJARVARD, S. The mediatization of society: a theory of the media as agents of social and cultural change. *Nordicom Review*, 29(2), p. 105-134, 2008. Acesso em: 12 nov. 2018.

INOCÊNCIO, Luana. High By The Sarrada: videomemes musicais, ativismo de fãs e performances de gosto nos sites de redes sociais. In: **Anais do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba: INTERCOM. 2017.

JANOTTI JR., Jeder Silveira. **Mídia e Cultura Juvenil: das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos**. 2003. Anais Compós XII: Recife/PE. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_944.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2018.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media**. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology: 2001.

MANOVICH, Lev. Novas mídias como tecnologia e idéia: dez definições. In: LEÃO, Lúcia (Org.). **O chip e o caleidoscópio**: reflexões sobre as novas mídias. São Paulo: Senac, 2005.

MANOVICH, Lev. **El software toma el mando**. Editorial UOC, 2014.

MARRE, Jacques. **A construção do objeto científico na investigação empírica**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. Disponível em: <http://gege.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/A%20constru%E7%E3o%20do%20objeto%20cient%EDfico.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2019.

MONTAÑO, Sonia. O usuário como constructo nas interfaces do Youtube. In: KILPP, Suzana (Org.) **Tecnocultura Audiovisual**: temas, metodologias e questões de pesquisa. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MEIO E MENSAGEM. **Skol lança websérie inspirada em grupo do Facebook**. On-line. Disponível em: <<https://bit.ly/2Mw61ms>>. Acesso em: 25 out. 2019.

NETO, Kaerre. Entrevista. **Como o LDRV se tornou a espinha dorsal do Brasil Memético**. [Entrevista cedida a] Marie Declercq. VICE, 23 nov. 2017. <https://www.vice.com/pt_br/article/kz3dz9/como-o-ldrv-setornou-a-espinha-dorsal-do-brasil-memetico>. Acesso em: 22 maio 2019.

NETO, Kaerre. **Falamos com Kaerre Neto, nome por trás do LDRV, um dos maiores grupos do Facebook.** [Entrevista cedida a] Stefani Sousa. Glamour, 20 nov. 2018. Disponível em: <<https://goo.gl/uPUUId>>. Acesso em: 11 fev. 2019.

NUNES, Maira de Souza et al. **God save the queer: mobilização e resistência Antimainstream no facebook.** 2017. 365 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens, Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Curitiba, 2017.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você.** Zahar, 2012.

PEIRCE, Charles (2001) Deducción, inducción e hipótesis. Traducción castellana y notas de Juan Martín Ruiz-Werner (tr., intr. y notas), Aguilar, Buenos Aires, 1970, p. 65-90, (1970). In: **Universidad de Navarra.** Disponível em <<https://bit.ly/2rpf6Da>>. Acesso em: 16 abr. 2019.

PROULX, Serge. Paradigmas para pensar os usos dos objetos comunicacionais. **Midiatização e as redes digitais: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados**, p. 41. Orgs.: Serge Proulx, Jairo Ferreira, Ana Paula da Rosa. FACOS-UFSM. Santa Maria. 2016.

ROSA, Ana Paula da. Imagens-totens em permanência x tentativas midiáticas de rupturas. In: ARAÚJO, Denize Correa; CONTRERA, Malena Segura (Org.). **Teorias da imagem e do imaginário.** São Paulo: Compós, 2014, p. 28-49.

ROSA, Ana Paula da. Tensões entre a criação e o vazio: os mashups como apropriações da imagem jornalística em espaços e tempos diferidos. **Midiatização e as redes digitais: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados**, p. 71. Orgs.: Serge Proulx, Jairo Ferreira, Ana Paula da Rosa. FACOS-UFSM. Santa Maria. 2016a.

ROSA, Ana Paula da. Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens. In: **Revista Interin**, v. 21, n. 2, Curitiba: UTP, p. 60-81, jul./dez 2016b. Disponível em: <<https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/465>>. Acesso em: 25 set. 2018.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. **Intercom** – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 21-33, maio/ago. 2019. Acesso em: 10 set. 2019.

SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Contemporânea-revista de Comunicação e Cultura**, v. 10, n. 3, p. 574-596, 2012. Acesso em: 03 fev. 2019.

SALES, Marcelo. O rosto do outro como fundamento ético em Emmanuel Lévinas. **Reflexão**, v. 30, n. 88, 2005. Acesso em: 15 dez. 2019.

SCHERER, Fernanda. **Consumo Midiático em Comunidade Online: Um Estudo Sobre o Mundo T-GIRL.** 2016. 202 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2016.

SILVERSTONE, Roger. **La moral de los medios de comunicación.** Sobre el nacimiento de la polis de los medios. Bueno Aires: Amorrortu, 2010.

SOARES, Thiago. **Cultura pop: Interfaces Teóricas, Abordagens Possíveis**. Anais Eletrônicos INTERCOM 2013. Fortaleza, 2013. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0108-1.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2020.

TECHTUDO. Google libera histórico público do Orkut com 51 milhões de comunidades. 30/09/2014. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2014/09/google-libera-historico-publico-do-orkut-com-51-milhoes-de-comunidades.html>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

TECMUNDO. Mais de 1 bilhão de pessoas participam de grupos de Facebook. 01/02/2016. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/facebook/94824-bilhao-pessoas-participam-de-grupos-facebook.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2019

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: Uma Teoria Social da Mídia**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

VAN DIJCK, José. **The culture of connectivity: A critical history of social media**. Oxford: University Press, 2013.

VERON, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix. Universidade de São Paulo, 1980.

VERON, Eliseo. Esquema para el analisis de la mediatización. **Revista Diálogos de la Comunicación**, Lima: Felafacs, 1997.

VERON, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

WESCHENFELDER, Aline. **Manifestações da midiatização-Transformação dos atores sociais em produção e recepção: O caso Camila Coelho**. 244 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2019.

XAVIER, Monalisa Pontes. **A Consulta transformada: experimentações de dispositivos interacionais “psi” na sociedade em midiatização**. 369 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2014.

Grupos, páginas e perfis acessados:

LDRV. Grupo fechado no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/LDRV12/about/>>. Acesso em: 22 set. 2019.

Music To Watch LDRV. Grupo fechado no Facebook para compartilhar conteúdos sobre música. Disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2JVDPtu>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV Manda Jobs: Grupo fechado no Facebook para compartilhar e/ou procurar vagas de emprego. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2YPURxx>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Esse não é o ldrv shitposting: Grupo fechado no Facebook de shitpost. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/30BXgxc>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV's MATERIAL GIRLS: Grupo fechado no Facebook destinado a venda de produtos. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2JydzWD>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV of Legends: Grupo fechado no Facebook para jogadores de Lol. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2WkKaoP>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada>. Acesso em: 20 fev. 2019.

VÊNUS EM LDRV: Grupo fechado no Facebook para compartilhar assuntos conteúdos relacionados a Astrologia. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2M4cx6I>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV OCULTISMO: Grupo fechado no Facebook destinado para estudos místicos. Grupo disponível no link a seguir:<<https://bit.ly/2JyOZoI>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019..

MAD FAT GEEKS LDRV: Grupo fechado no Facebook dedicado para compartilhar e interagir acerca de conteúdos destinados a comunidade Geek. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2YHduDt>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV MAKEUP: Grupo fechado no Facebook destinado a compartilhar conteúdo sobre Maquiagem. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/30BR5cB>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

Ultra Alolan LDRV: Grupo fechado no Facebook destinado a fãs de Pokémon. Grupo disponível no link a seguir:<<https://bit.ly/2M4vB57>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV NA GRINGA: Grupo fechado no Facebook destinado para compartilhar experiências de viagens e/ou moradia fora do Brasil. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2wd0JnV>>. Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

ESTUDA LDRV: Grupo fechado no Facebook destinado para estudos. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2wfYGzy>>.Possivelmente não se tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV SM: Grupo fechado no Facebook destinado para conversação em torno de fetiches e BDSM. Grupo disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2wdqZ1B>>. Possivelmente não se

tenha acesso diretamente, uma vez que é necessário solicitar a entrada. Acesso em: 20 fev. 2019.

Lana Del Ray VEVO. [Página oficial do grupo]. Facebook: @lanadelrayvevo. Disponível no link a seguir: <<https://www.facebook.com/lanadelrayvevo/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV Party. [Página das festas do grupo]. Facebook: @LDRVParty. Disponível no link a seguir: <<https://www.facebook.com/LDRVParty/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV Store. [Página onde divulgam-se alguns produtos que podem ser encontrados no site oficial do grupo]. Disponível no link a seguir: <<https://www.facebook.com/ldrvstore/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

Reclama LDRV. [Página de atendimento ao membro LDRV]. Página disponível no link a seguir: <<https://www.facebook.com/SAMLDRV/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

LDRV STORE. [Perfil de vendas no Instagram]. Instagram: @ldrvstore. Perfil disponível no link a seguir: <<https://www.instagram.com/ldrvstore/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

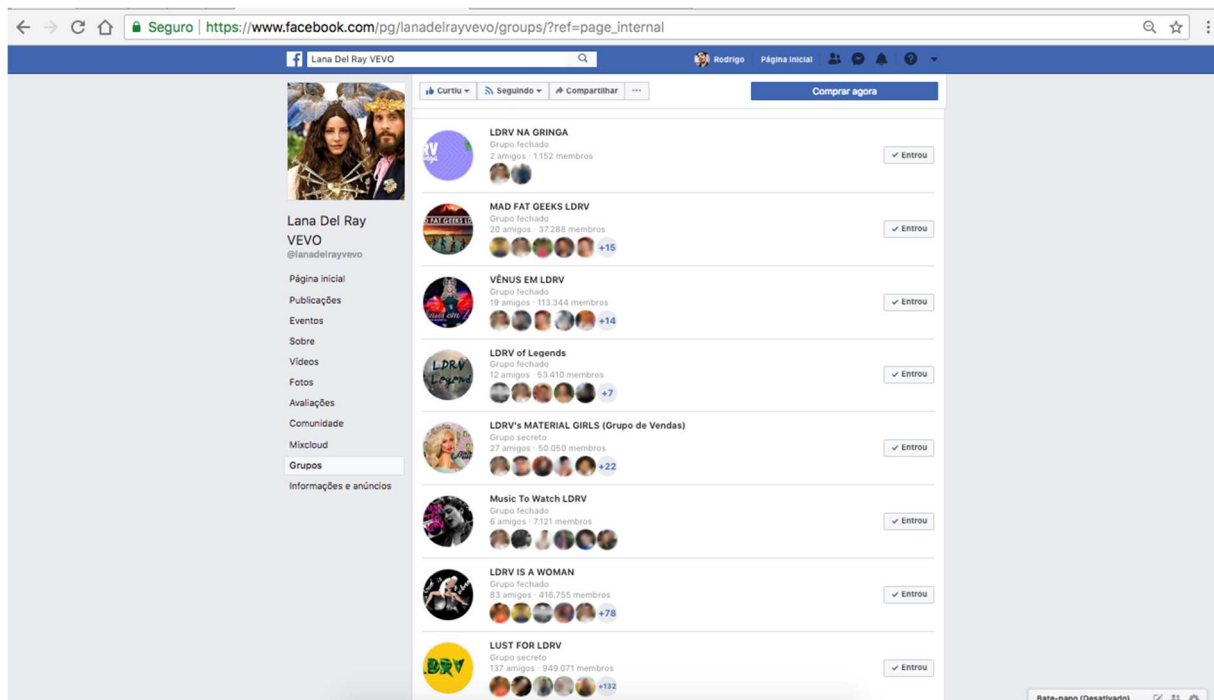
GRUPO LDRV. [Perfil do grupo no Instagram]. Instagram: @grupoldrv. Perfil disponível no link a seguir: <<https://www.instagram.com/grupoldrv/>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

GRUPO LDRV. [Perfil do grupo no Twitter]. Twitter: @ldrvgroup. Perfil disponível no link a seguir: <<https://twitter.com/ldrvgroup>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

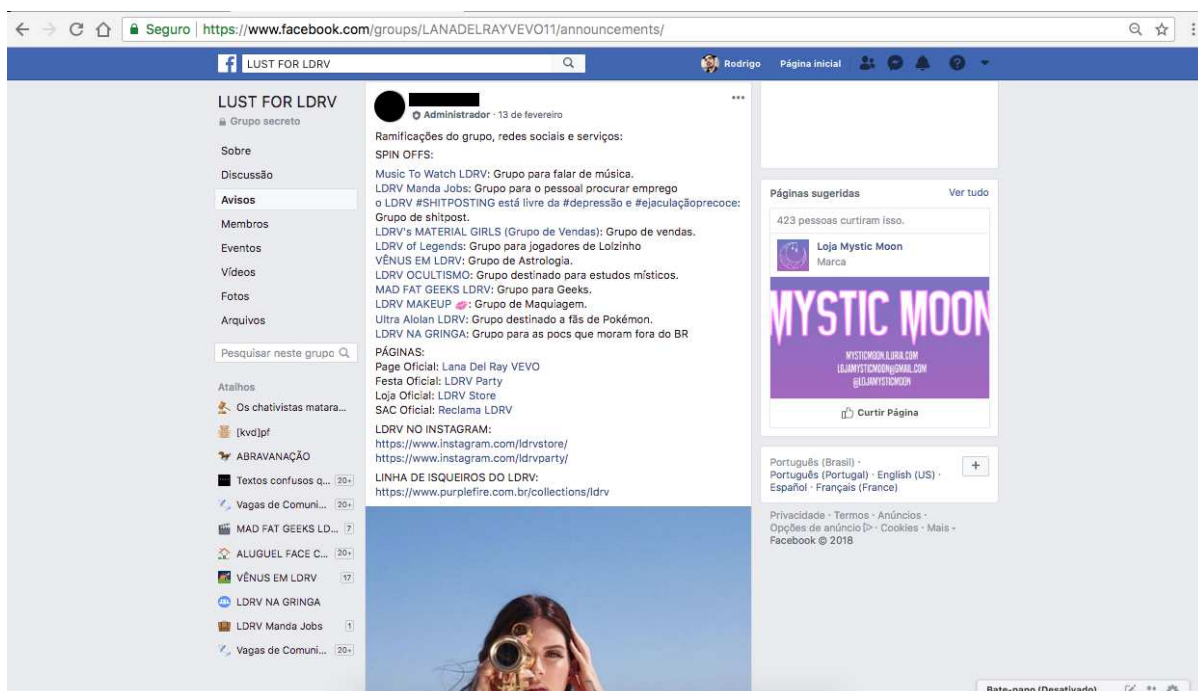
LDRV. [Perfil do grupo no LinkedIn]. LinkedIn: Perfil disponível no link a seguir: <<https://bit.ly/2YKtkh>>. Acesso em: 20 fev. 2019.

ANEXOS

Anexo A: Grupos vinculados a página principal.



Anexo B: Post de administradora mapeando grupos vinculados.



Anexo c: aviso sobre grupos LDRV “falsos”



Administrador · 18 de setembro de 2018

AVISO DA ADM

Por meio dessa postagem, venho avisar que o único LDRV oficial (com exceção dos spin-offs: LDRV Ocultismo, LDRV Manda Jobs, Vênus em LDRV, LDRV's Material Girls, Mad Fat Geeks, LDRV Of Legends e etc) é ESSE. Existem muitos LDRV's "genéricos" por aí e nesses grupos rolam coisas ABSURDAS por parte de alguns membros que nós jamais deixaríamos acontecer aqui dentro. Afinal, vocês sabem que a nossa staff faz o que pode pra manter esse ambiente ok para todos; a prova disso é que temos até um "serviço de atendimento ao membro", o [Reclama LDRV](#), pra atendê-los 24h por dia e estamos sempre de olho nas denúncias.

Quero deixar claro que nós NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS pelo que está fora do nosso alcance. Ou seja, não podemos resolver o que acontece dentro dos grupos fakes e não adianta nos procurarem quando a merda estiver fedendo. 🤔

Estejam cientes que o único LDRV principal oficial é este aqui e os restantes que se dizem "novas eras" tão é zoando com a cara de vocês, principalmente aqueles que pedem pra seguir o insta dos moderadores farofeiros na entrada (mico kkk). Para saber se o grupo em que estão é oficial ou não, basta olhar os adms: se o Kaerre* estiver lá, é porque você está no LDRV certo. Se não estiver, é cilada.

É isto.

Ps: nossos spin-offs também são administrados pelos moderadores e adms daqui.

* O Kaerre que citei aqui no post, pra quem não sabe, é o dono e criador do LDRV. O que essas pessoas dos grupos fakes fazem é literalmente se apossar do nome de algo que alguém criou sem autorização pra ganhar seguidores.

**CUIDADO
COM OS LDRV'S**